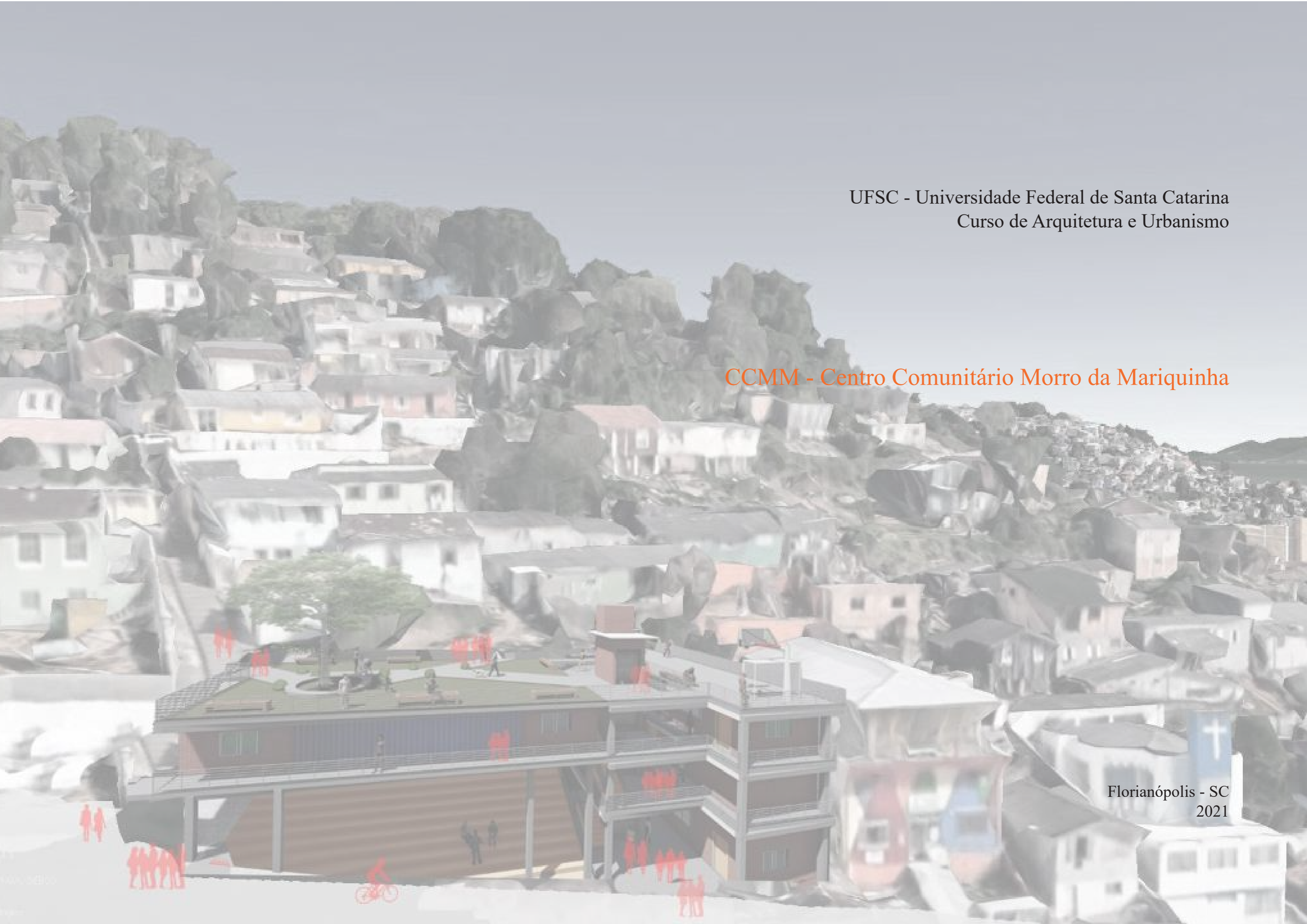


UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Arquitetura e Urbanismo

CCMM - Centro Comunitário Morro da Mariquinha

Florianópolis - SC
2021



CCMM - Centro Comunitário Morro da Mariquinha

Trabalho Desenvolvido para a aprovação final de graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC como requisito para a obtenção do título.

Acadêmico: Leonardo da Silva Batista

Orientador: Prof. Lucas Sabino Dias
Coorientador: Prof. Ayrton Portilho Bueno

Florianópolis - SC
2021

Este caderno apresenta uma proposta de um Centro Comunitário na área central de Florianópolis, na região do Maciço do Morro da Cruz para atender as demandas sociais. O projeto foi desenvolvido a partir da premissa de criar espaços de permanência e convivência, onde o usuário se relacione com sua comunidade, e reunir frequentadores de diversas classes e gêneros. O programa prevê, além do Centro Comunitário, uma praça aberta para realização de multiatividades, arquibancadas para descanso, Horta, refeitório e cozinha comunitária, atendimento social, sala compartilhada para atividades corporais, sala de vídeo e informática para inclusão digital. Isso tudo em um terreno de Zeis tipo 2 localizado no Morro da Mariquinha acessível pela rua Laura Caminha Meira.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	6
. 1.1 - Introdução, 7	
. 1.2 - Objetivo, 8	
. 1.3 - Justificativa, 9	
. 1.4 - Localização do Morro da Mariquinha, 10	
2. OCUPAÇÃO IRREGULAR.....	12
. 2.1 - Ocupação irregular no Rio de Janeiro, 12	
. 2.2 - Ocupação irregular em Florianópolis, 13	
3. O MORRO DA MARIQUINHA E O DIREITO À CIDADE.....	16
. 3.1 - O Morro da Mariquinha e o Direito à cidade, 14	
4. USO DO SOLO.....	24
. 4.1 - Zoneamento, 25	
. 4.2 - Gabarito de altura, 26	
5. O SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL.....	28
. 5.1 - Cronologia, 29	
6. REFERÊNCIAS ARQUITETÔNICAS.....	31
. 6.1 - Centro Comunitário Hangzhou, China, 32	
. 6.2 - Planta baixa / Corte, 33	
. 6.3 - Referência, 34	
. 6.4 - Herzog e de Meuron: Arena do Morro, Natal Brasil, 35	
. 6.5 - Planta baixa / Corte, 36	
7. CONDICIONANTES DO TERRENO.....	37
. 7.1 - Sobre a área de intervenção, 38	
8. IMAGENS DA ÁREA.....	42
. 8.1 - Imagens da área, 42	
9. REFLEXÃO.....	46
9.1 - Reflexão, 46	



10. AÇÕES DE PROJETO.....	47
. 10.1 - Croqui na lousa, 48	
. 10.2 - Croqui digital, 50	
. 10.3 - Linha de envolvimento coletivo no edifício, 52	
. 10.4 - Estratégias arquitetônicas, 53	
. 10.5 - Setorização, 65	
. 10.6 - Dados técnicos, 66	
. 10.7 - Programa de necessidades circulação, 67	
. 10.8 - Programa de necessidades térreo, 68	
. 10.9 - Planta baixa térreo, 69	
. 10.12 - Programa de necessidades primeiro pavimento, 72	
. 10.13 - Planta baixa primeiro pavimento, 73	
. 10.16 - Programa de necessidades segundo pavimento, 76	
. 10.17 - Planta baixa segundo pavimento, 77	
. 10.20 - Programa de necessidades cobertura, 80	
. 10.21 - Planta baixa cobertura - Implantação, 81	
. 10.24 - Corte A - A, 84	
. 10.25 - Corte B - B, 85	
. 10.26 - Corte C - C, 86	
. 10.27 - Corte D - D, 87	
. 10.28 - Corte E - E, 88	
. 10.29 - Fachada Norte, 89	
. 10.30 - Corte B - B, 90	
. 10.31 - Corte setorial, 91	
. 10.32 - Sistema estrutural, 92	
. 10.33 - Modelo 3D do CCMM, 93	
. 10.34 - Perspectiva, 94	
11. AGRADECIMENTO.....	98
. 11.1 - Agradecimento, 98	
12 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99



Figura 01: Vista frontal do projeto
Fonte: Desenvolvido pelo autor.



Figura 02: Vista da Av. Mauro Ramos para o Morro da Mariquinha
Fonte: Acervo do autor.

1.1 INTRODUÇÃO

O centro comunitário tem como objetivo atender a comunidade e ser um espaço de ação, expressão e integração social, abrigando ambientes de convívio e auxiliando no desenvolvimento da comunidade por meio de atividades sociais e culturais.

A motivação para o desenvolvimento deste projeto baseia-se não só nas propostas urbanas da área para requalificar o aspecto de conexão, convivência e oferecer equipamentos que atendam as necessidades da comunidade. Incluo também as minhas vivências por ser o local em que passei boa parte da minha infância, juventude e agora fase adulta. Presenciei as dificuldades em ter uma atividade no contra turno escolar, algo que fosse seguro e atrativo para minha idade e para os moradores de outras faixas etárias.

Ao contrário das outras comunidades que possuem quadras, bancos de descanso, parques, trilhas e áreas destinadas para festividades, os moradores do Morro da Mariquinha devem se deslocar para parte baixa (cidade formal), onde esses equipamentos estão relativamente acessíveis. Muitas vezes, são locais afastados. Entre ida e volta, perde-se muito tempo.

A construção de um centro comunitário mostra que a arquitetura pode interferir positivamente para auxiliar no desenvolvimento social, além de agregar valor à comunidade. Através da apropriação dos espaços existentes, é possível vivenciar mais a área, os vizinhos e aproximar os laços sociais que são perdidos pela falta de equipamentos de qualidade e espaços públicos saudáveis.

1.2 OBJETIVO

Geral

Anteprojeto arquitetônico de um Centro Comunitário para usos sociais e esportivos, fornecendo uma infraestrutura de qualidade e segurança na comunidade do Morro da Mariquinha, região central da ilha de Santa Catarina, em Florianópolis.

Específico

- Um espaço de convivência para os moradores.
- Promover áreas de estar, contemplação e passagem para os locais e visitantes.
- Acessibilidade no CCMM - Centro Comunitário Morro da Mariquinha .
- Promover ações de educação patrimonial, sanitária e urbana, envolvendo a comunidade na valorização da limpeza e no uso adequado dos espaços.
- Atividades que desenvolvam habilidades e expressões de comunicação oral, escrita e artística.
- Estimular o cultivo de hortas e o uso de materiais reciclados.



Figura 03: Perspectiva do projeto
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

São visíveis os efeitos do desenvolvimento das cidades por meio de um forte modelo capitalista sobre o controle da terra. De um lado, favorecendo os que possuem o poder de compra e conseqüentemente desfrutam da qualidade, acesso às atividades, recreação e socialização. De outro, segregando de forma sócioespacial os demais.

O espaço urbano público, aliado a um equipamento sociocultural transforma e eleva a qualidade de vida de seus usuários e comunidade como um todo. Minha proposta é reverter esse aspecto, sanar as carências no Morro da Mariquinha com espaços seguros e implantar a arquitetura de integração para comunidade.



Figura 04: Campo de chão batido no Morro da Mariquinha
Fonte: Acervo comunitário.

Quadra de chão batido no Morro da Mariquinha, espaço com proteção improvisada sem iluminação, bancos e lixeira. Sem um estudo de planejamento para realizar atividades.

1.3 JUSTIFICATIVA

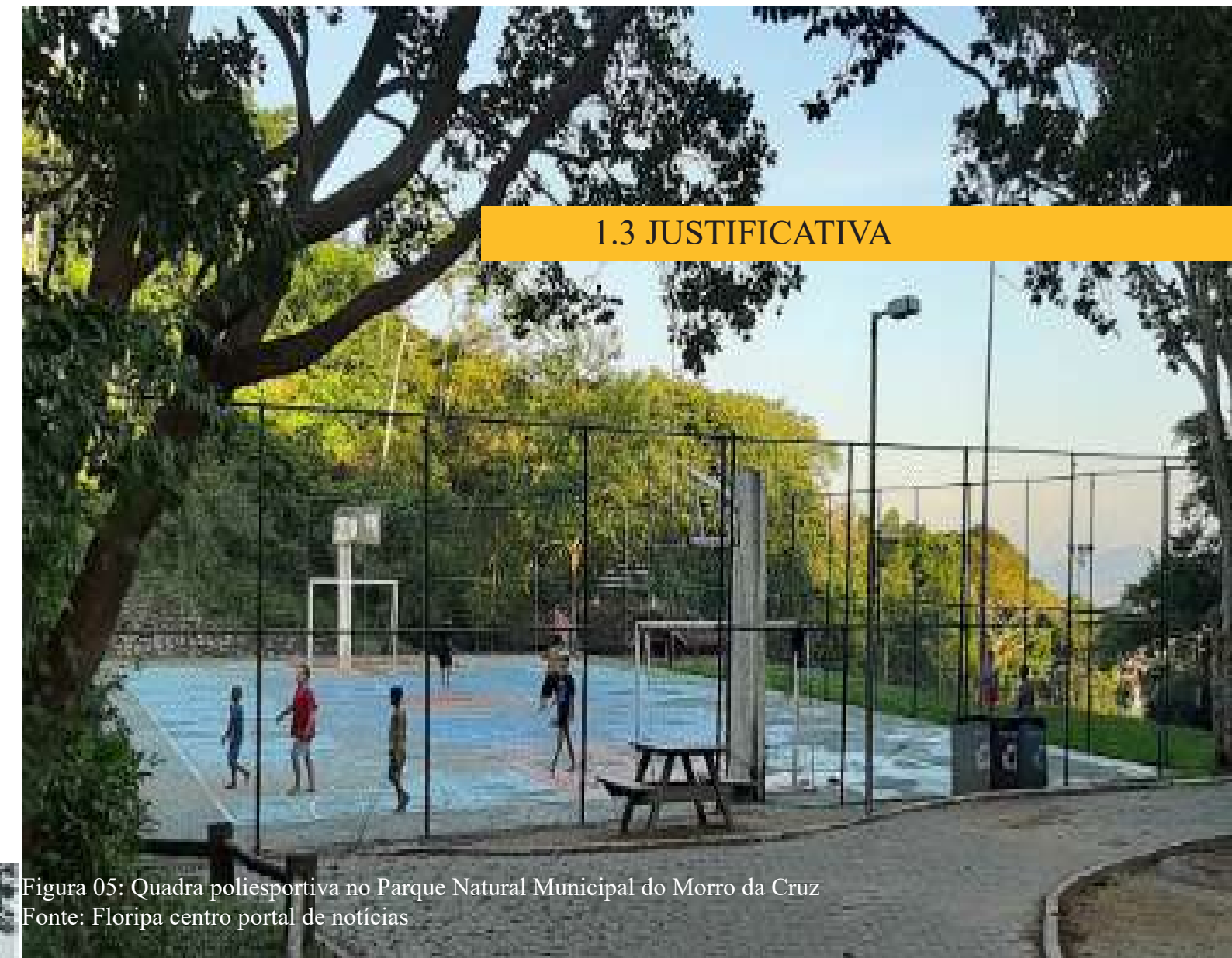


Figura 05: Quadra poliesportiva no Parque Natural Municipal do Morro da Cruz
Fonte: Floripa centro portal de notícias

Quadra multiuso no parque Municipal do Maciço do Morro da Cruz, espaço com proteção, iluminação, bancos, lixeira todo um estudo de planejamento para realizar atividades.

“ Esta é uma grande oportunidade para ampliar o acesso da população à cultura, incrementando a programação nesses locais... ” STUM. 2016

1.4 LOCALIZAÇÃO DA MARIQUINHA

Av. Mauro Ramos

Instituto Estadual de Educação

Tribunal de Contas de Santa Catarina

Tribunal de Justiça de Santa Catarina

Fórum da Comarca de Florianópolis

Rod. Gov. Gustavo Richard

Centro Sul



Figura 06: Mapa de localização do Morro da Mariquinha
Fonte: Google earth editado pelo autor.

Morro da Caixa do centro

Barreira de vegetação

Maciço do Morro da Cruz

Morro da Mariquinha / Proposta do projeto
Via principal Av. Mauro Ramos / Ruas de Acesso
Dr. Cid Gonzaga e Laura Caminha Meira

Ruas de Acesso Dr. Cid Gonzaga e Laura Caminha Meira

Barreira de vegetação

Hospital de Caridade, Hospital
Baía Sul e Pequena área comercial.

Morro do Mocotó

Arena da Prainha / Área esportiva

Limites do Morro da Mariquinha: Barreira pela vegetação,
impossibilidade de ligação direta com o Morro da Caixa e
o Mocotó.

OCUPAÇÃO IRREGULAR

2.1 OCUPAÇÃO IRREGULAR NO RIO DE JANEIRO

As primeiras favelas do Rio de Janeiro datam da virada do século XIX para o XX. Nesse caso, o marco seria o Morro da Providência, onde surgiu o Morro Favella. Alguns autores reconhecem o ano de 1897 como um marco dessa forma específica de ocupação dos morros cariocas, chamando a atenção a densidade populacional e às casas construídas por seus próprios donos. (Ferreira, 2008:4).

A ocupação e o termo Morro da Favella se deram pelos soldados da Guerra de Canudos um total de 10 mil soldados, que chegaram no Rio de Janeiro, com a garantia de terem habitações, reverenciando e dando o nome de morro da favela, devido a sua semelhança aos morros de Canudos, que eram revestidos de um arbusto de nome Favela.

O espaço urbano do Rio de Janeiro, e em boa parte no Brasil, foi construído para favorecer ao capital, se adequando as necessidades deste, forçando o deslocamento da população dos cortiços e favelas a uma determinada área da cidade. Essa política visa somente à valorização da área desocupada para futuros empreendimentos, sejam eles públicos ou privados.

Com o passar dos anos algumas questões permanecem para a população trabalhadora de baixa renda, que logo sem possibilidades de pagar um espaço de moradia com equipamentos necessários, tende a ser deslocado por políticas públicas vinculadas aos interesses do capital especulativo imobiliário, para os bairros periféricos, com problemas no abastecimento de energia elétrica, água, serviço de esgoto bem como equipamentos de lazer, segurança, escolas, hospitais, etc. A maioria das casas próprias são recorrentes da ilegalidade na compra dos terrenos que ainda são construídas em encostas por mão de obra de parentes.

A imagem ao lado é um comparativo destas ocupações irregulares, uma junção fotográfica do morro do Rio de Janeiro com o Maciço do Morro da Cruz em Florianópolis, uma semelhança impressionante da configuração socioespacial dessas áreas.

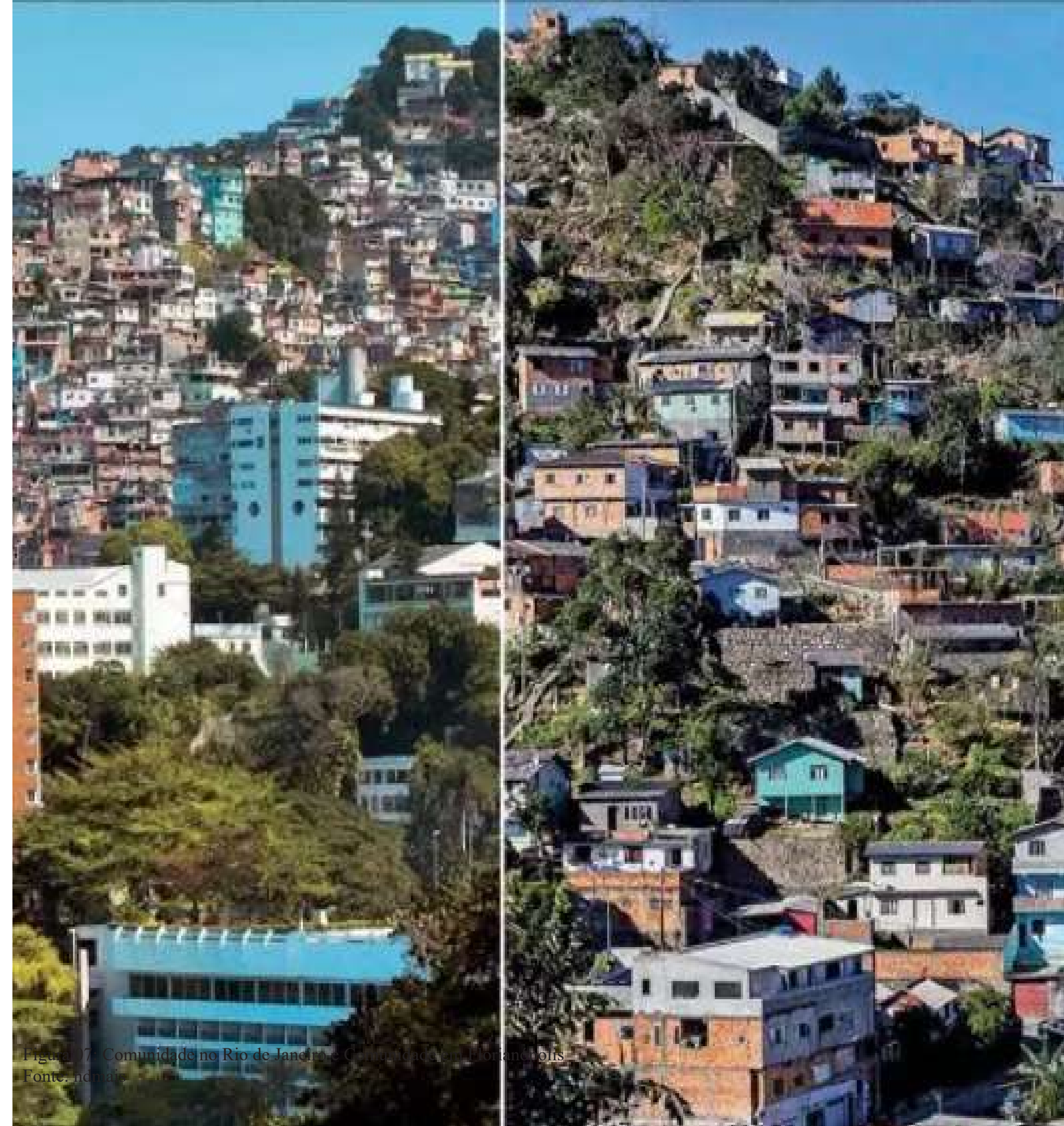


Figura 7. Comunidade no Rio de Janeiro e Comunidade em Florianópolis.
Fonte: não identificado.

2.2 OCUPAÇÃO IRREGULAR EM FLORIANÓPOLIS

Desde o início, a região central de Florianópolis foi marcada por atividades comerciais, por conta da sua proximidade com o porto. A rua Augusta hoje chamada de João Pinto, e do Príncipe, conhecida atualmente como Conselheiro Mafra era ocupada pela elite na parte superior e comércio na parte inferior.

Partindo para década de 70, começaram a surgir transformações urbanas, demandadas pelo novo ciclo de desenvolvimento, é época que acontece o aterro da Baía Sul, que serviria para suportar a Ponte Colombo Salles, inaugurada em 1975. Florianópolis nessa mesma época seguiu o planejamento urbano adotado no Brasil a partir da década de 50, um planejamento que dividia a cidade de acordo com as suas funções. Deixando claro a divisão da cidade, para moradia comércio, indústrias, eliminando o caráter misto existente anteriormente. O Plano Diretor de Florianópolis de 1976, proibia a construção de edifícios residenciais no centro. Essas ações iniciaram o processo de esvaziamento dos centros.

Segundo o doutor em Planejamento Urbano Élson Pereira. – A classe média foi saindo dos Centros Históricos por um duplo processo: primeiro pelo próprio planejamento, que via que a cidade tinha que ser setorizada e promovia a moradia em condomínios fechados, loteamentos residenciais exclusivos. Depois, surgiu uma dinâmica que começou a incentivar os Shopping Centers e tirava o comércio e cinemas do centro da cidade, então esvaziou esse tipo de uso. Atualmente o centro histórico de Florianópolis com sua arquitetura açoriana dá lugar para lojas e restaurantes comerciais.

Em aspectos histórico a centralidade de Florianópolis teve seu processo de ocupação e degradação urbana por pessoas de baixa renda, muitos ex escravos que trabalhavam em casas de famílias ricas na área central do Mercado Público. Pesquisas na casa da memória, entrevistas com moradores mais antigos e líder comunitário, apresentaram que a construção da favela se deu

primeiro na cabeceira da ponte Hercílio Luz e que logo em seguida foram deslocados para o Moro do Mocotó e depois tomou todo o entorno, que teve um grande crescimento populacional em 1957 e 1978.

Segundo PAMPLONA (1999) a expansão ocorrida no centro da cidade se deu após a ligação terrestre a ilha com o continente, em 1926, deu origem a uma crescente especulação imobiliária e consequentemente a uma valorização das áreas periférica do centro.

As ocupações irregulares das áreas com cotas elevadas do Maciço são caracterizadas como espinhas de peixe em que, ou seja, o tronco central coincide com as linhas de drenagem do morro. Segundo Pimenta (2011), acaba formando bairros estanques e desarticulados entre si, restringindo as possibilidades de deslocamentos horizontais de mesma cota.



Figura 08: Comunidade do Maciço Central do Morro da Cruz seguem, em sua maioria, o modelo de desenvolvimento conhecido como espinha de peixe. Fonte: Mauro Vaz

O processo de ocupação do Maciço central do Morro da Cruz iniciou-se no princípio do século XX. Escravos libertos e posteriormente as populações expulsas em razão das políticas higienistas foram os primeiros a se fixarem nas partes baixas da porção Oeste do Maciço. Tais assentamentos estavam ainda vinculados ao pequeno centro fundacional localizado às margens da Baía Sul. (LONARDONI, 2007 apud PIMENTA E PIMENTA, 2002).

As moradias mais recentes enfrentam os riscos das cotas elevadas, grande aclividade e baixa qualidade construtiva, contribuindo para acidentes iminentes, como o caso do desmoronamento que matou uma pessoa e deixou vários desabrigados no ano de 2011, por conta de chuvas intensas.



Figura 09: Desmoronamento no Morro da Mariquinha 2011. Fonte: ndmais



Figura 10: Centro histórico de Florianópolis. Fonte: Casa da memória



Figura 11: Campo de chão batido no Morro da Mariquinha em Florianópolis
Fonte: Acervo comunitário

3.1 O MORRO DA MARIQUINHA E O DIRETO À CIDADE

A falta de assistência e planejamento urbano perpetuam o isolamento entre áreas informais e formais, excluindo muitas comunidades do Brasil assim como o Maciço do Morro da Cruz, o que propicia aos mais fragilizados o direito de usufruir do direito à cidade e as possibilidades de uma melhora na qualidade de vida. O planejamento urbano deve proporcionar igualdade e integração de toda a população, tal ação apenas é possível com o uso nacional do orçamento público, buscando compreender as dinâmicas e carências sociais, através de políticas públicas e inovadoras para todas as camadas da sociedade.

O Morro da Mariquinha conta com uma população de aproximadamente 2000 pessoas e 300 residências, sua comunidade é mais um reflexo claro dessa falta de desenvolvimento, ocupação desprovida de iniciativas urbanas, sem áreas de qualidade, lazer e convivência. Isolada no Maciço do Morro da Cruz, onde os moradores realizam constantes movimentos pendulares para terem o direito de fazer parte da cidade.

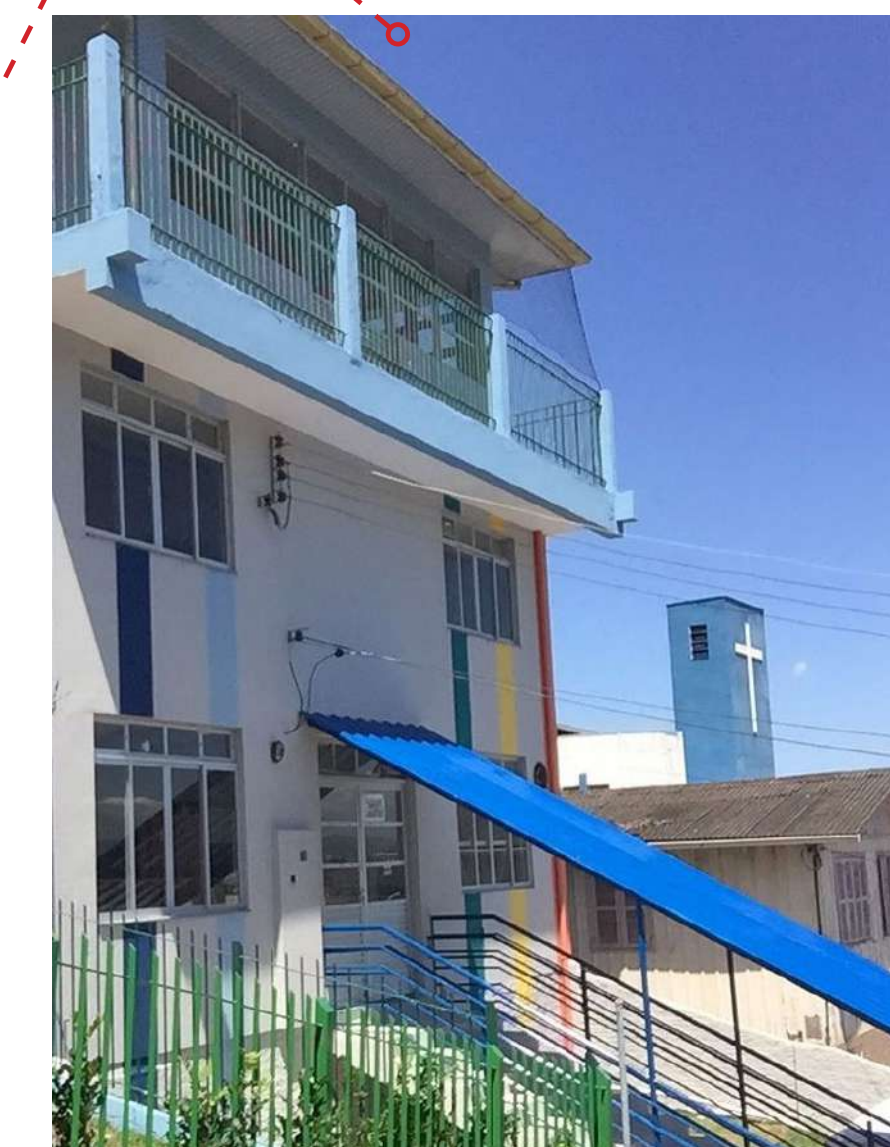
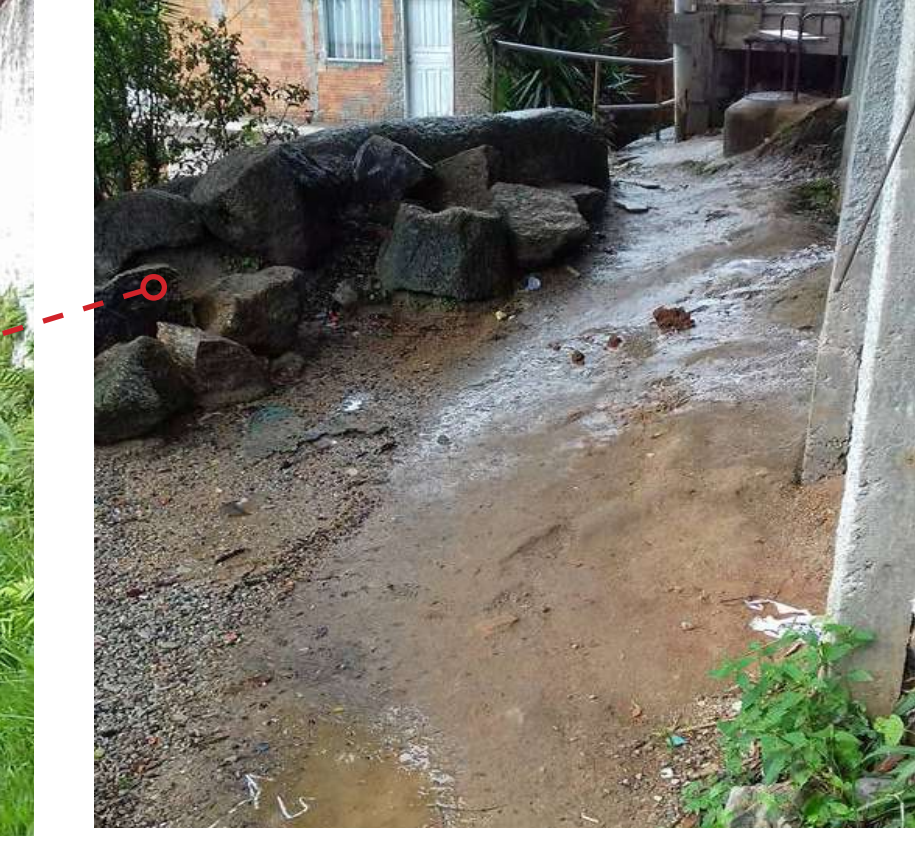


Figura 12: Apresentação no Morro da Mariquinha
Mercadoria local
Fonte: Acervo do autor.

No Morro da Mariquinha existem poucos lugares públicos para comunidade, tais espaços limitam a realização de manifestações, na imagem acima uma mercearia servindo como palco de apresentação. Este local foi onde ocorreu a apresentação teatral 5 minutos do ator Leandro Batz. É possível observar que é um espaço pequeno e desconfortável, no dia da apresentação não conseguiu abrigar todas as pessoas como visto na figura 12. A estrutura do local conta com uma meia cobertura presente só na entrada.



Figura 13: Becos e vielas no Morro da Mariquinha
Fonte: Acervo do autor.



Os becos e vielas também são usados como áreas de lazer e encontros, são lugares sem iluminação, proteção ou segurança estrutural, fortalecendo uma relação de insegurança devido ao clima e conflitos territoriais urbanos.

Ao lado a creche e igreja da comunidade, às vezes são usados como ponto de encontro, mas sua funcionalidade e usos são para um público específico.

Figura 14: Creche e Igreja da comunidade
Fonte: Acervo do autor.



Figura 15: Parque Natural Municipal do Morro da Cruz
Fonte: Floripa centro



Figura 16: Trilha Parque Natural Municipal do Morro da Cruz
Fonte: Floripa centro



Figura 17: Quadra poliesportiva Parque Natural Municipal do Morro da Cruz
Fonte: Floripa centro



Figura 18: Praça Monte Serrat
Fonte: Acervo do autor



Parque no Morro da Caixa inaugurado no ano de 2019, ambiente com Playground, vegetação rasteira, campo aberto para encontros e apresentações, segurança monitorada, iluminação, pista de caminhada, fontes e mirante. Este parque assim como o Parque Municipal do Morro da Cruz, apresenta dificuldades de ligação com o Morro da Mariquinha devido a sua barreira de vegetação.

A chamada cidade formal apresenta uma linguagem totalmente diferente do que é visto nos morros do Maciço com destaque para o Morro da Mariquinha. O poder público realiza um alto estudo e planejamento urbano, tendo em vista as praças novas e requalificadas em Florianópolis com caminhos e espaços atrativos, segurança, iluminação e atividades para todos os usuários. Ao lado uma imagem da praça Nossa Senhora de Fátima no estreito, um projeto de revitalização que foi entregue no ano de 2021.



Figura 19: Praça revitalizada Nossa Senhora de Fátima / estreito
Fonte: Portal da ilha digital

Na imagem ao lado uma praça na Av. Hercílio Luz revitalizada e entregue no ano de 2021. Um caminho interessante com bancos e playground em um espaço bem agradável e arborizado no centro de Florianópolis.

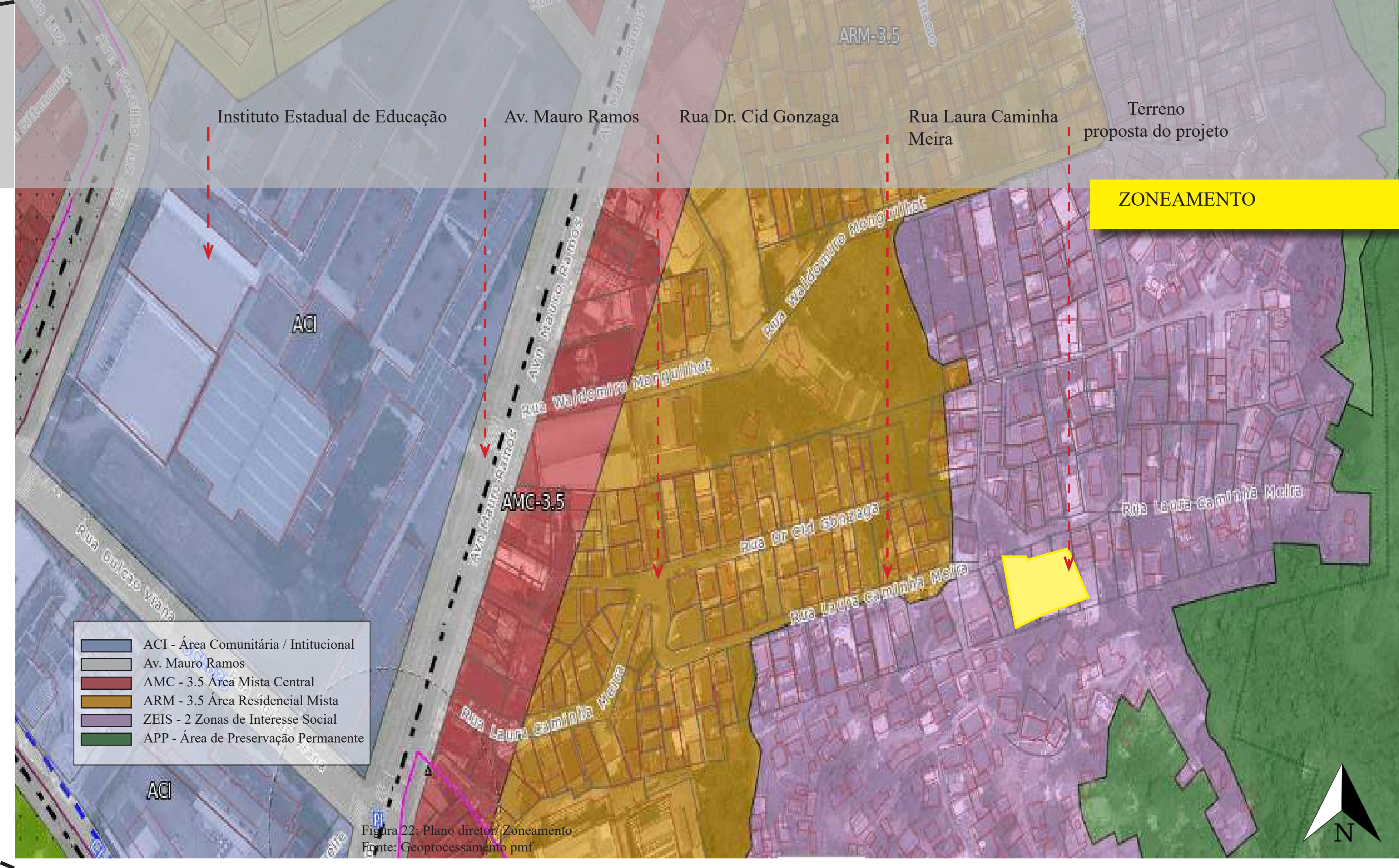


Figura 20: Praça Olívio Amorim Av. Hercílio Luz centro de Florianópolis
Fonte: ndmais

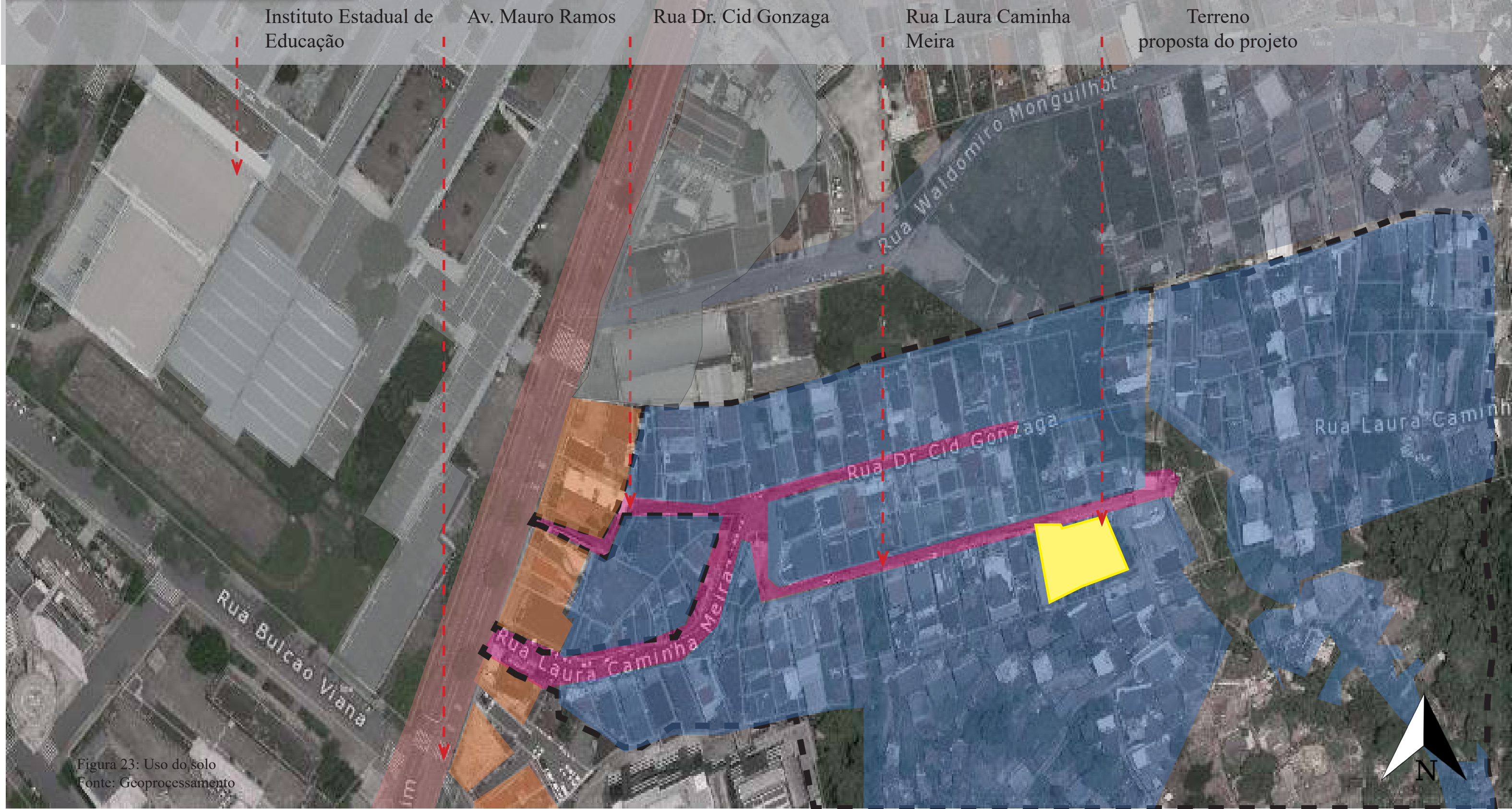


Figura 21: Arena da Prainha
Fonte: Portal Marketing of

Arena da prainha em frente ao Morro do Mocotó, espaço que leva em média de 45 minutos do Morro da Mariquinha até o local.



GABARITO DE ALTURA



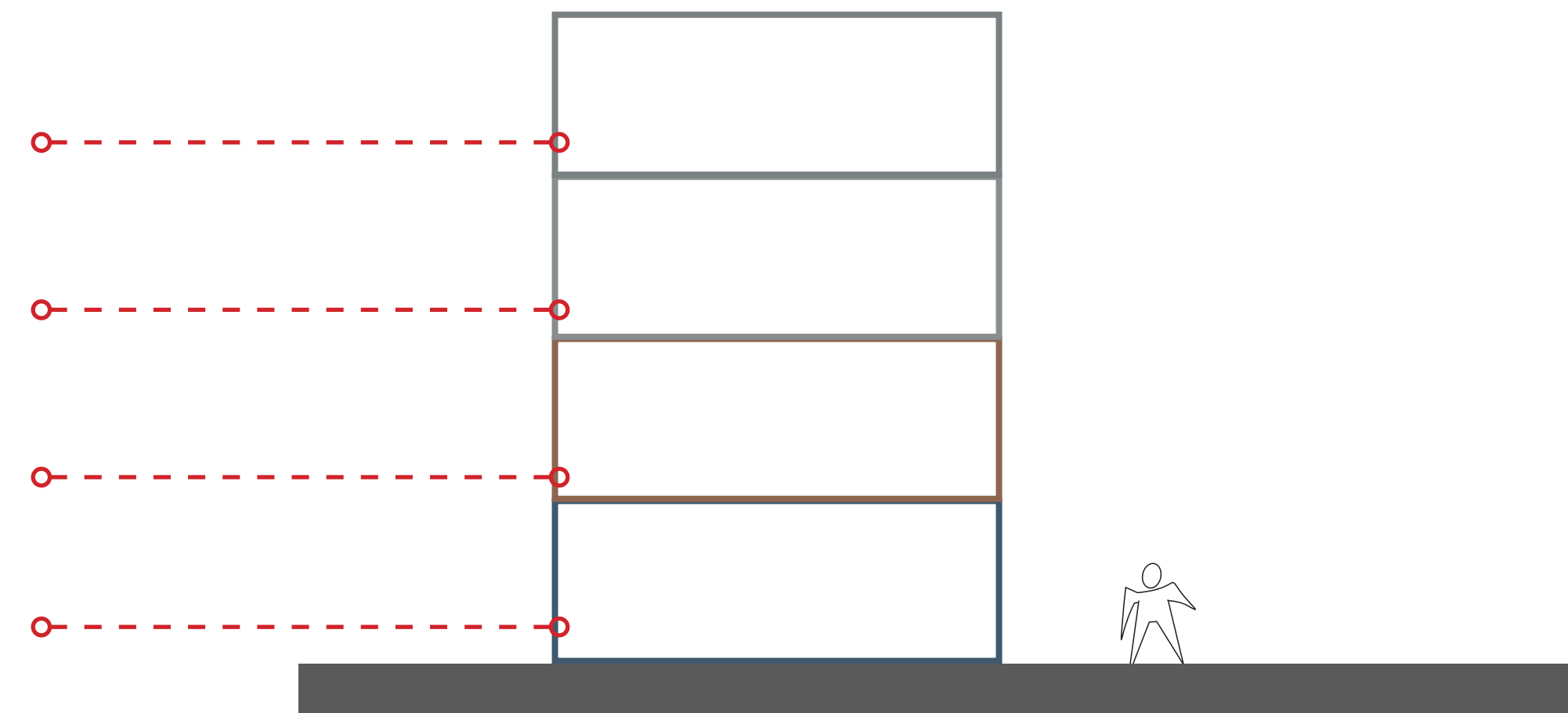
GABARITO

Edificações com mais três pavimentos

Edificações com três pavimentos

Edificações com dois pavimentos

Edificações térreas (maioria).



Caráter urbano presente

Predomínio - Área mista comercial e residencial.

Comércio - Localizado na Av. Mauro Ramos trânsito rápido.

Ausência de áreas verdes e equipamentos de lazer.



Figura 27: Interior da área administrativa projeto CCMM
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

5.1 CRONOLOGIA

De acordo com o jornalista e filósofo Weissheimer (2006, p.9) no Brasil os 10% mais ricos da população são donos do total de renda nacional, enquanto os 50% mais pobres - 87 milhões de pessoas ficam com apenas 13,3% do total da renda nacional. As desigualdades sociais não são atuais isso reflete na importância do atendimento através das ações de apoio para que essas pessoas não deixem de existir. Como ponto de partida na Grécia e Roma antiga surgem os primeiros registros de ações de assistência social estatal, onde se realizava a distribuição de trigo aos mais carentes. Na civilização judaico-cristã tornaram a caridade e o bem ao próximo como moral de conduta. Na idade média o cristianismo incentivava a presença de confrarias que dava suporte aos doentes e órfãos.

A origem do serviço social no Brasil apresenta suas raízes na caridade, na filantropia e solidariedade religiosa. O risco social começa a tomar forma em 1929 com a expansão do capital, e a solidariedade passa ser condição de direito.

1938 - Primeiras Instituições Sociais no Brasil: CNSS - Conselho Nacional de Serviço Social, com finalidade de organizar as ações assistenciais.

1955 - Criada a APASSP - Associação Profissional das Assistentes Sociais de São Paulo, Desativada em 1970 e reativada em 1977.

1970 - Domínio da Ditadura Militar, diminuição dos recursos, empobrecendo o setor, atuando assim limitado à meras executores de políticas sociais.

1930

1940

1950

1960

1980

1936 - Primeira referência de Serviço Social no País, herança do homem livre, social de ações e práticas religiosas.

1946 - Criada a fundação Leão XIII atuante junto aos moradores das favelas e o SESI - Serviço Social da Indústria, inserindo o empresariado nas políticas de controle social.

1962 - Criado o CFAS - Conselho Federal de Assistentes Sociais, orientador e fiscalizador das profissionais e Conselhos Regionais de Assistentes Sociais (CRAS).



1988 - Criação da Política de Seguridade Social, englobando a Assistência Social, passando a ser direito do cidadão, instituído pela Constituição Federal de 1988.

1996 - Criado a Legião Brasileira de Assistência e criação do Ministério da Previdência.

2007 - Ampliação do PROJOVEM para jovens de 15 a 24 anos. Famílias vulnerabilizadas são atendidas na abrangência territorial ao CRAS.

2017 - O CNAS entrega carta dos usuários à secretaria nacional de Assistência Social, em busca de direitos e participação da política pública de Assistência Social.

1980

1990

2000

2005

2010

2015

1980 - Devido aos altos índices de pobreza, fome e desnutrição, são inseridos diversos programas de ação fragmentados.

1993 - A LOAS - Leis Orgânica de Assistência Social começa a ser implementada, abrangendo benefícios a idosos, deficientes, crianças e adolescentes.

2005 - Aprovado o PROJOVEM - Programa de apoio nacional a inclusão do jovem com qualificação para o jovem de 18 a 24 anos.

2010 - O financiamento dos serviços sócioassistenciais é por meio do piso Básico Variável.

REFERÊNCIA ARQUITETÔNICA



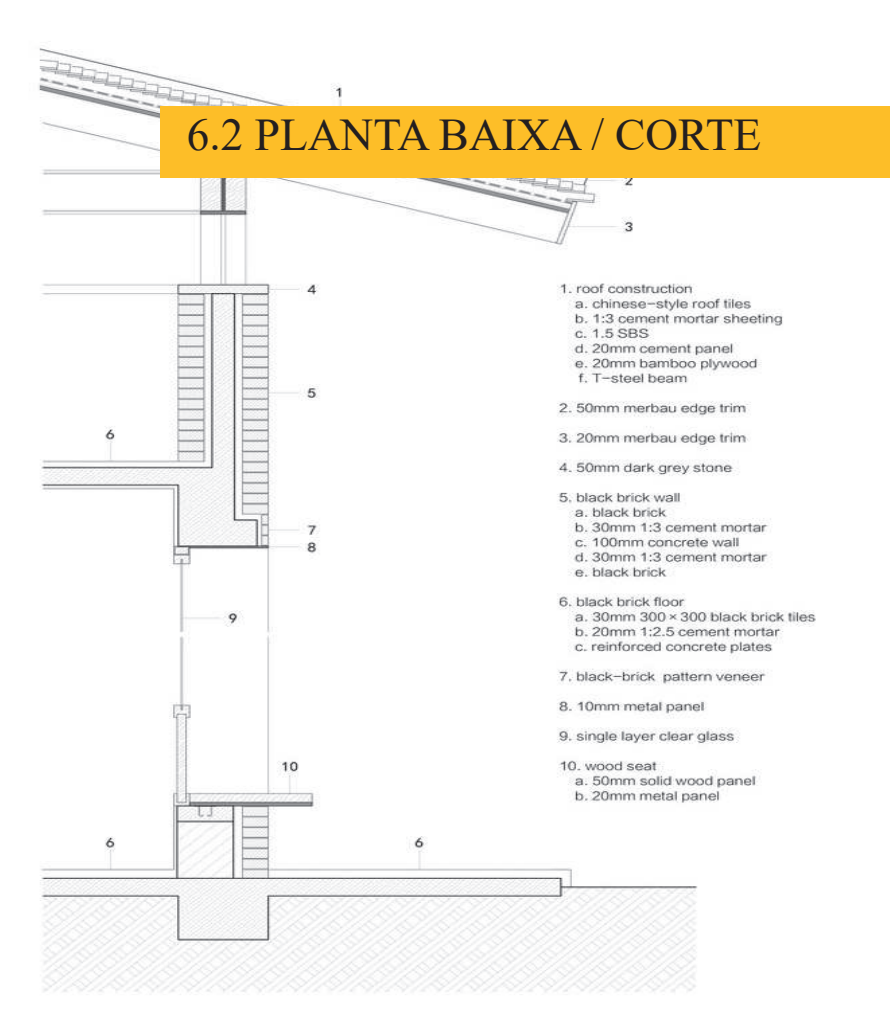


6.1 Centro Comunitário Hangzhou, China

Figura 24: Centro Comunitário Hangzhou, China
Fonte: Archdaily



Figura 25: Planta baixa, corte e corte de pele
Fonte: Archdaily



6.2 PLANTA BAIXA / CORTE

- Arquitetos: Gad.Line+Studio
- Área: 686m²
- Ano: 2007
- Local: China

Características para o centro

- Local de encontros
- Atividades sociais
- Integrar o edifício ao entorno do bairro
- Materiais construtivos mais tradicionais do local

O interessante deste projeto é que ele possui pequenos espaços abertos e semi abertos dentro do edifício, proporcionando diversidades, riquezas e sutilezas na vida cotidiana do pequeno vilarejo chinês. As pessoas podem atravessar o edifício livremente, cortando caminho entre as ruas do bairro ou passando para descansar à sombra de sua grande cobertura que faz a ligação entre o espaço exterior e interior. O contexto de envolvimento da população com o projeto é algo que me levou a analisar essa estrutura, afim de ampliar as conexões entre os moradores da vizinhança, promovendo ainda a integração da comunidade.

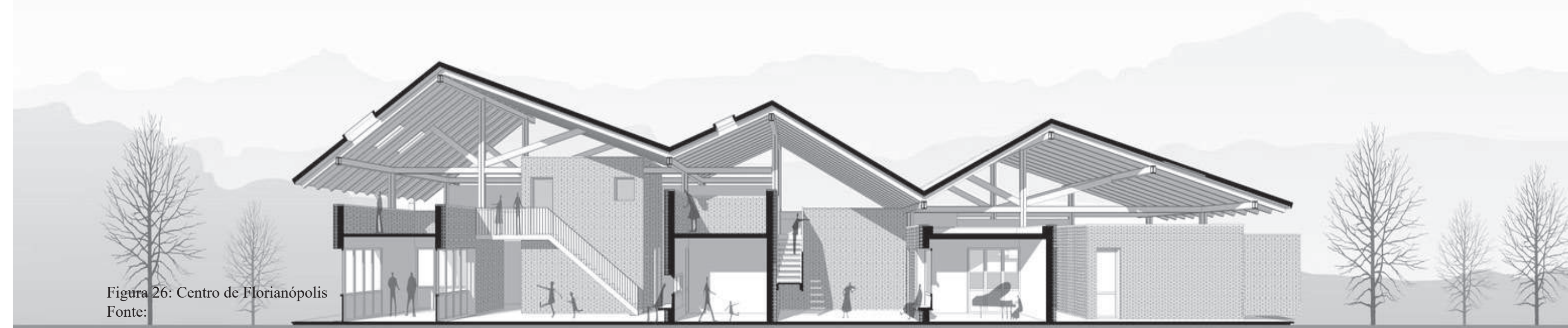


Figura 26: Centro de Florianópolis
Fonte:



6.4 Herzog e de Meuron: Arena do Morro, Natal Brasil



Figura 27: Herzog e de Meuron: Arena do Morro, Natal Brasil-
Fonte: Archdaily

- Arquitetos: Herzog e de Meuron
- Área: 1964m²
- Ano: 2014
- Local: Natal

Características para o centro

- Local de encontros
- Atividades sociais
- Destacar o edifício ao entorno do bairro
- Materiais construtivos simples

Este é o primeiro projeto de Herzog e de Meuron construído no Brasil, o ginásio poliesportivo na comunidade carente Mãe Luiza, na capital potiguar, possui ampla cobertura metálica e salas circulares para dança e educação cujas paredes de vedação se prolongam e desmembram nas divisas da edificação. Uma proposta urbana que pretende promover a comunidade espaços coletivos de recreação, esporte, cultura e educação. Esse projeto tem uma simplicidade dos materiais todos aparentes com um detalhamento construtivo meio monolítico, meio permeável, qualificado pela brisa e transparência contida.

6.5 PLANTA BAIXA / CORTE

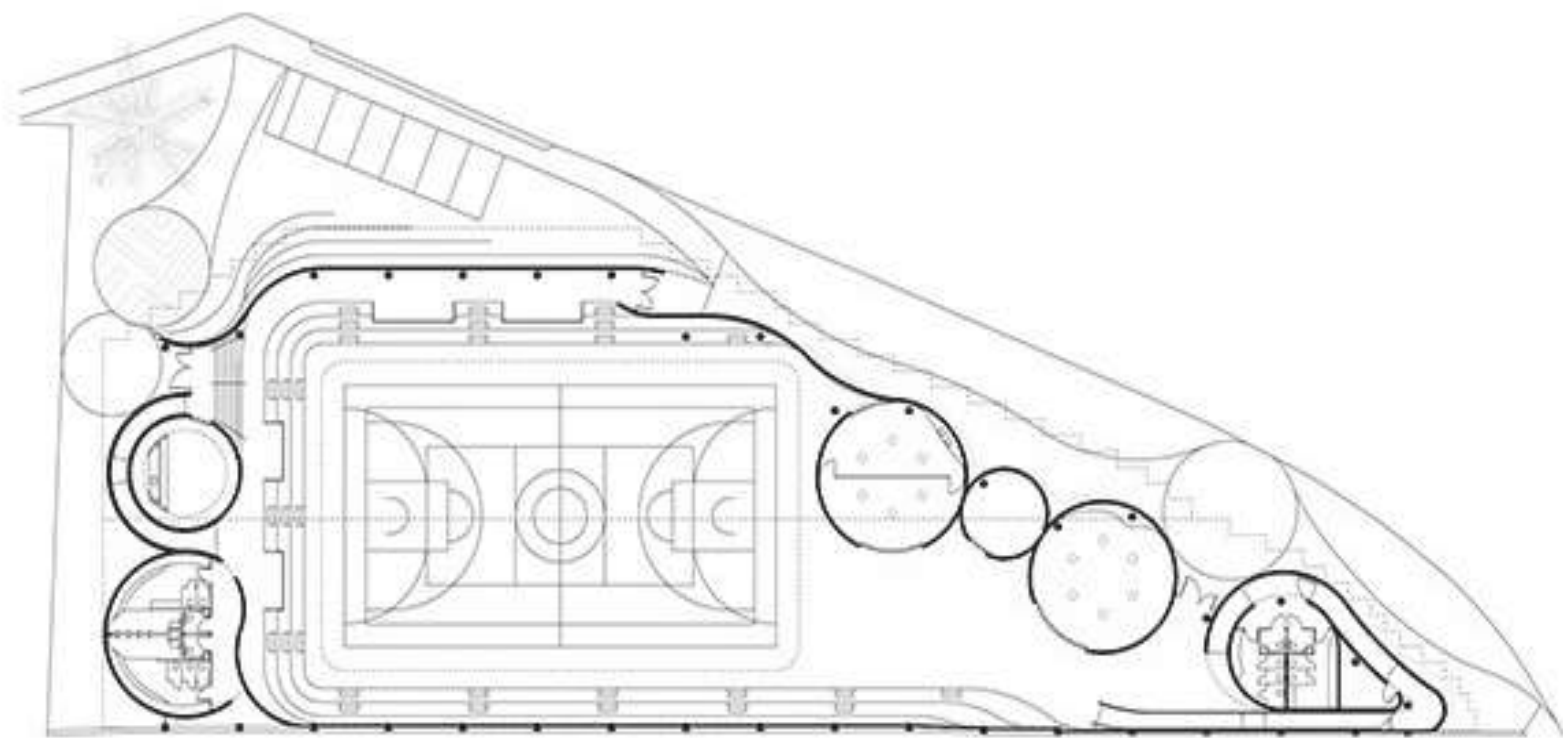


Figura 51: Planta baixa
Fonte: Archdaily

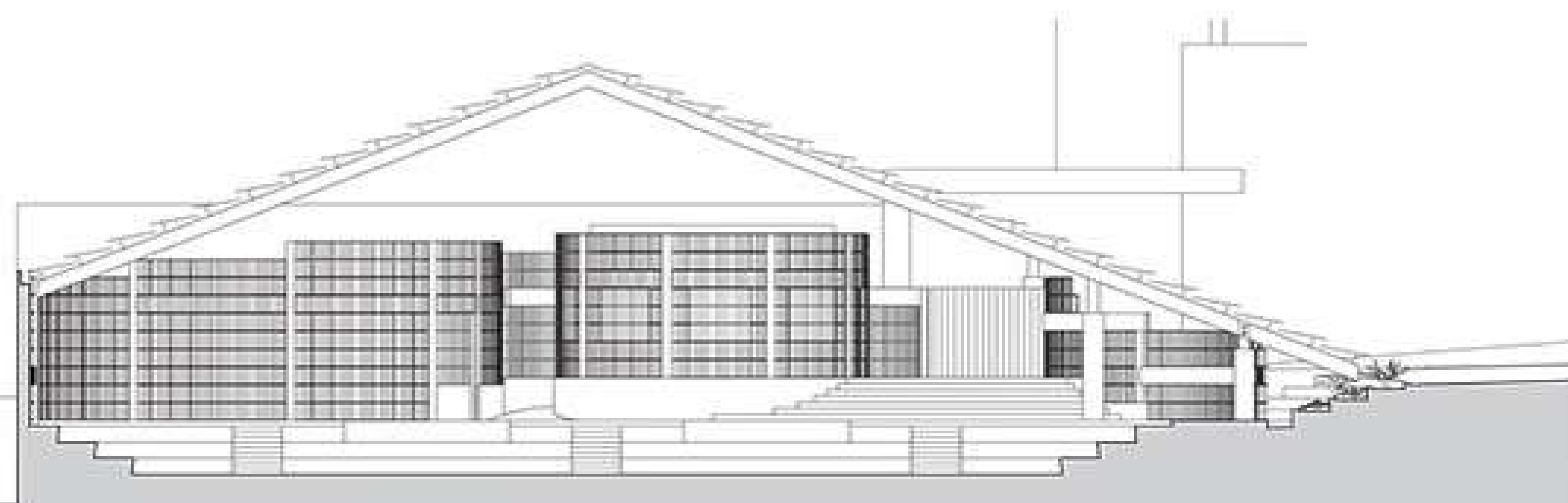


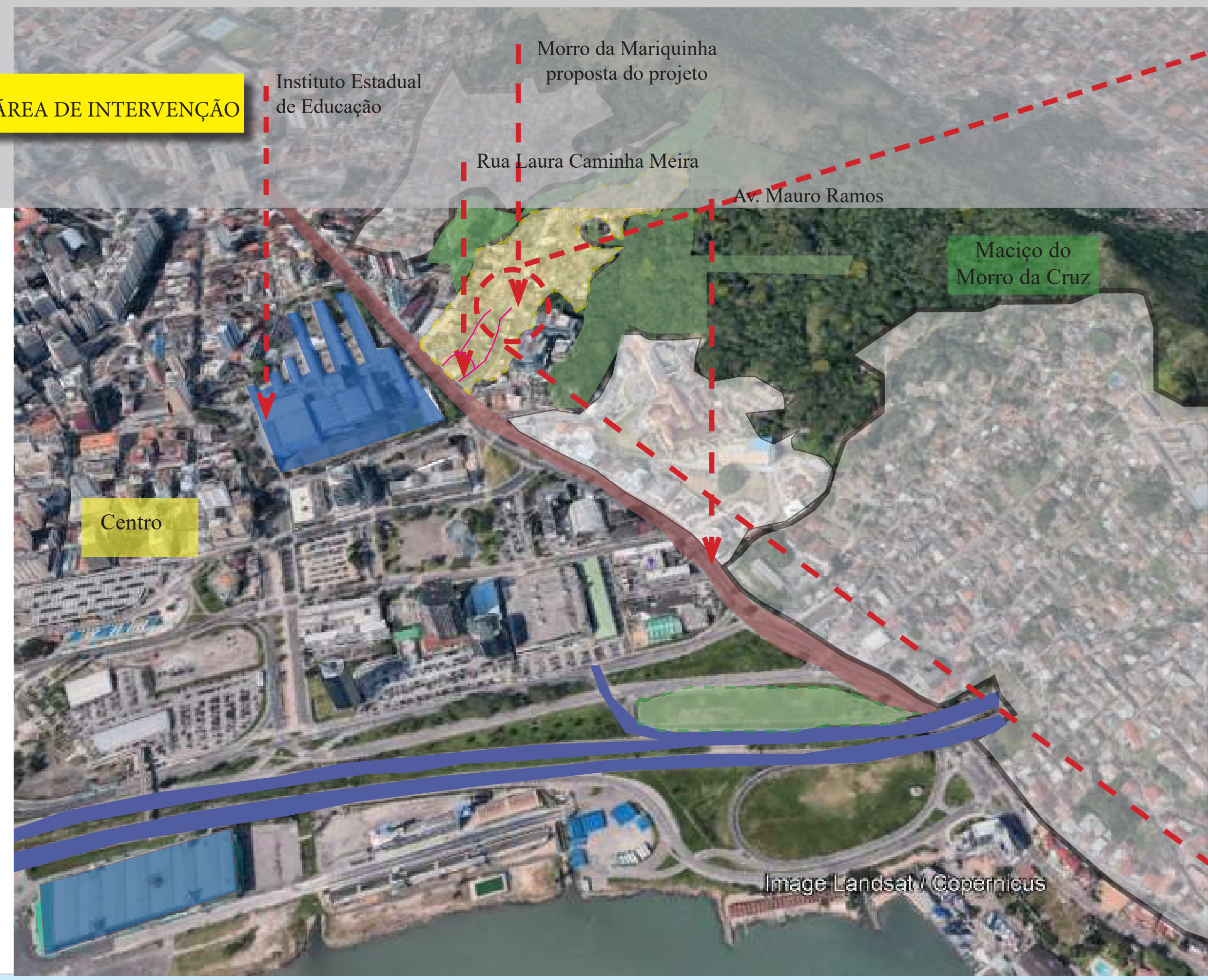
Figura 32: Corte
Fonte: Archdaily

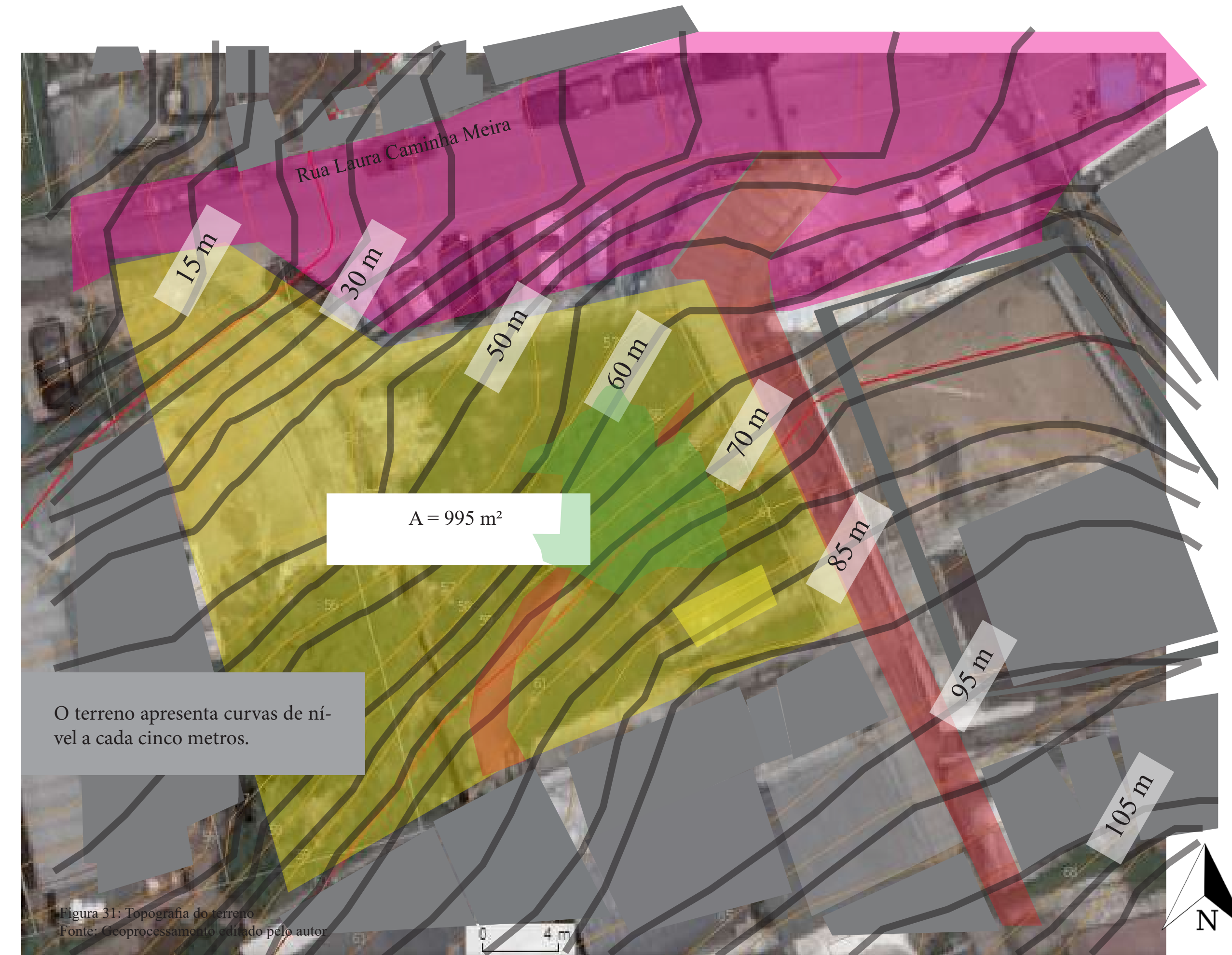
CONDICIONANTES DO TERRENO



Figura 28: Mural da Mariquinha
Fonte: Acervo do autor

7.1 SOBRE A ÁREA DE INTERVENÇÃO







“ O arquiteto não é um apêndice de uma máquina constrangedora e terrível. Ao contrário, cabe-lhe ajudar a dominar, a submeter a estrutura impositiva que transforma o homem em coisa, em vítima de sua própria criatura.”

Vilanovas Artigas

Figura 32: Terreno do projeto
Fonte: Acervo pessoal e edição do autor.

Rua Laura Caminha Meira vista da ladeira para baixo, ao fundo o Fórum da Comarca de Florianópolis e o Continente.

O muro de ambos os lados formam um corredor dando passagem prioritariamente para os veículos, é possível observar na foto ao lado que não há uma calçada para segurança das pessoas, sendo necessário sempre uma atenção na subida ou descida.



Figura 33: Rua Laura Caminha Meira
Fonte: Acervo pessoal e edição do autor.



Figura 34: Rua Laura Caminha Meira
Fonte: Acervo pessoal e edição do autor.

No final da rua Laura Caminha Meira já temos o terreno do projeto, representado pela mancha em amarelo e do lado uma mancha vermelha a escadaria, que dá acesso as moradias mais acima. O terreno está em uma área de fácil localização para os moradores e visitantes.



Figura 35: Escadaria existente e terreno do projeto
Fonte: Acervo pessoal e edição pelo autor.

Terreno do projeto, zeis tipo dois, atualmente é usado como descarte de entulhos.



Figura 36: Terreno do projeto
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.

A escadaria que vai do nível da rua até as moradas mais distantes do Morro da Mariquinha.



Figura 35: Escadaria existente
Fonte: Acervo pessoal e edição pelo autor.



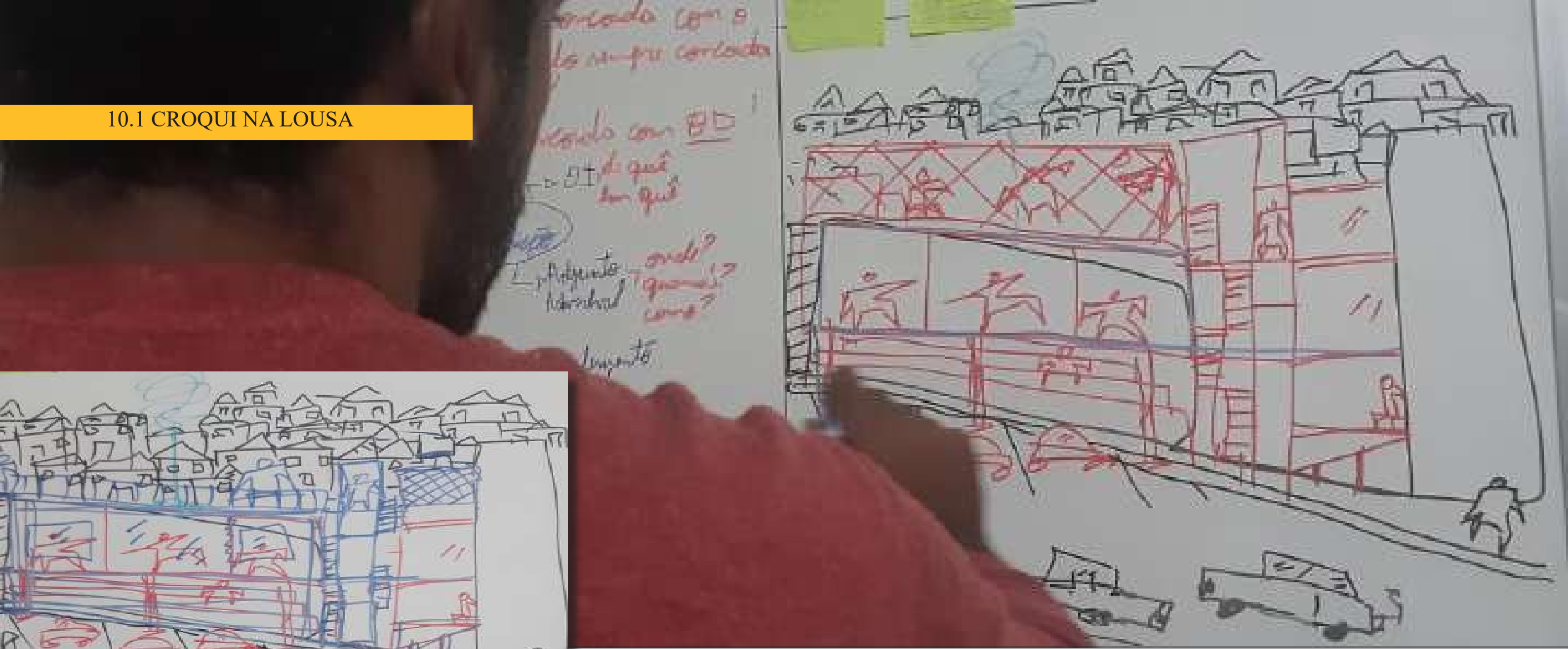
Figura 37: Autor do projeto no terreno
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.



Quero com este projeto exercitar algumas competências e habilidades relacionando a proposta com o ambiente. Tenho um forte vínculo afetivo com a região e um centro comunitário é um elemento interessante para reintegrar a convivência das pessoas no próprio local.



10.1 CROQUI NA LOUSA



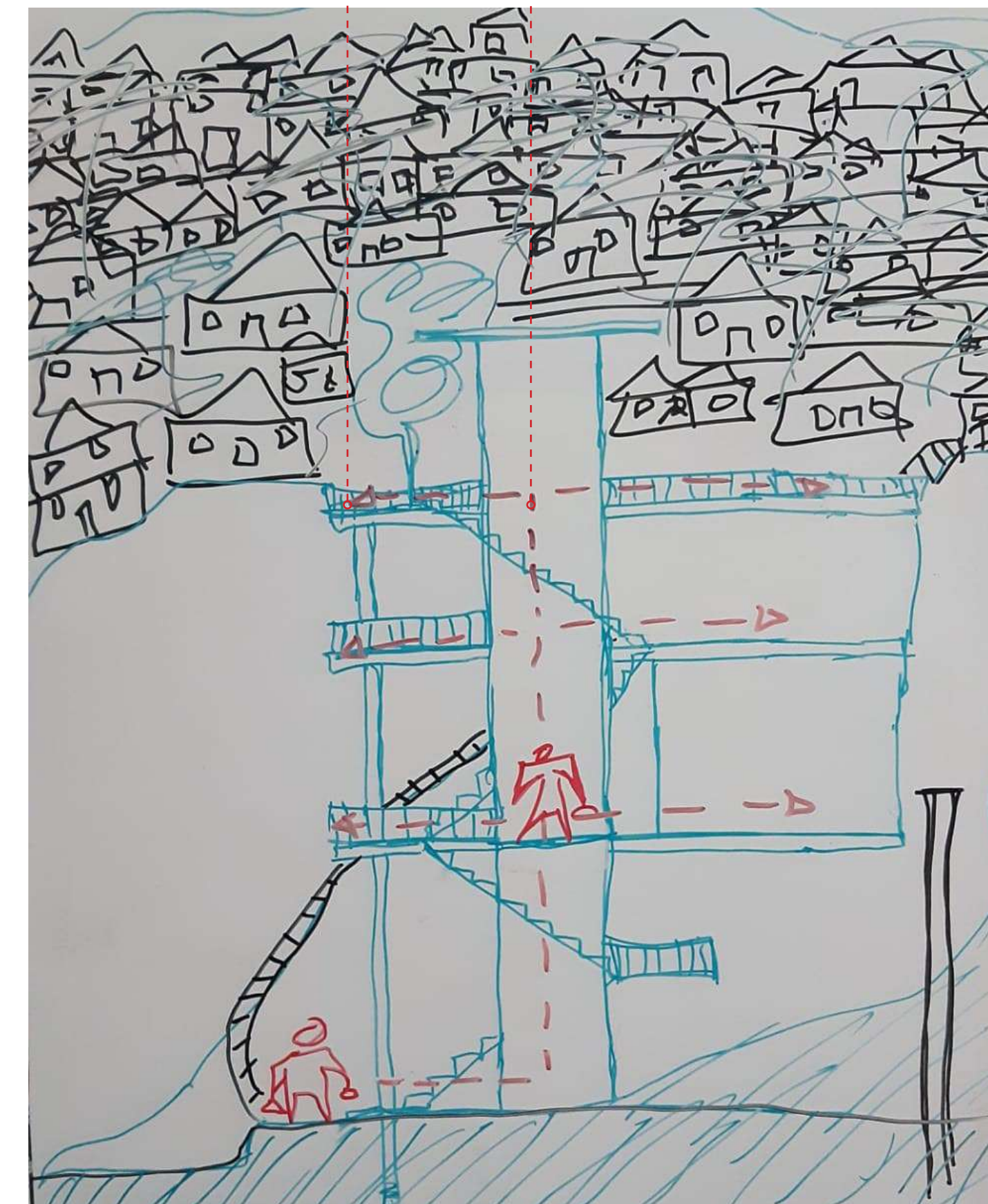
Primeiros esboços/croqui do CCMM, já pensando na relação do edifício com a rua e seu entorno, necessidades esportivas apresentadas pelos moradores, sobre ter um espaço de qualidade, área para futebol, lazer, quadra com usos mistos, como exemplo um pipódromo e eventos festivos. Uma forma de vencer os níveis naturais do morro e proporcionar facilidade no deslocamento entre o ponto x e y.

Figura 38: Croqui de estudo
Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Visão para centro de Florianópolis, prainha e continente.



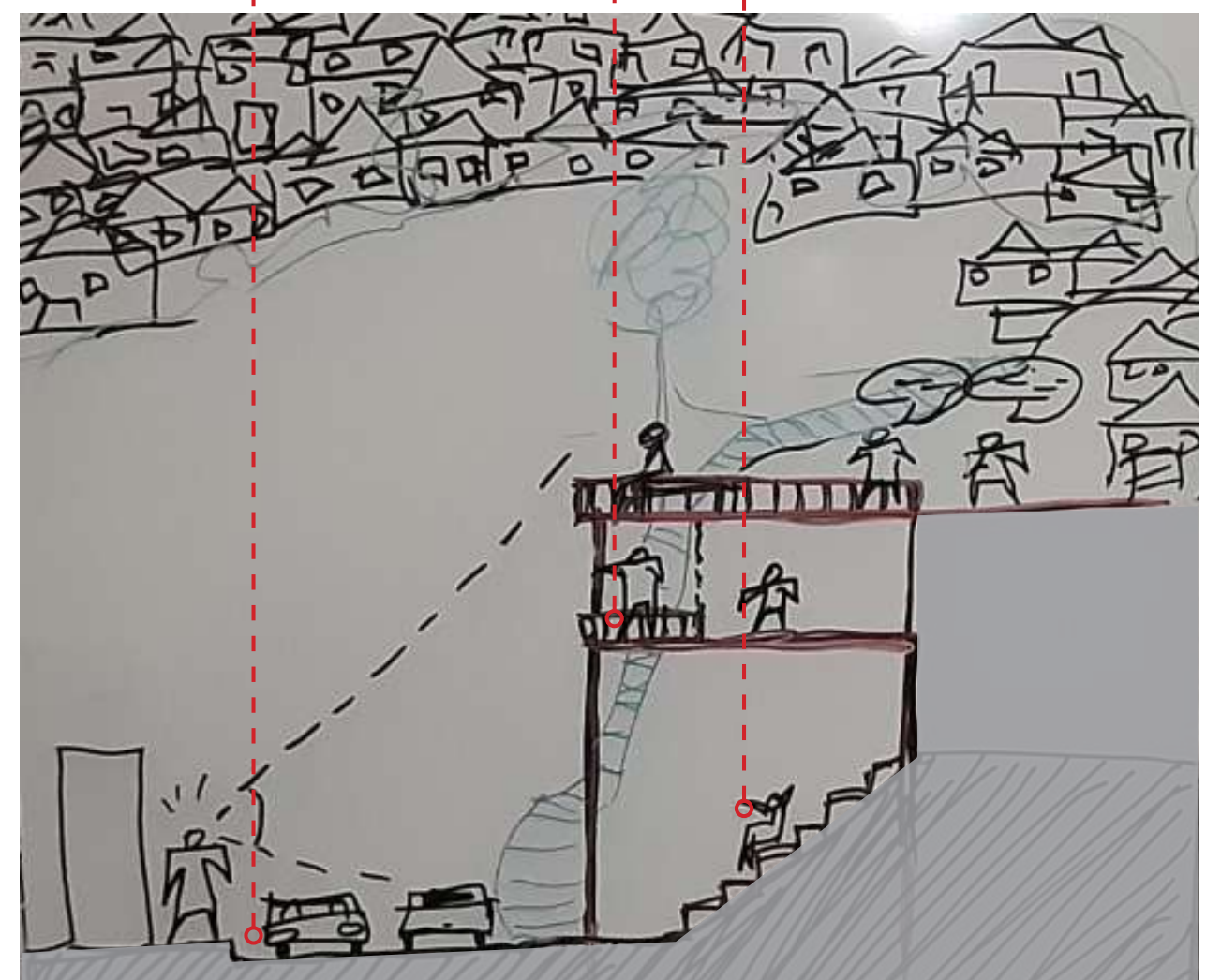
Elevador comunitário

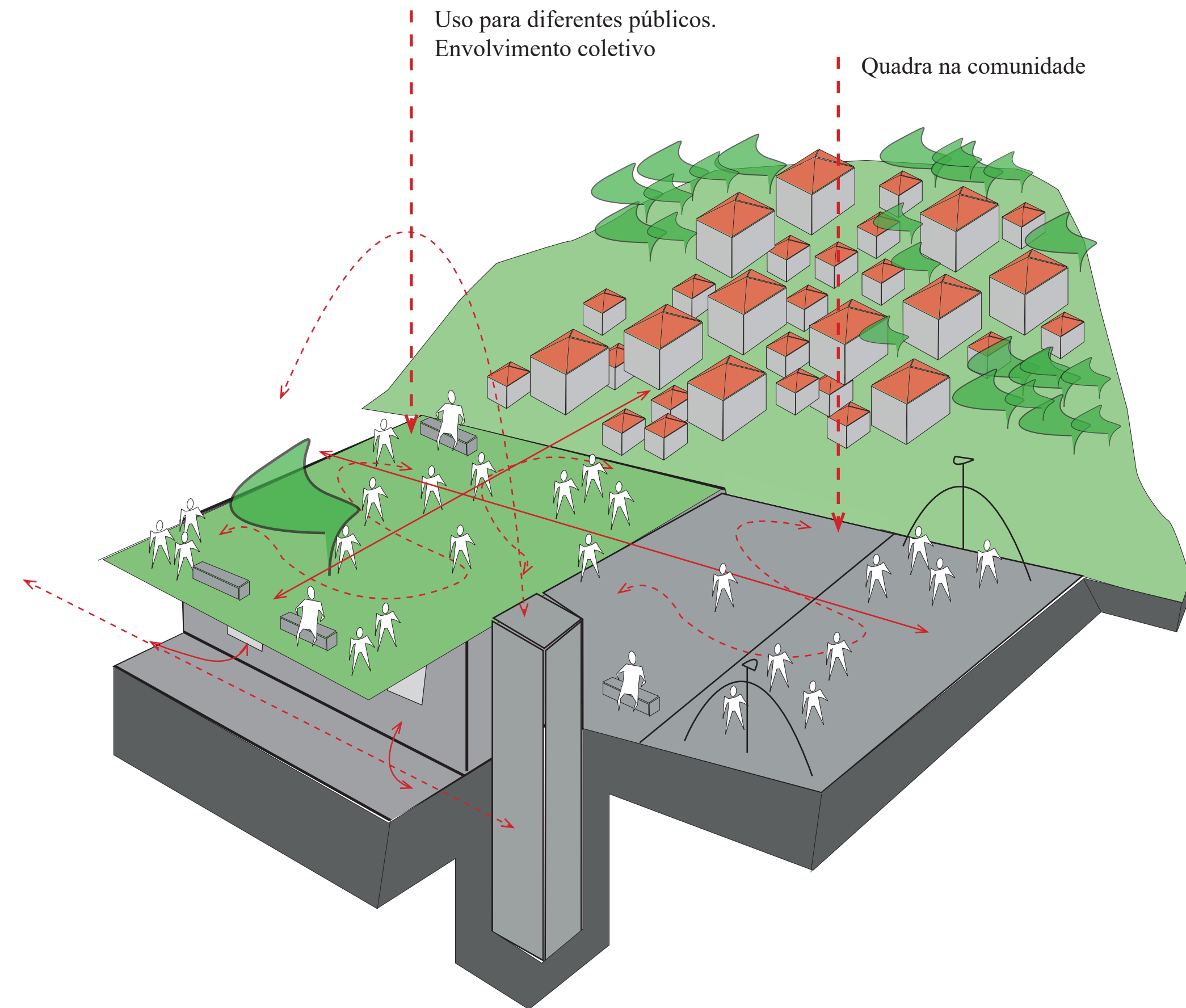
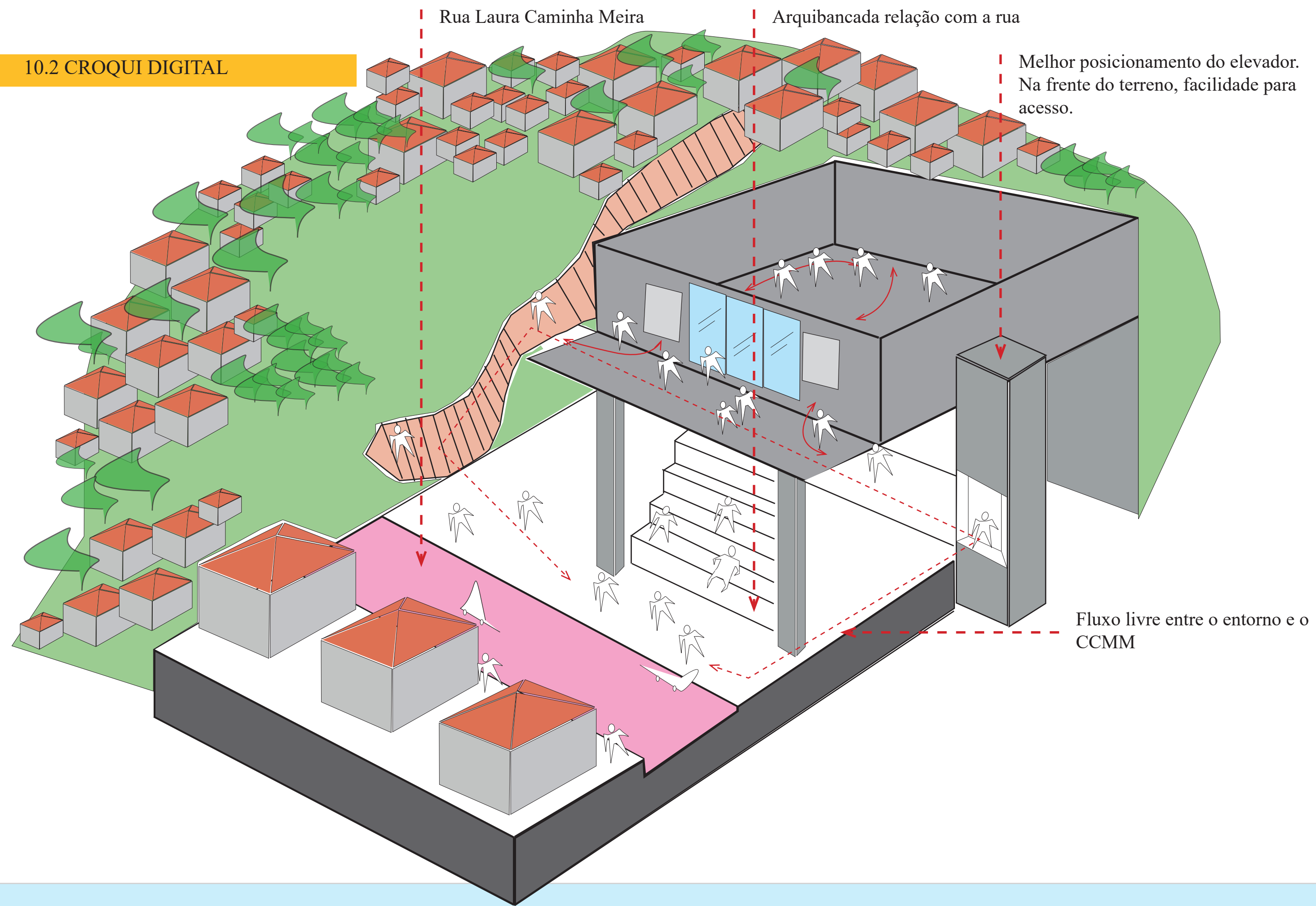


Espaços de encontros e aprendizagens informais, convívio entre as diversas pessoas.

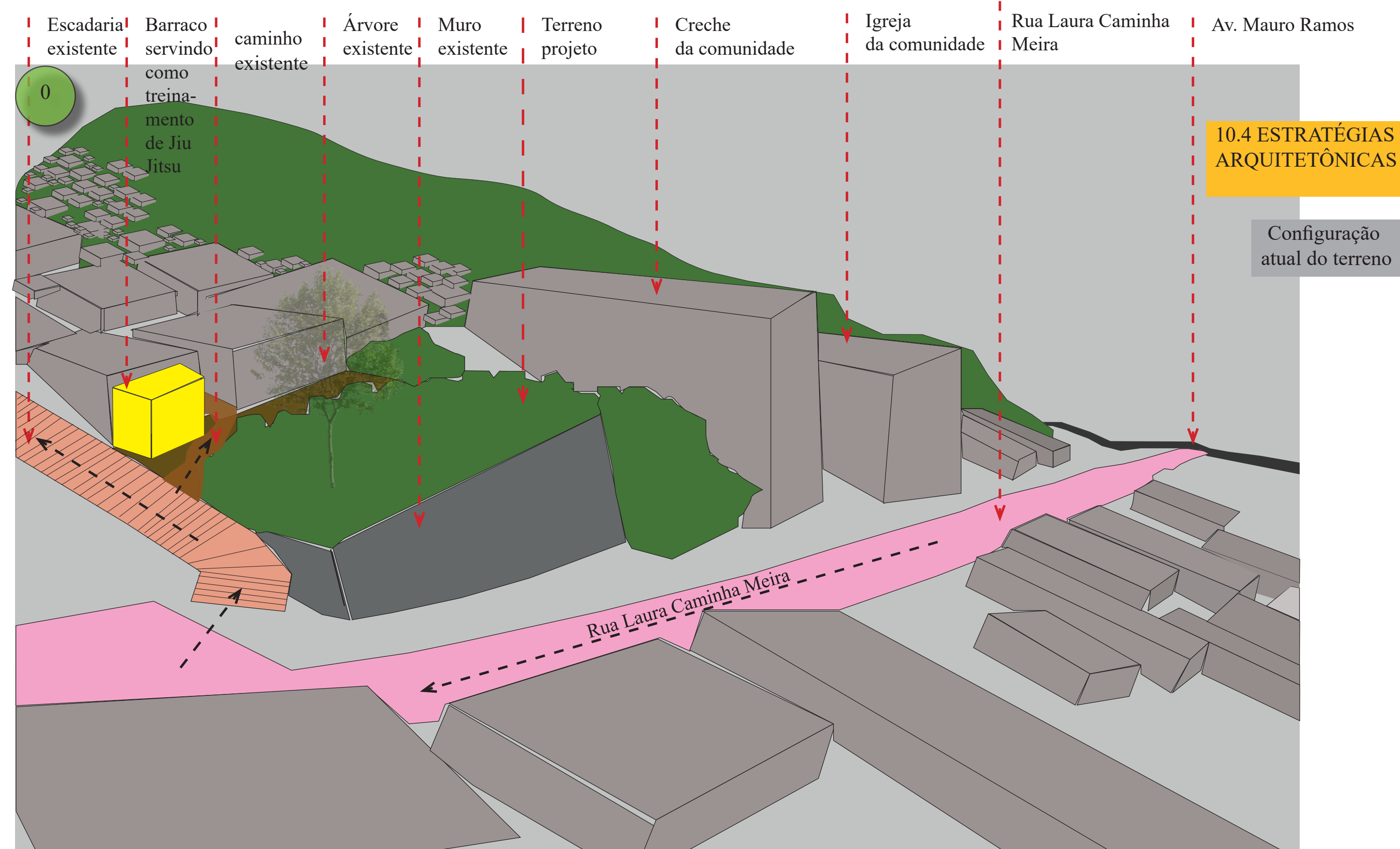
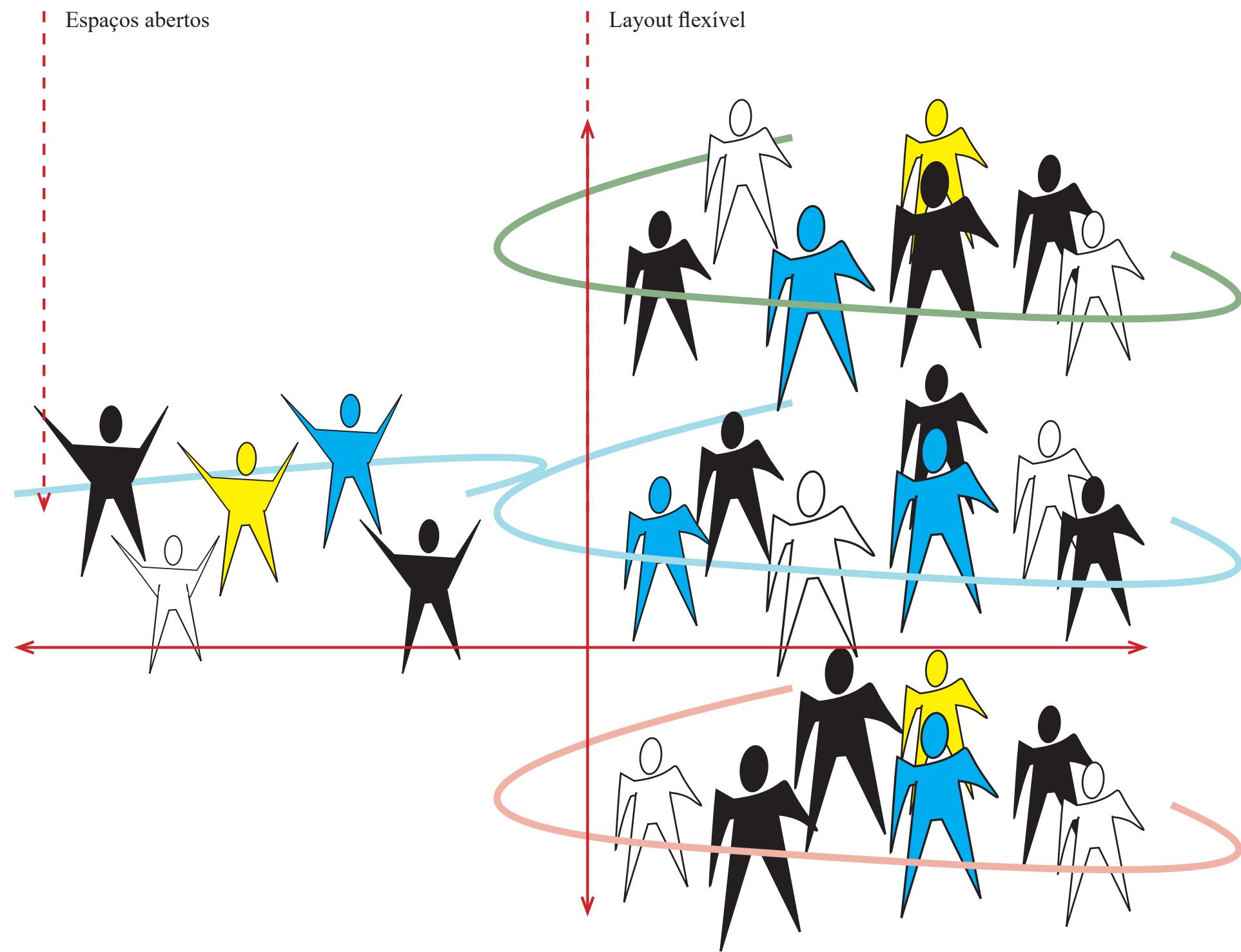
Rua. Laura Caminha Meira

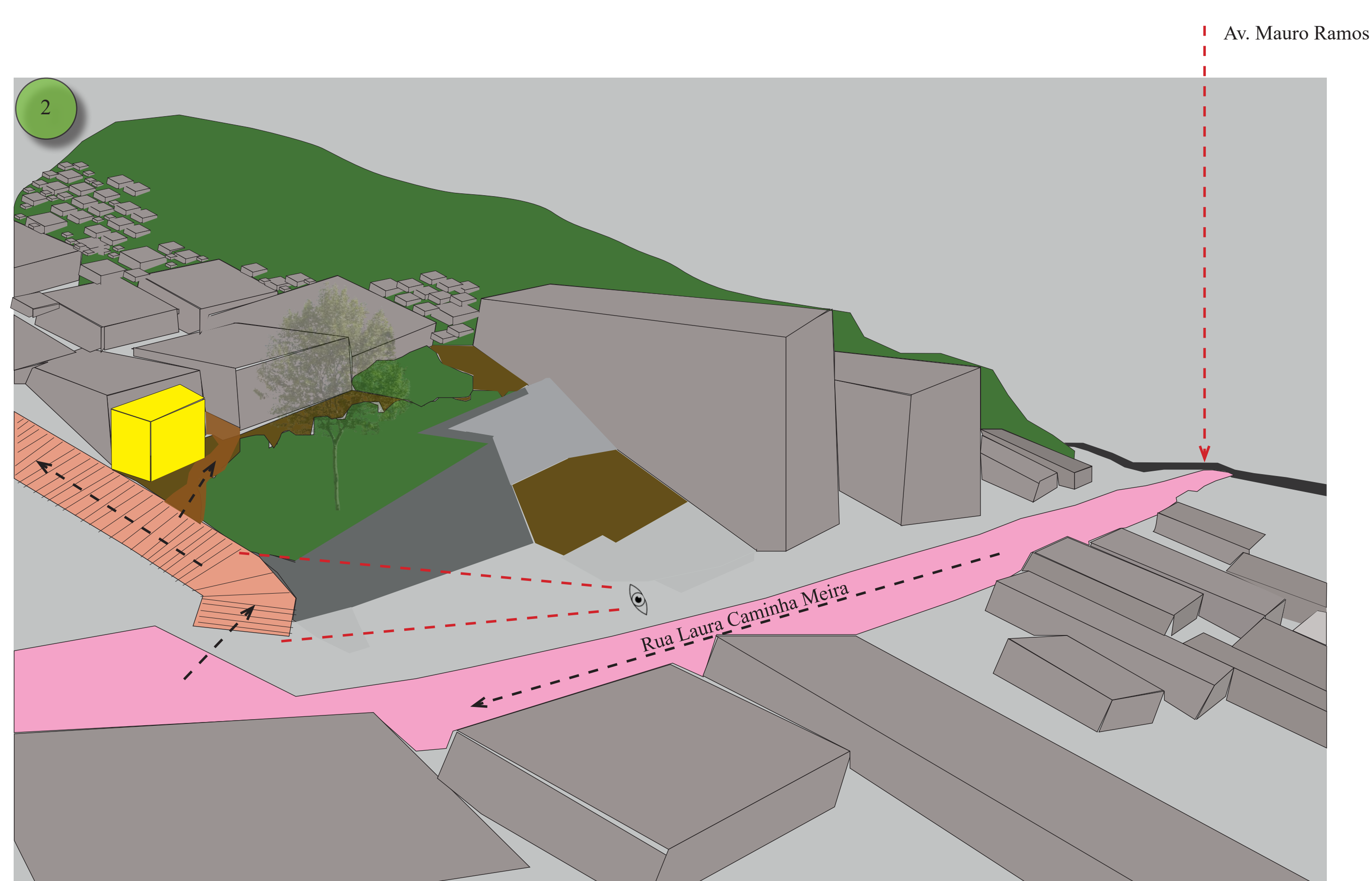
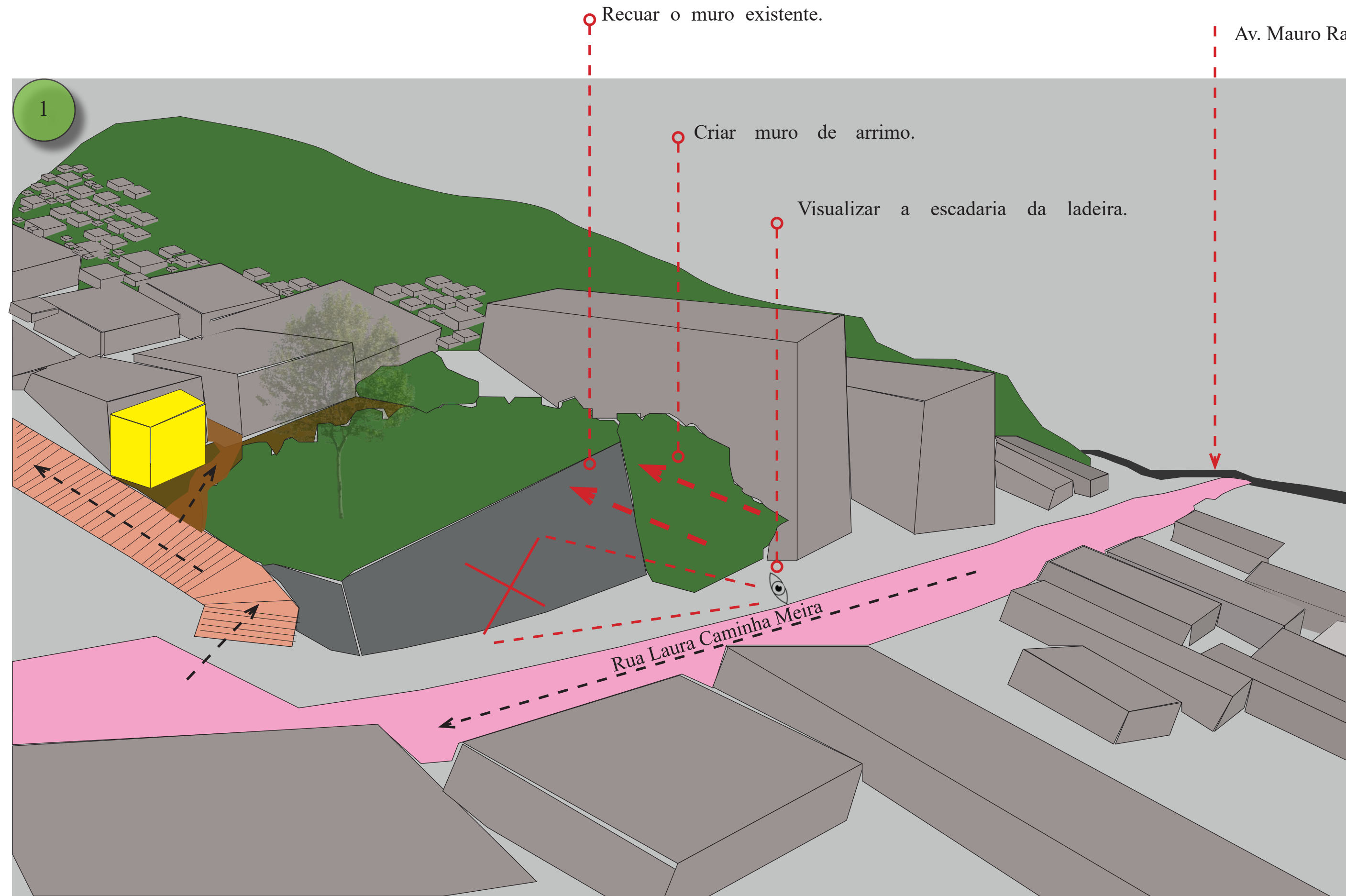
Espaços coletivos para debates e decisões.

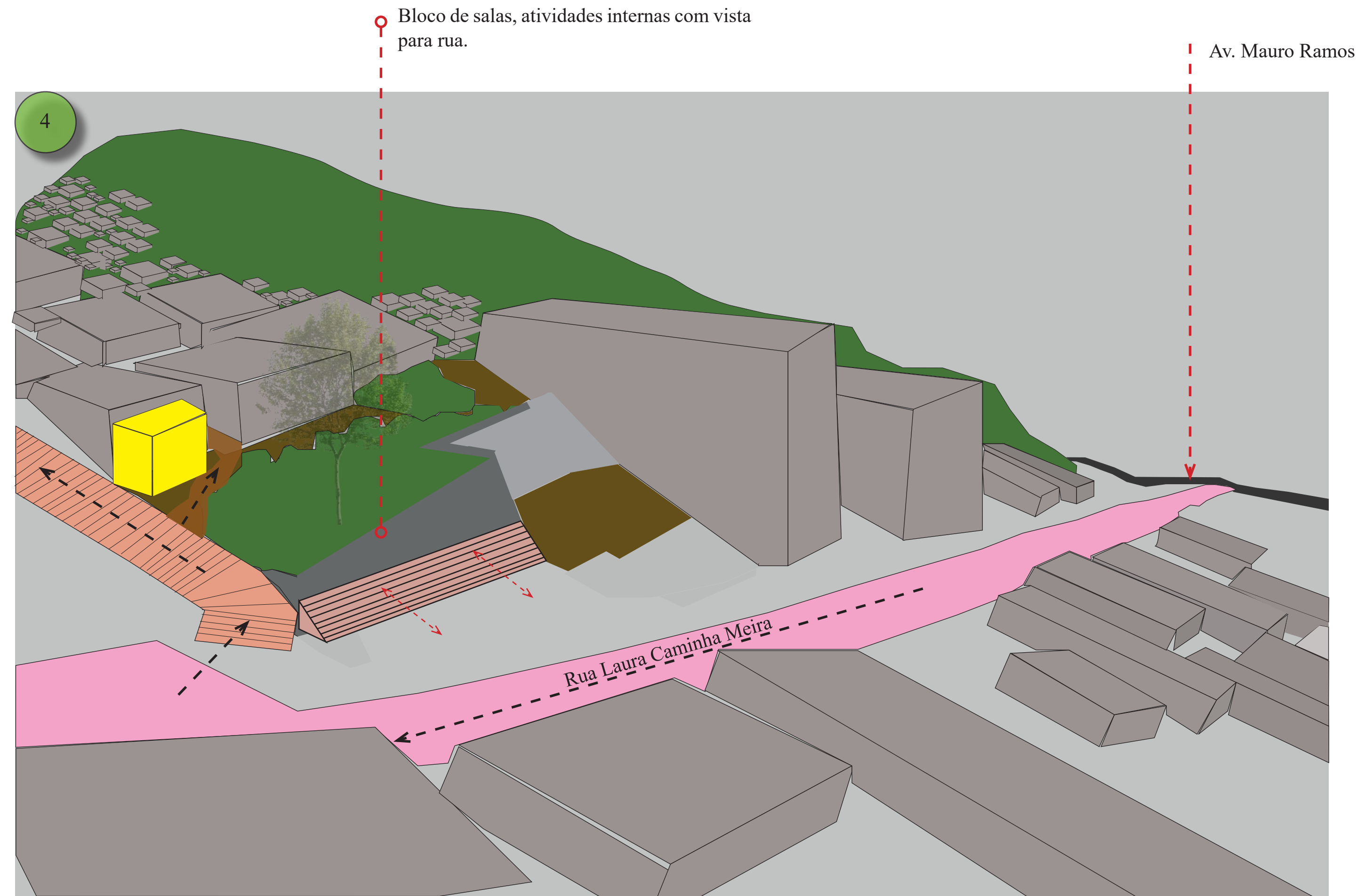
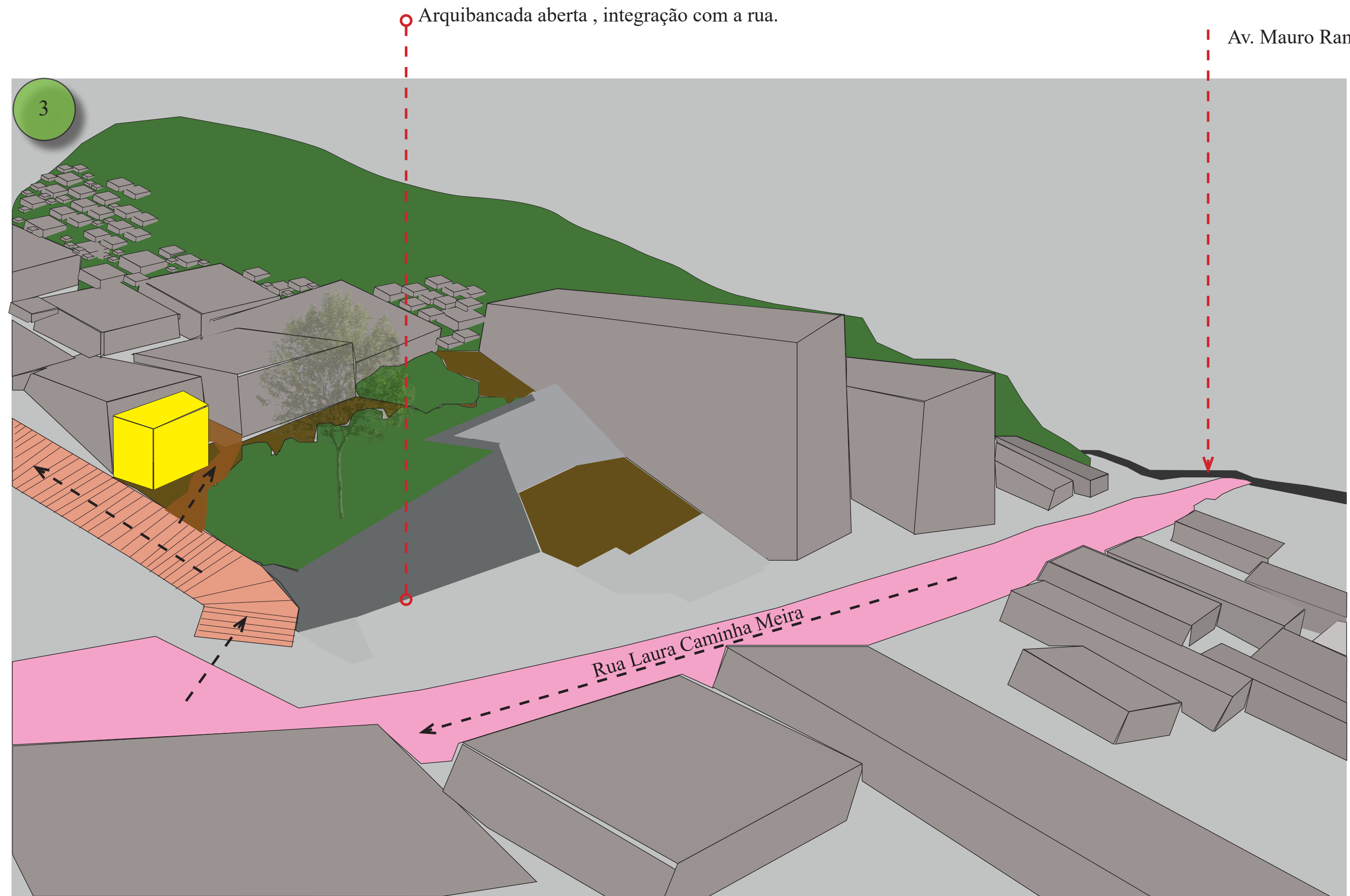


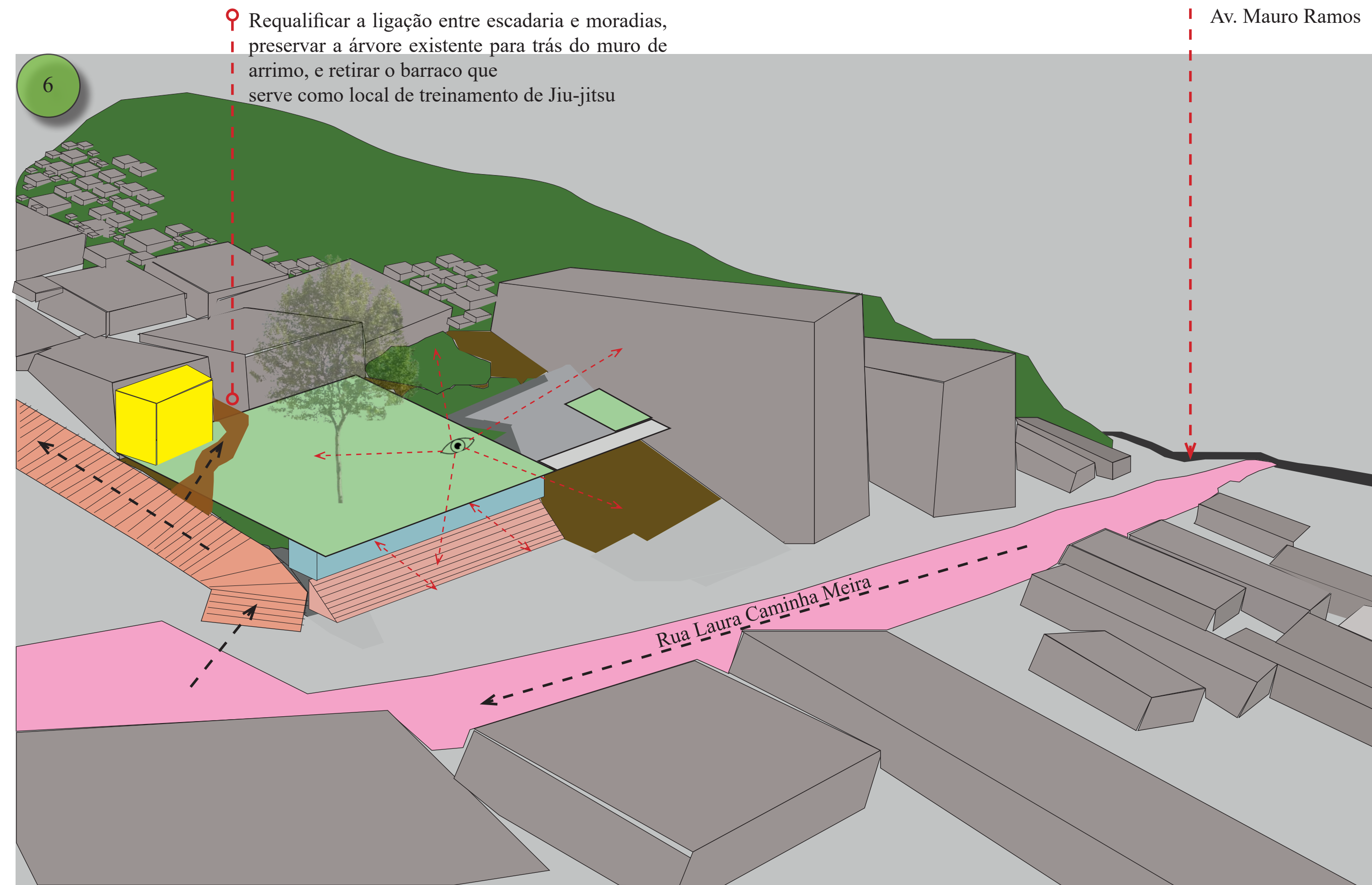
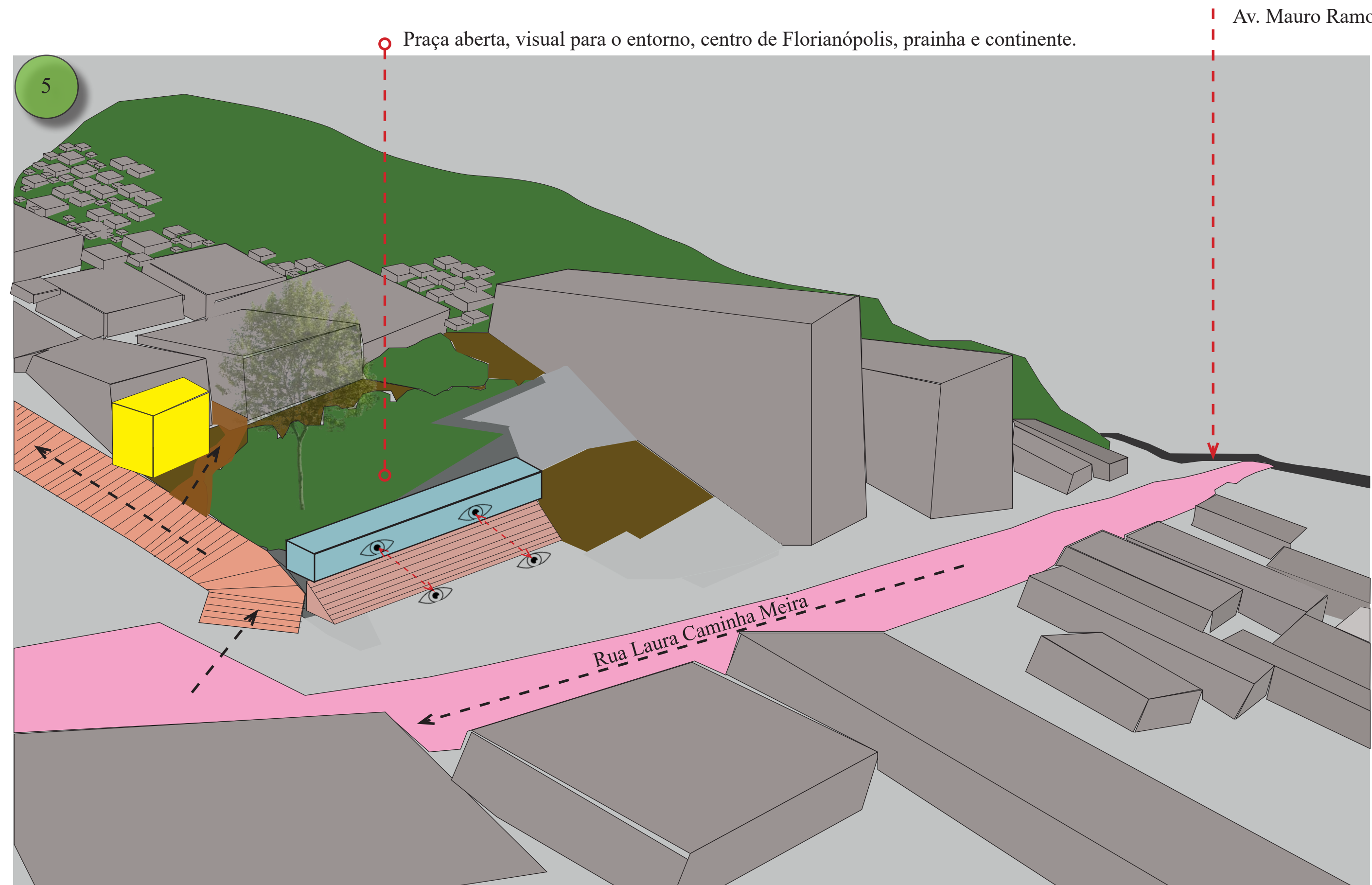


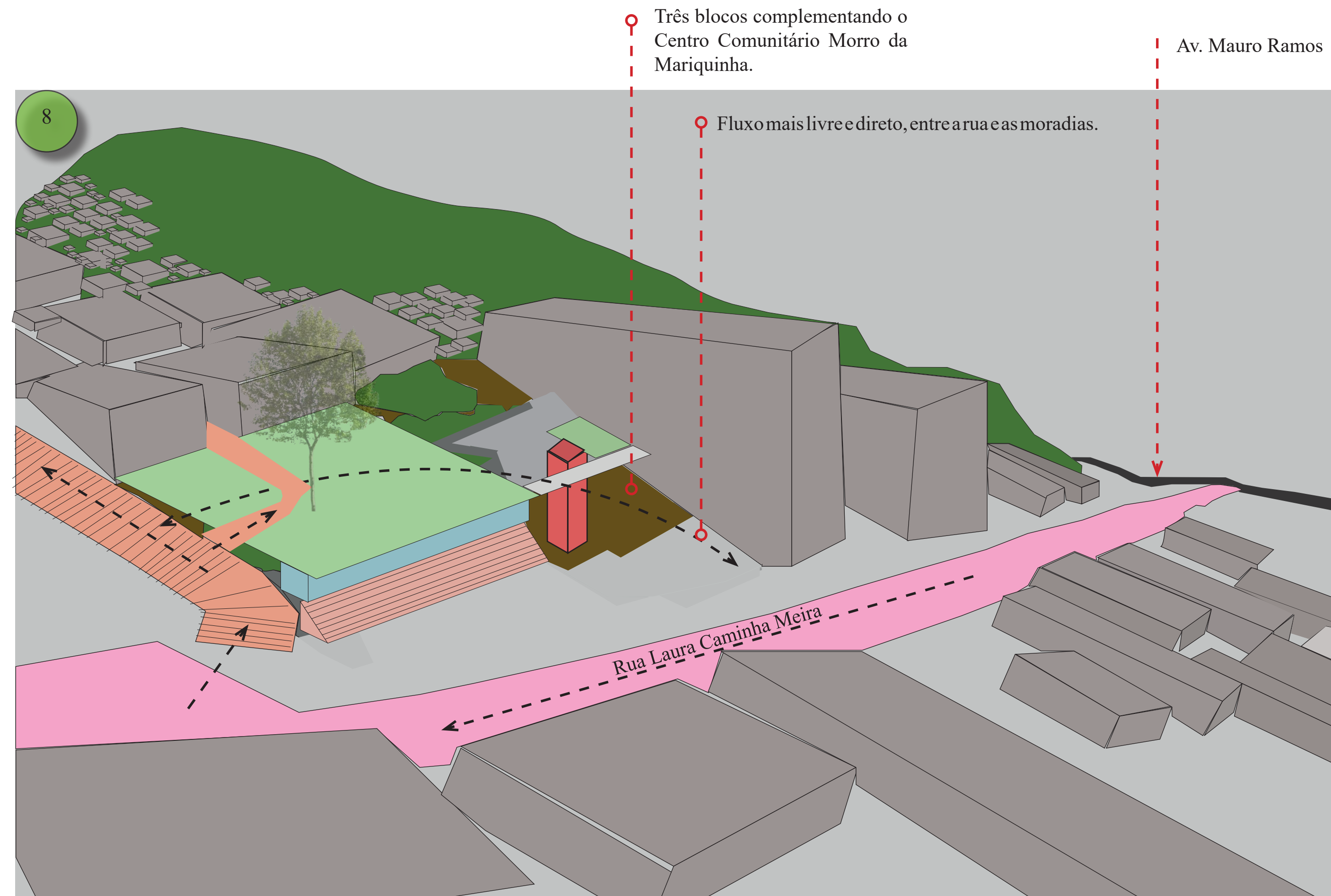
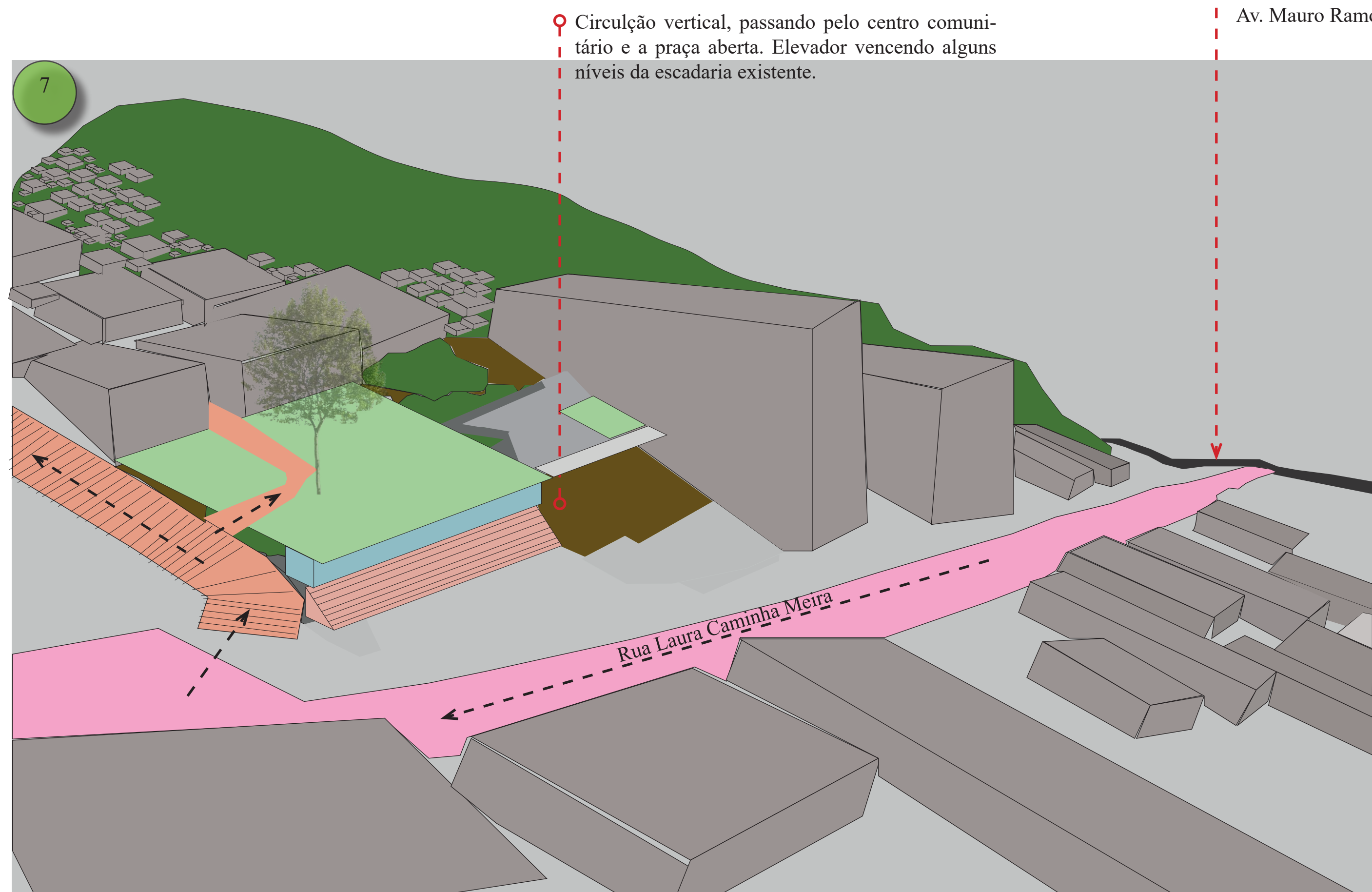
10.3 LINHA DE ENVOLVIMENTO COLETIVO NO EDIFÍCIO

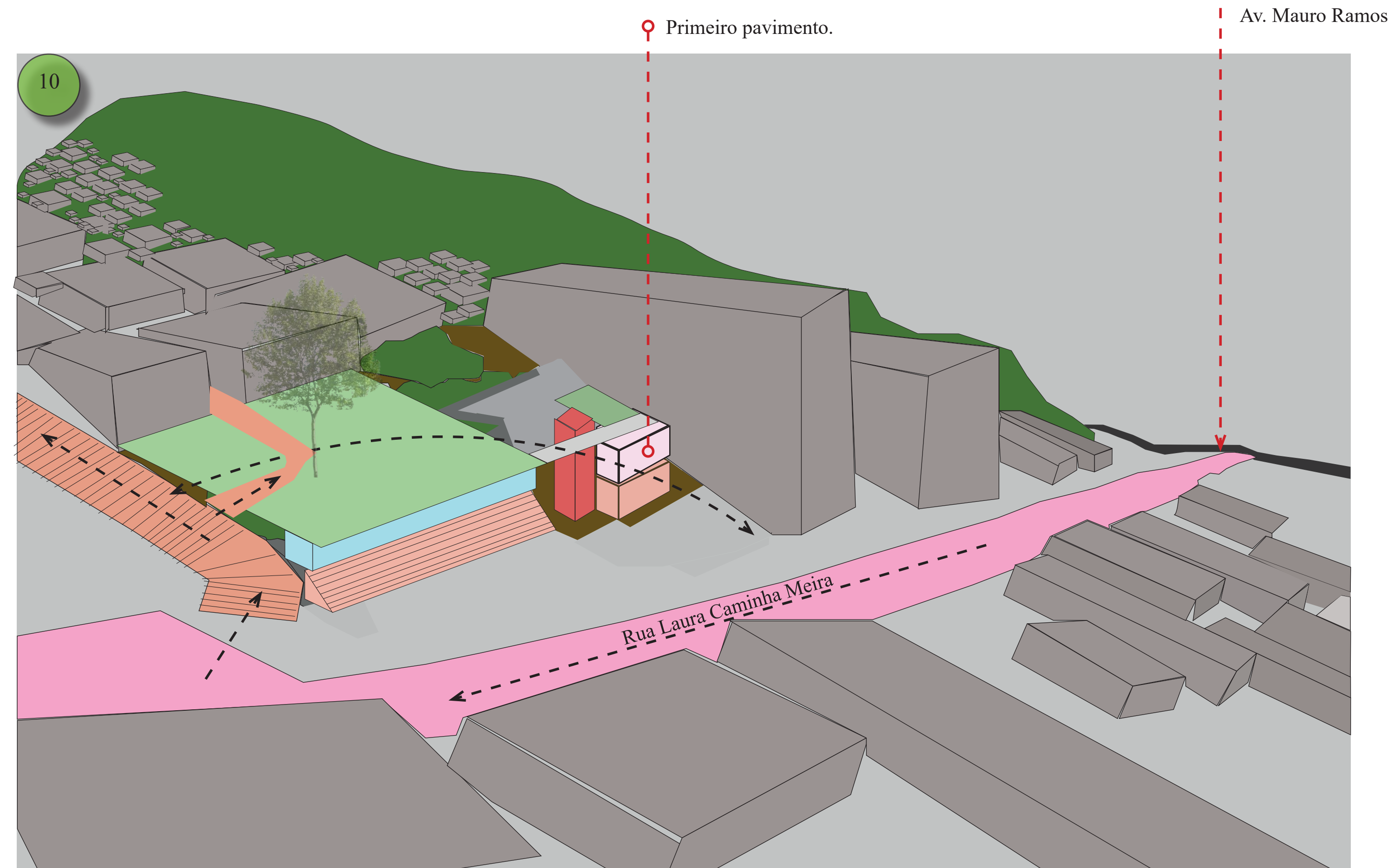
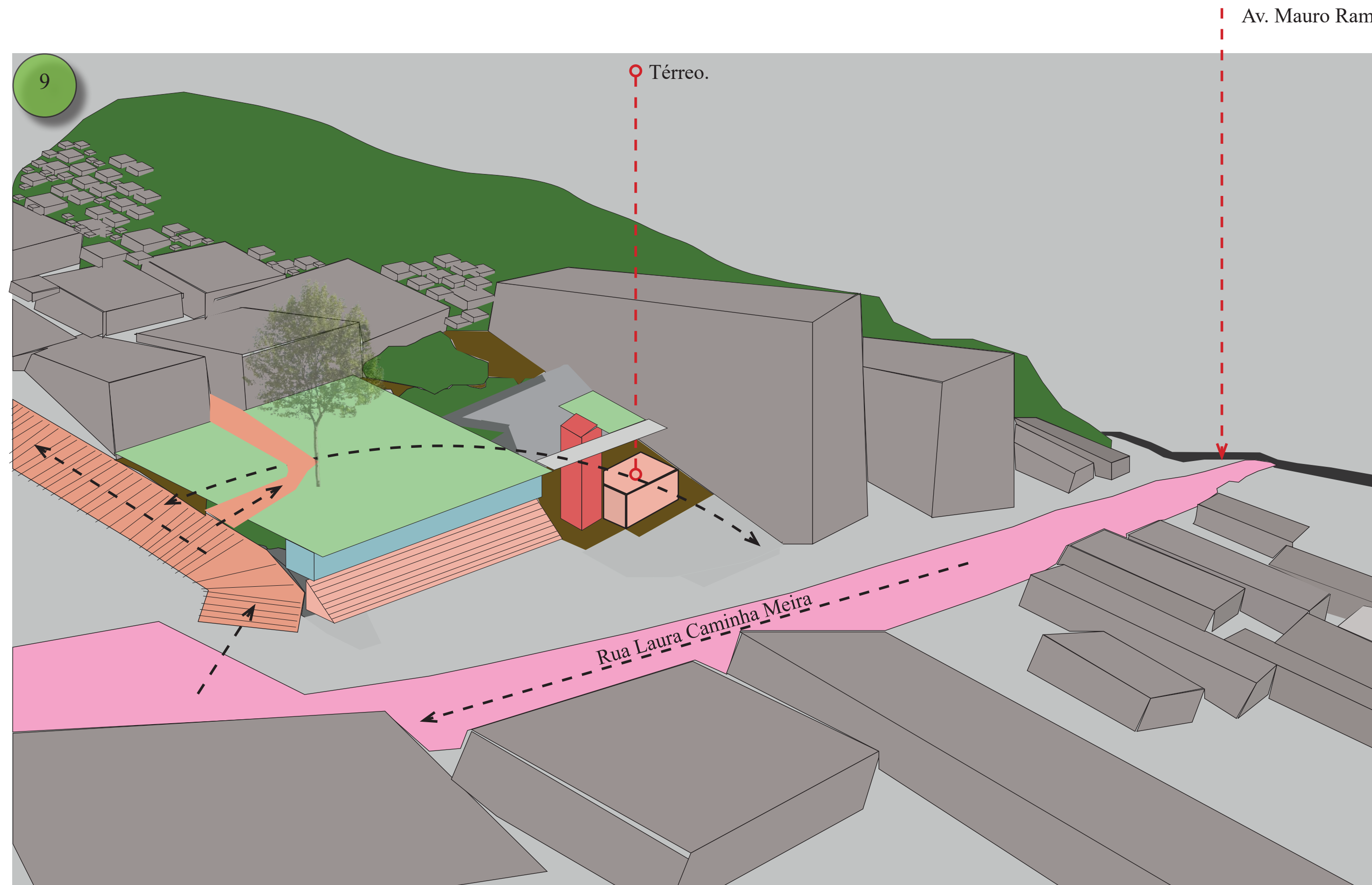


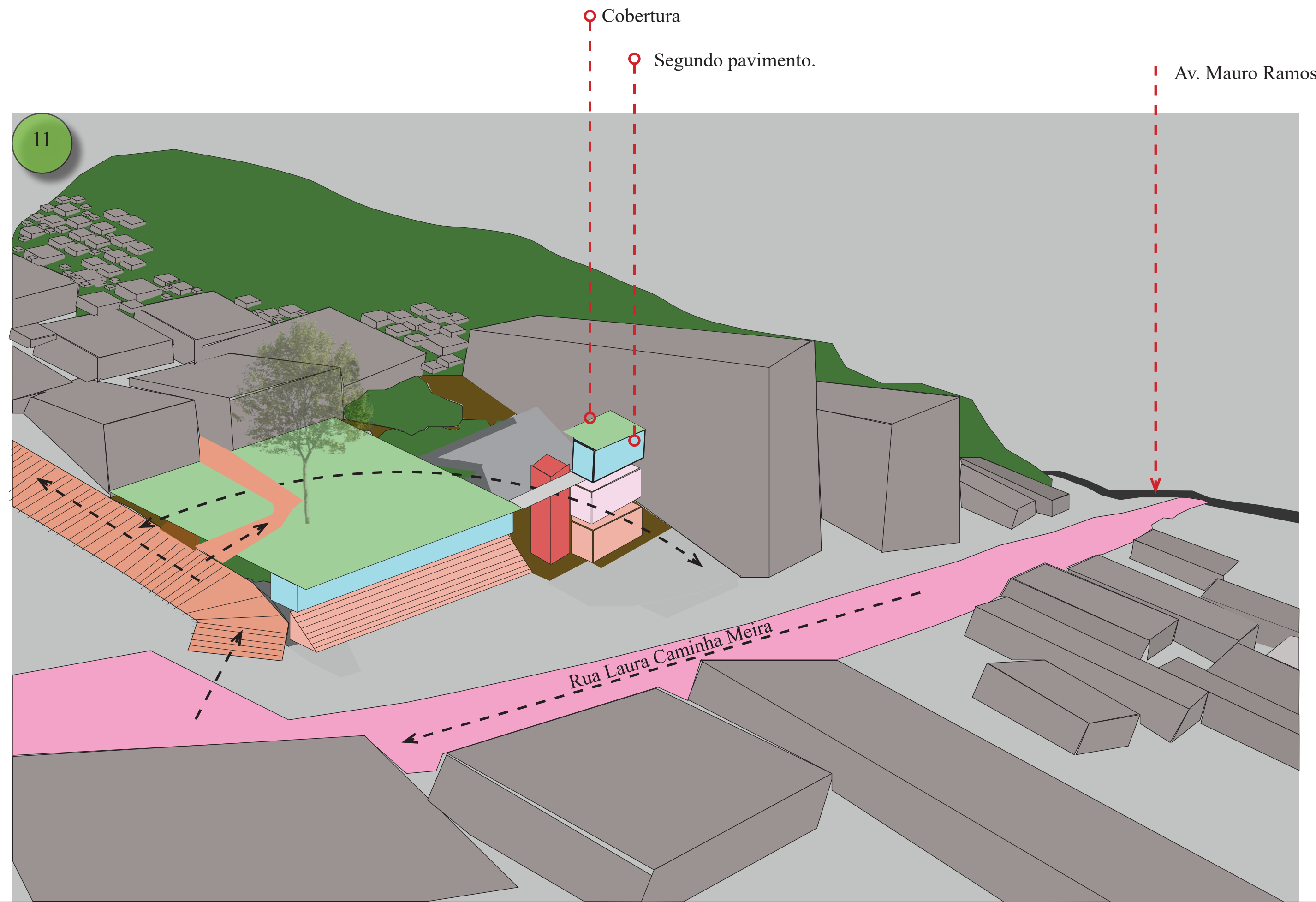












10.5 SETORIZAÇÃO



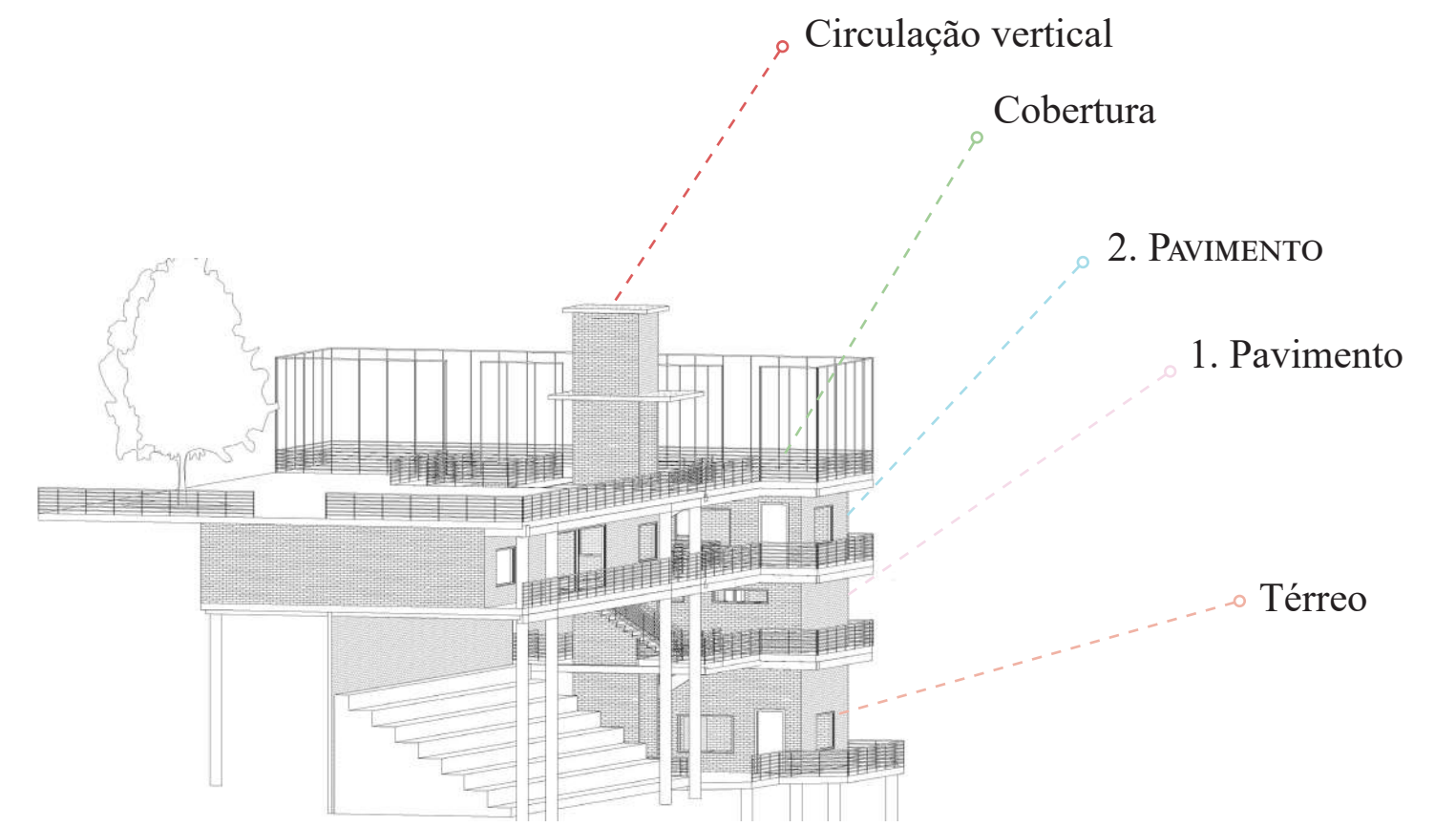
Legenda:

- Cobertura
- Segundo. pavimento
- Primeiro pavimento
- Térreo
- Circulação

Praça aberta

Sala compartilhada

Arquibancada



10.6 DADOS TÉCNICO

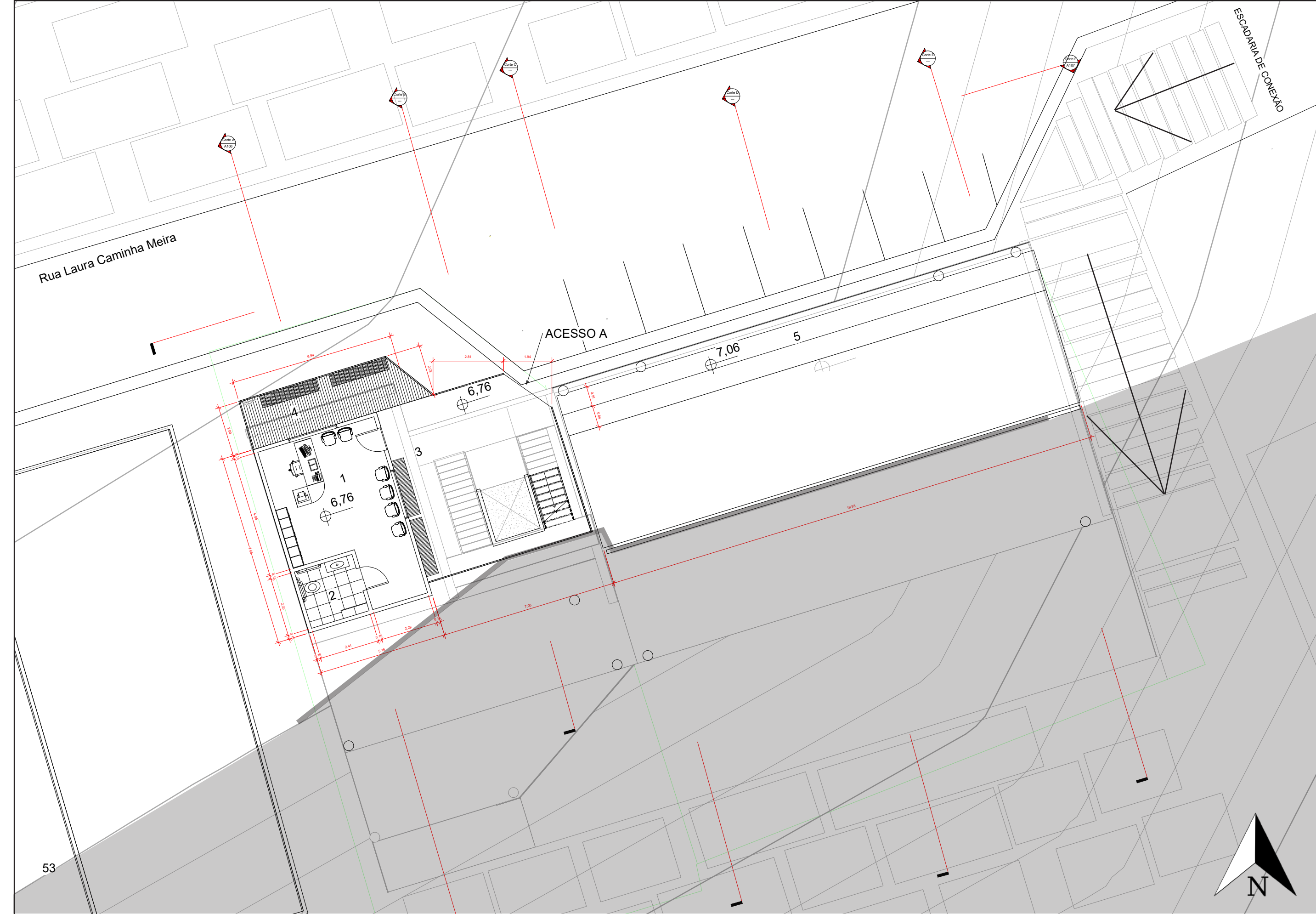
ÁREA DO TERRENO	995 m ²	
COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	1,3	
TAXA DE OCUPAÇÃO	60%	
GABARITO	3 PAVIMENTOS	
ÁREA CONSTRUIDA CCMM	575,63 m ²	
PRAÇA ABERTA	334 m ²	
CAPACIDADE MÁXIMA CCMM	684	PESSOAS
PRAÇA ABERTA	418	PESSOAS
ARQUIBANCADA	56	PESSOAS

10.7 PROGRAMA DE NECESSIDADES CIRCULAÇÃO

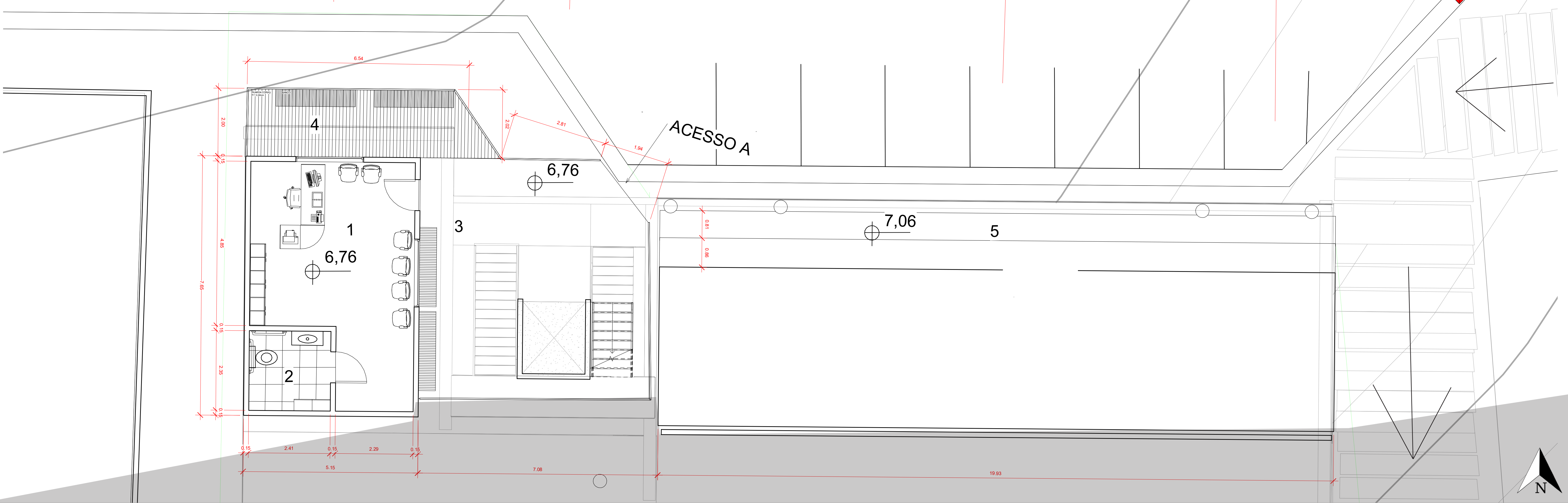
CIRCULAÇÃO VERTICAL				
Espaço	Descrição	Área m ²	Quantidade	TOTAL (m ²)
Público				
Elevador	Elevador social do térreo até a cobertura.	4	1	4
Escada	Escada pública do térreo até a cobertura.	9	1	9
Subtotal				13

10.8 PROGRAMA DE NECESSIDADES
TÉRREO

TÉRREO					
Espaço	Descrição	Área m ²	Quantidade	TOTAL (m ²)	
Público					
1	Administração Recepção	Área de documentação, recepção e entrada dos usuários ao CCMM.	25	1	25
2	Sanitário pne unissex	Sanitário de uso feminino e masculino.	6	1	6
3	Corredor	Local de fluxo moderado.	24	1	24
4	Deck	Ambiente de espera e interação.	13,08	1	13,08
5	Arquibancada	Ambiente de espera e interação.	127	1	127
Subtotal					195,08



PLANTA BAIXA TÉRREO Esc.: 1:50



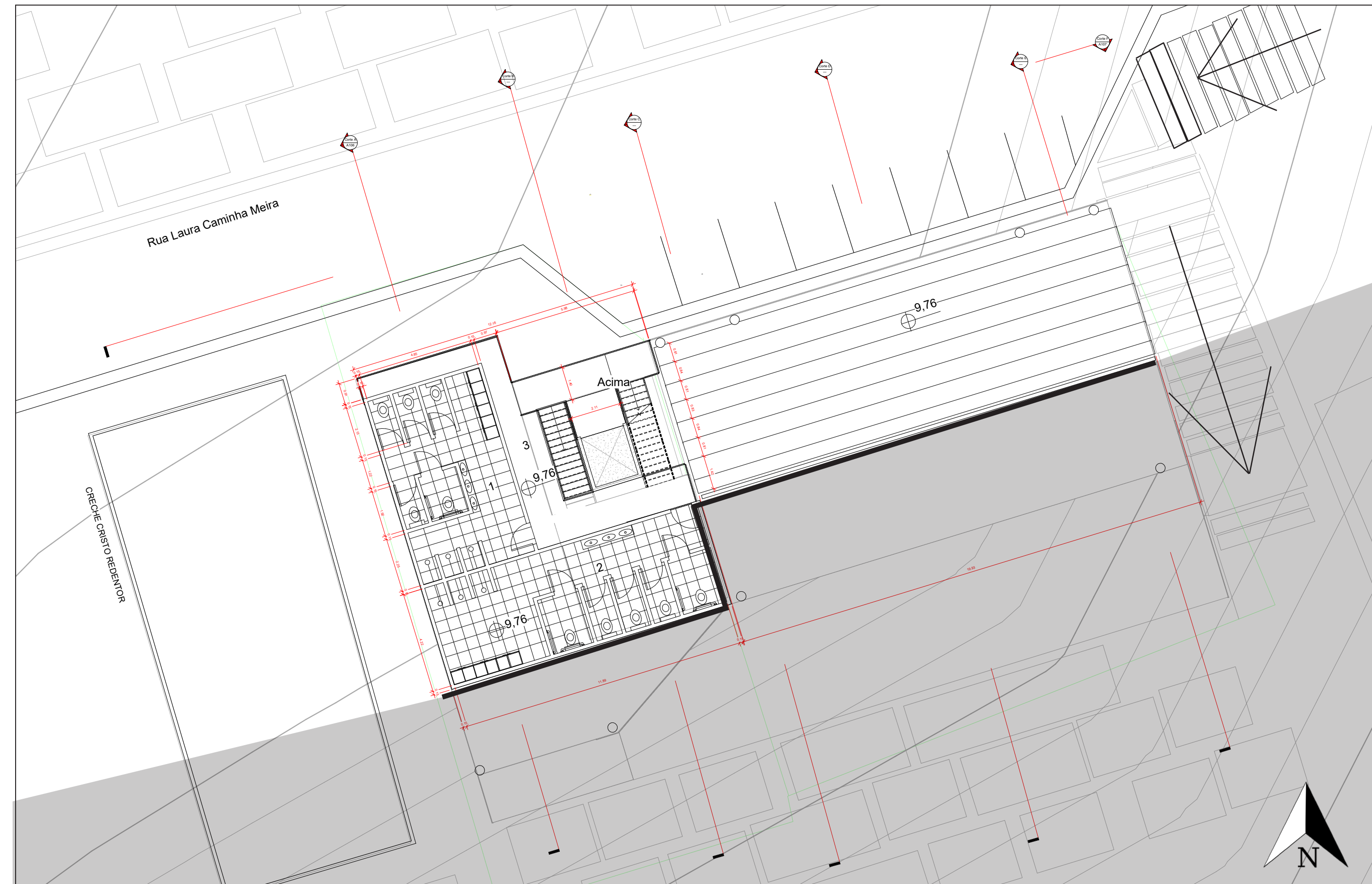
TÉRREO ZOOM

70

71

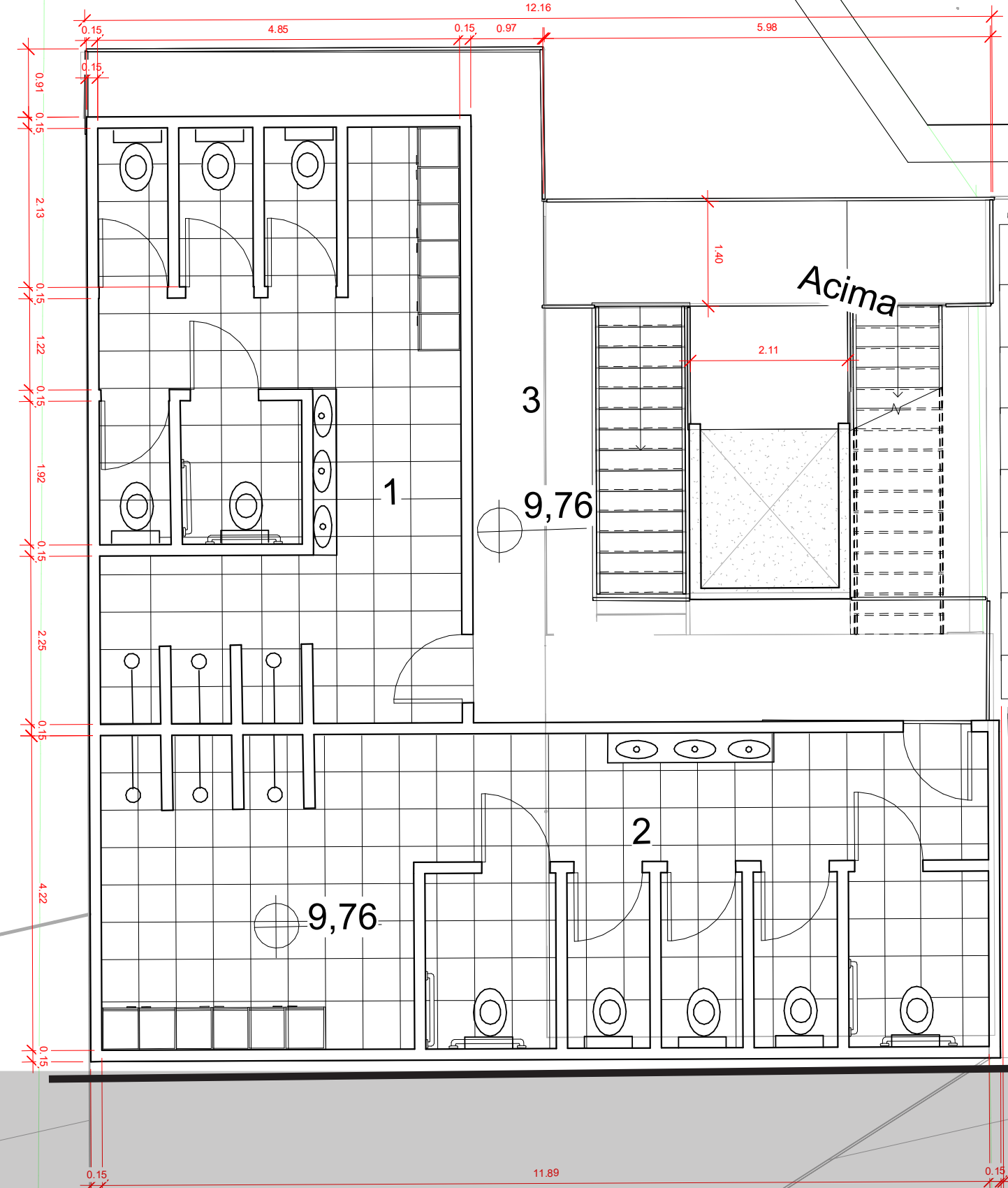
10.12 PROGRAMA DE NECESSIDADES
PRIMEIRO PAVIMENTO

PRIMEIRO PAVIMENTO					
Espaço	Descrição	Área m ²	Quantidade	TOTAL (m ²)	
Público					
1	Vestiário feminino	Sanitário feminino	25	1	25
2	Vestiário Masculino	Sanitário masculino	50	1	50
3	Corredor	Local de fluxo moderado.	55	1	55
Subtotal					130



PLANTA BAIXA PRIMEIRO PAVIMENTO Esc.: 1:50

CRECHE CRISTO REDENTOR



9,76

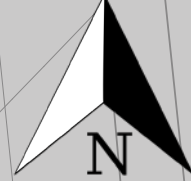
9,76

9,76

2

3

Acima



PRIMEIRO PAVIMENTO ZOOM

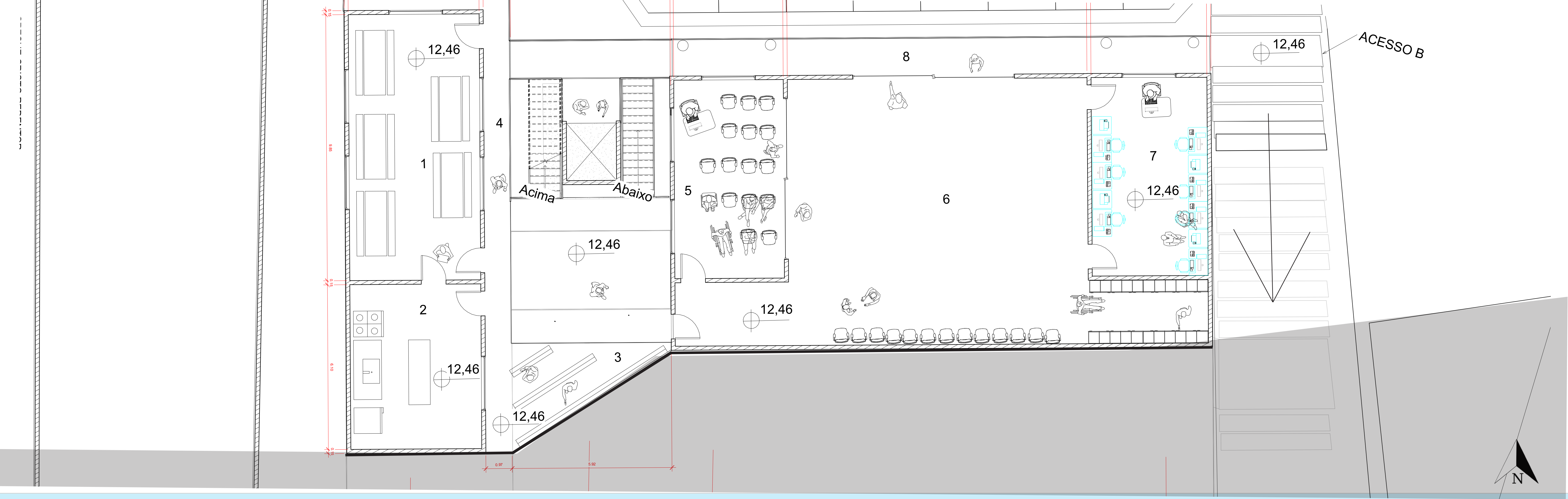
10.16 PROGRAMA DE NECESSIDADES
SEGUNDO PAVIMENTO

SEGUNDO PAVIMENTO

	Espaço	Descrição	Área m ²	Quantidade	TOTAL (m ²)
	Público				
1	Refeitório comunitário	Área de mesas para refeições para os usuários do CCMM. Usos festivos da comunidade agendado na Administração.	48	1	48
2	Cozinha comunitária	Área para preparo dos alimentos.	30	1	30
3	Horta comunitária	Área externa para produzir alimentos através do trabalho voluntário da comunidade.	13,78	1	13,78
4	Corredor	Local de fluxo moderado.	69	1	69
5	Sala de vídeo	Sala para realização filmes, documentários, temas históricos, culturais integrando o usuário em atividades sociais.	30	1	30
6	Sala compartilhada	Sala para atividades lúdicas e corporais como dança, teatro, Jiu-jitsu, judô e capoeira.	190	1	190
7	Sala de informática	Sala para inclusão digital aos usuários do CCMM.	31,53	1	31,53
8	Área aberta	Ambiente para descanso e integração entre os usuários do CCMM, durante ou após aulas.	26	1	26
	Subtotal				438,31

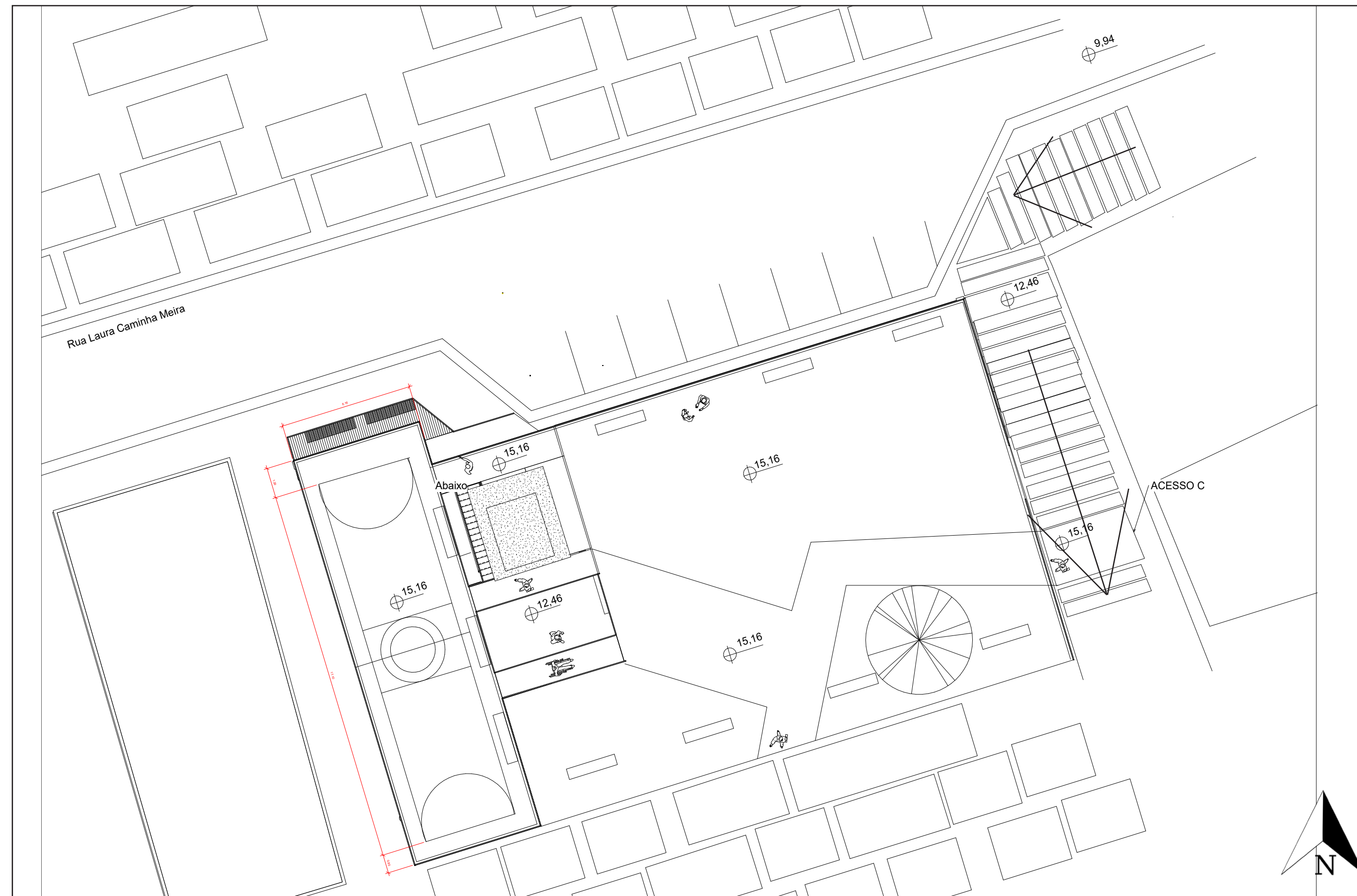


PLANTA BAIXA SEGUNDO PAVIMENTO Esc.: 1:50



10.20 PROGRAMA DE NECESSIDADES
COBERTURA

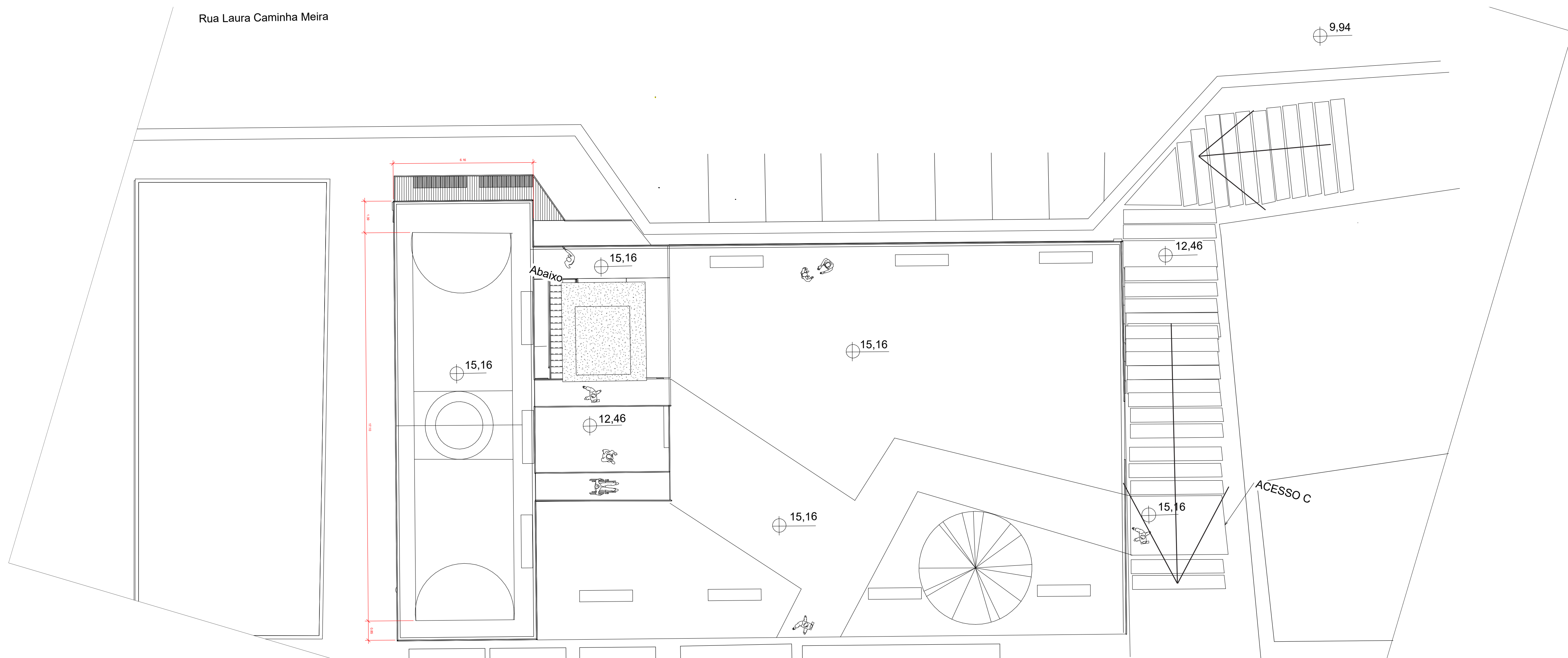
COBERTURA					
Espaço	Descrição	Área m ²	Quantidade	TOTAL (m ²)	
Público					
1	Praça aberta	Área livre urbana no meio da comunidade com vista para o centro histórico de Florianópolis e Continente. Mobiliário urbano (Bancos, Lixeiras, Iluminação), fluxo livre dos moradores que podem usar como passagem ou estar.	334	1	334
2	Caminho	Acesso fácil para usuários do CCMM, idosos, deficientes físicos, visuais e pais com carrinhos de bebê.	36	1	36
3	Quadra	Uma quadra não oficial nas medidas, mas um espaço para diversão e prática de atividades ao ar livre.	119,13	1	119,13
Subtotal					489,13

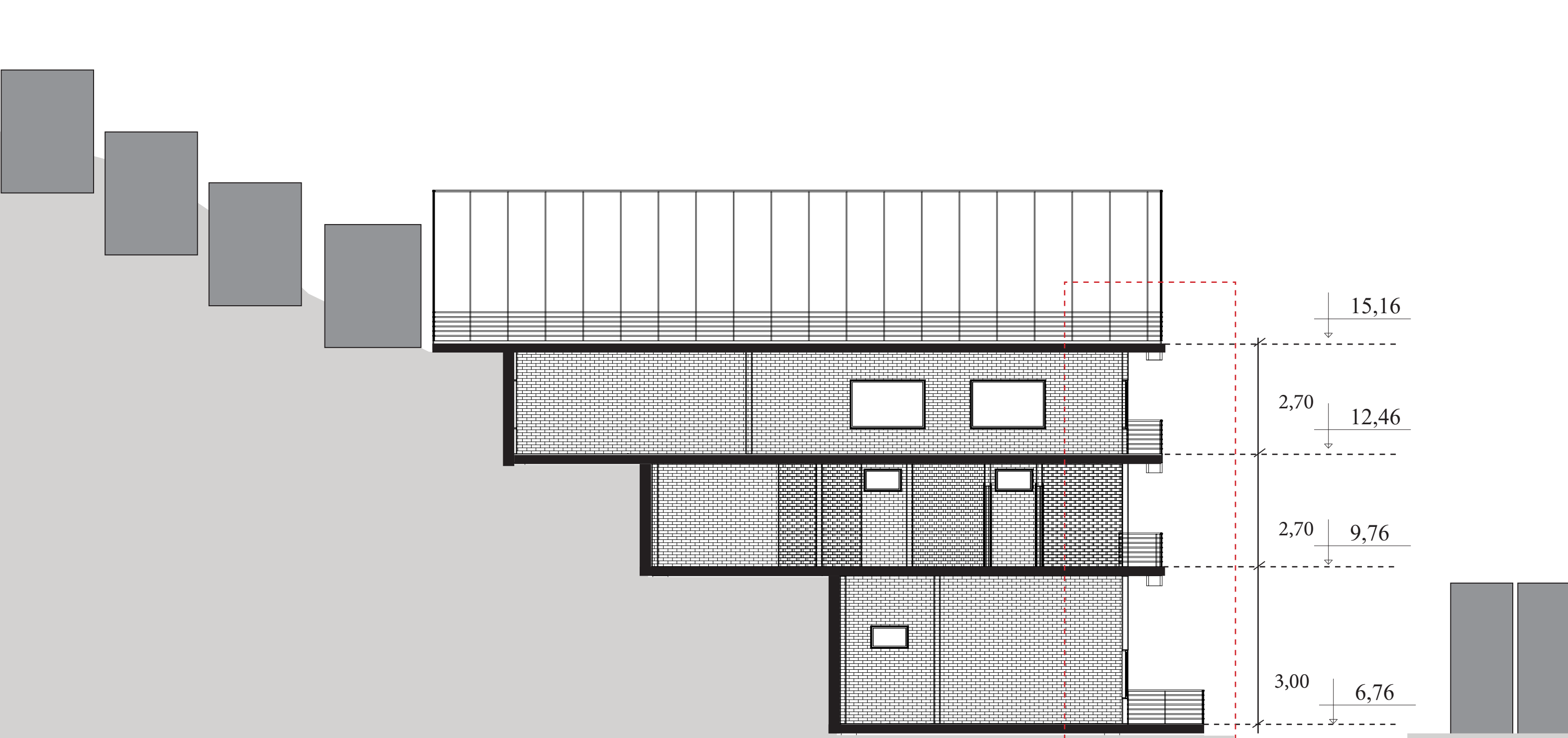


PLANTA BAIXA COBERTURA Esc.: 1:50

Rua Laura Caminha Meira

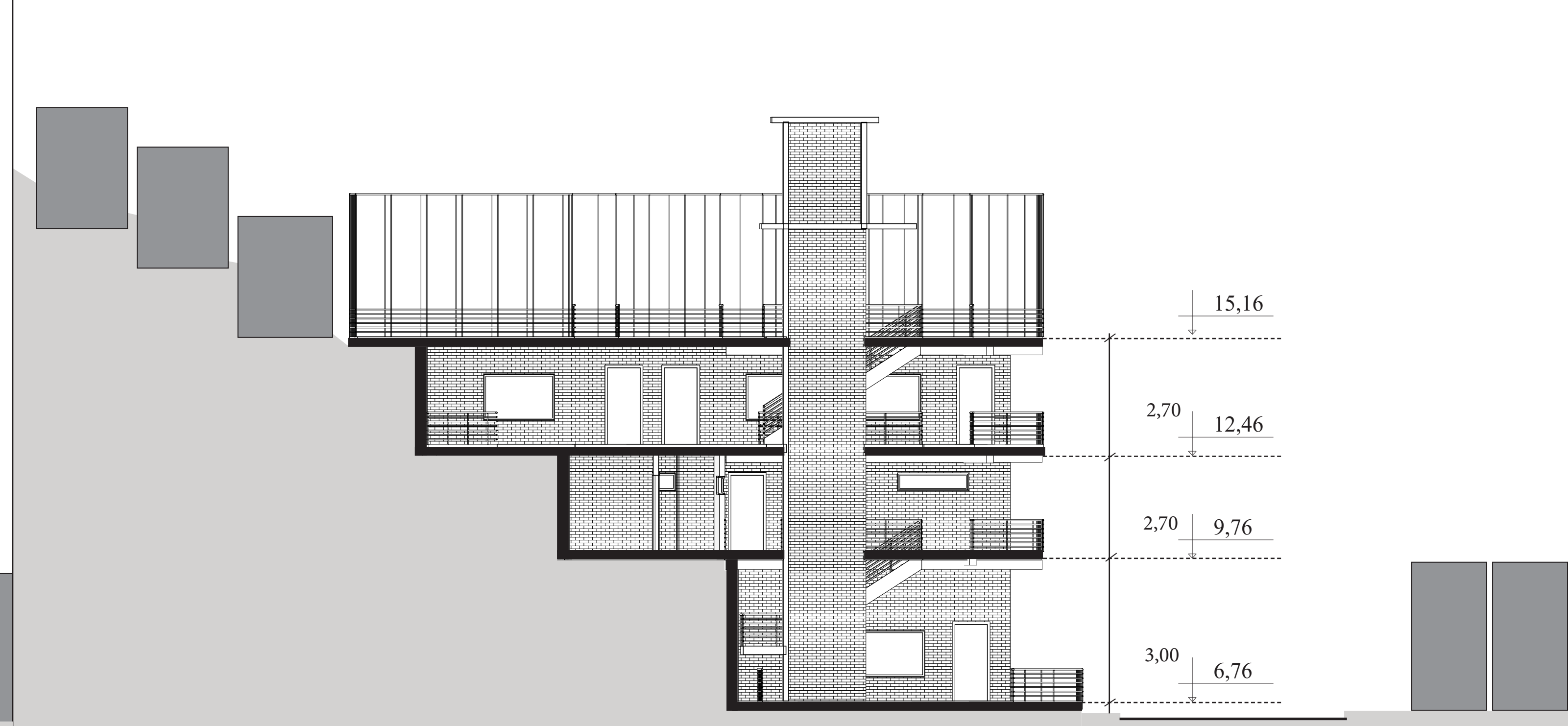
9,94





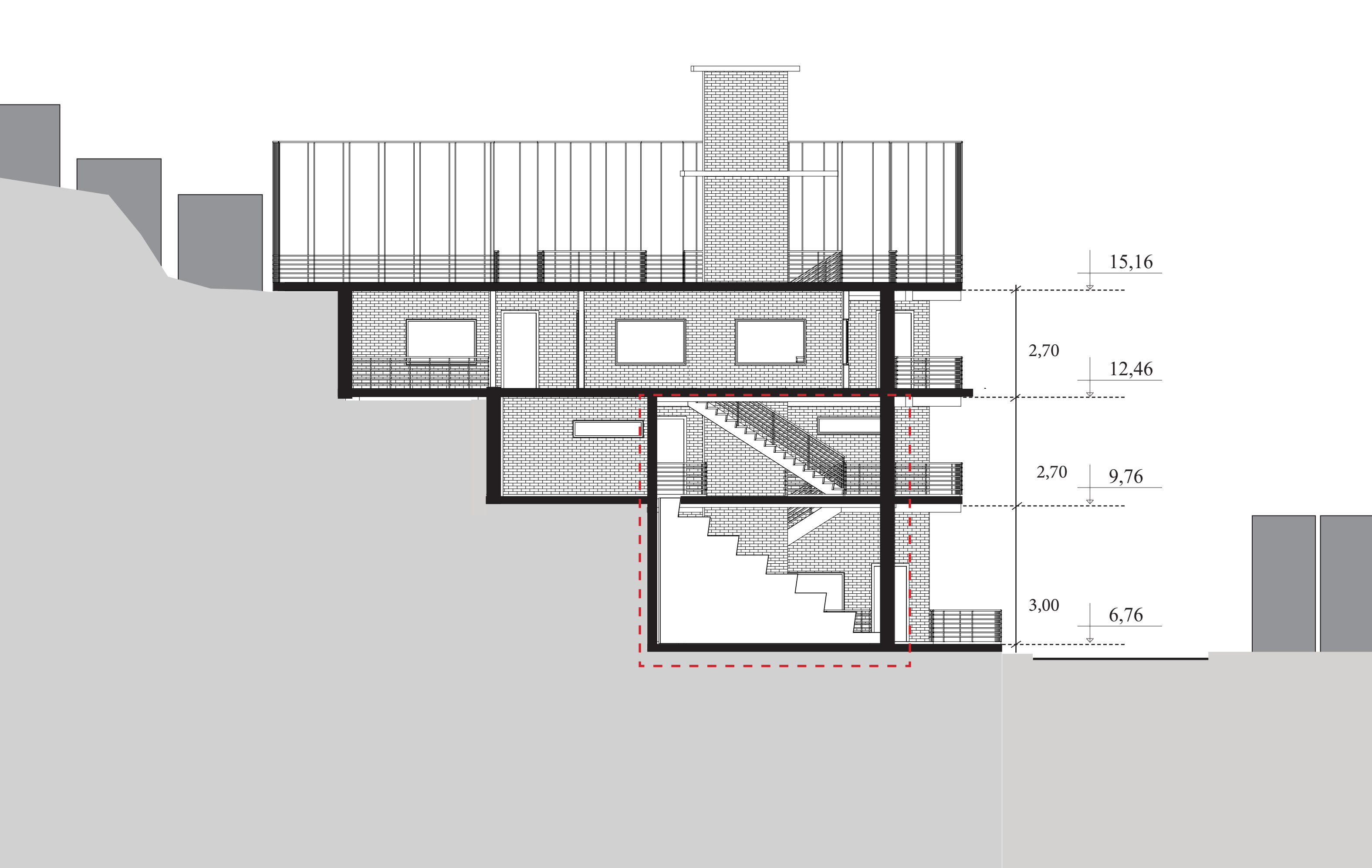
CORTE AA | Esc.: 1:50

84



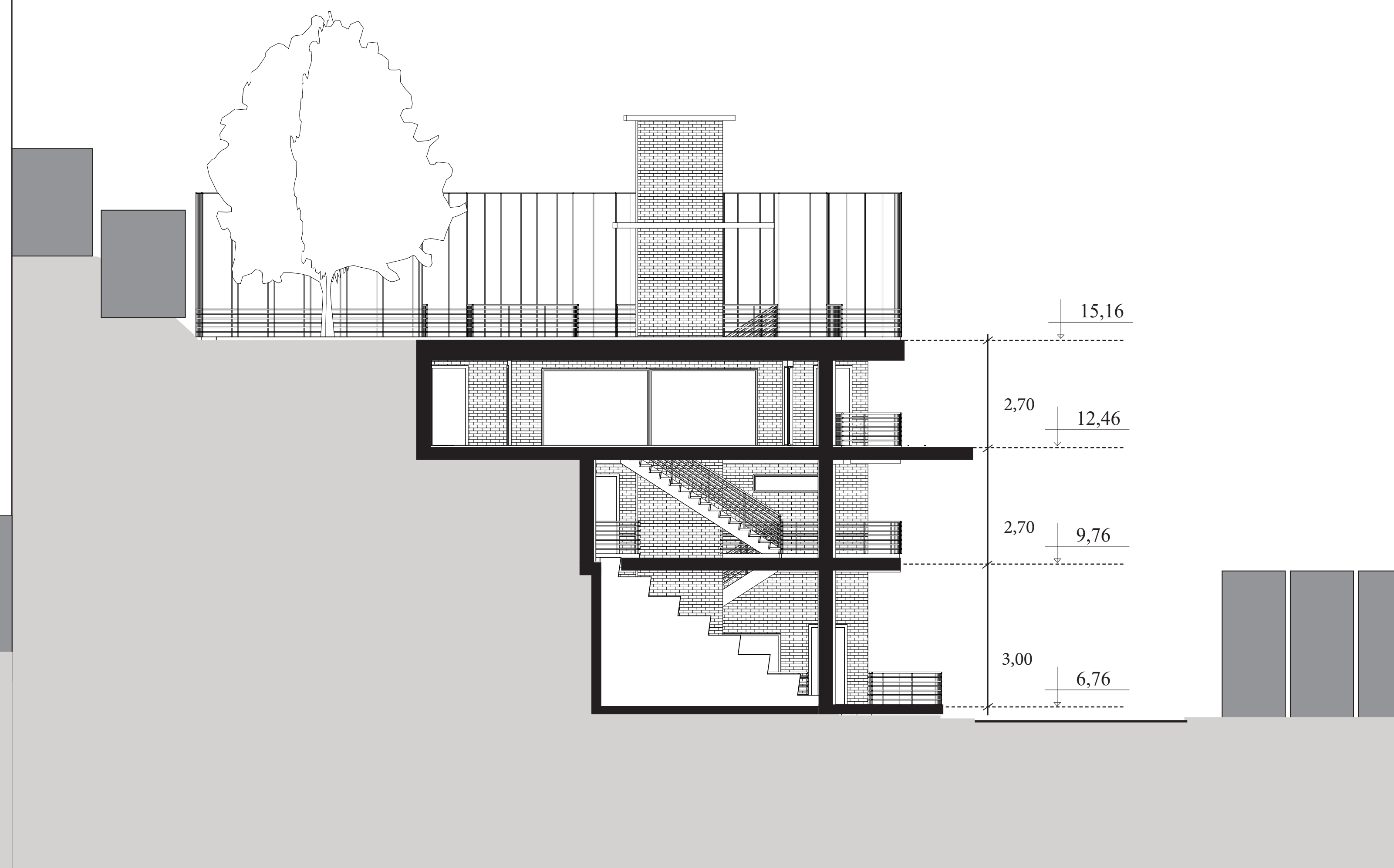
CORTE BB | Esc.: 1:50

85



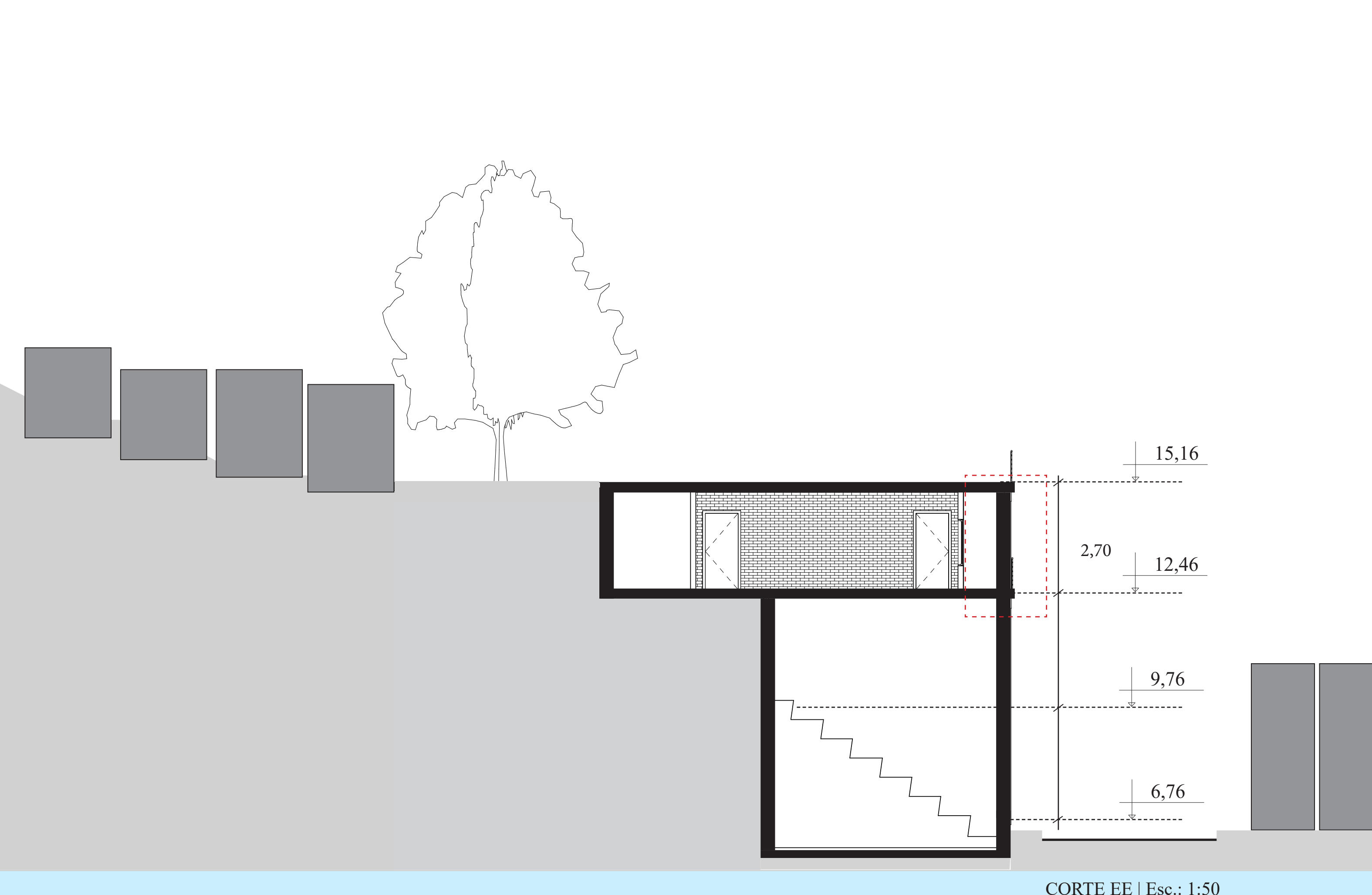
CORTE CC | Esc.: 1:50

86

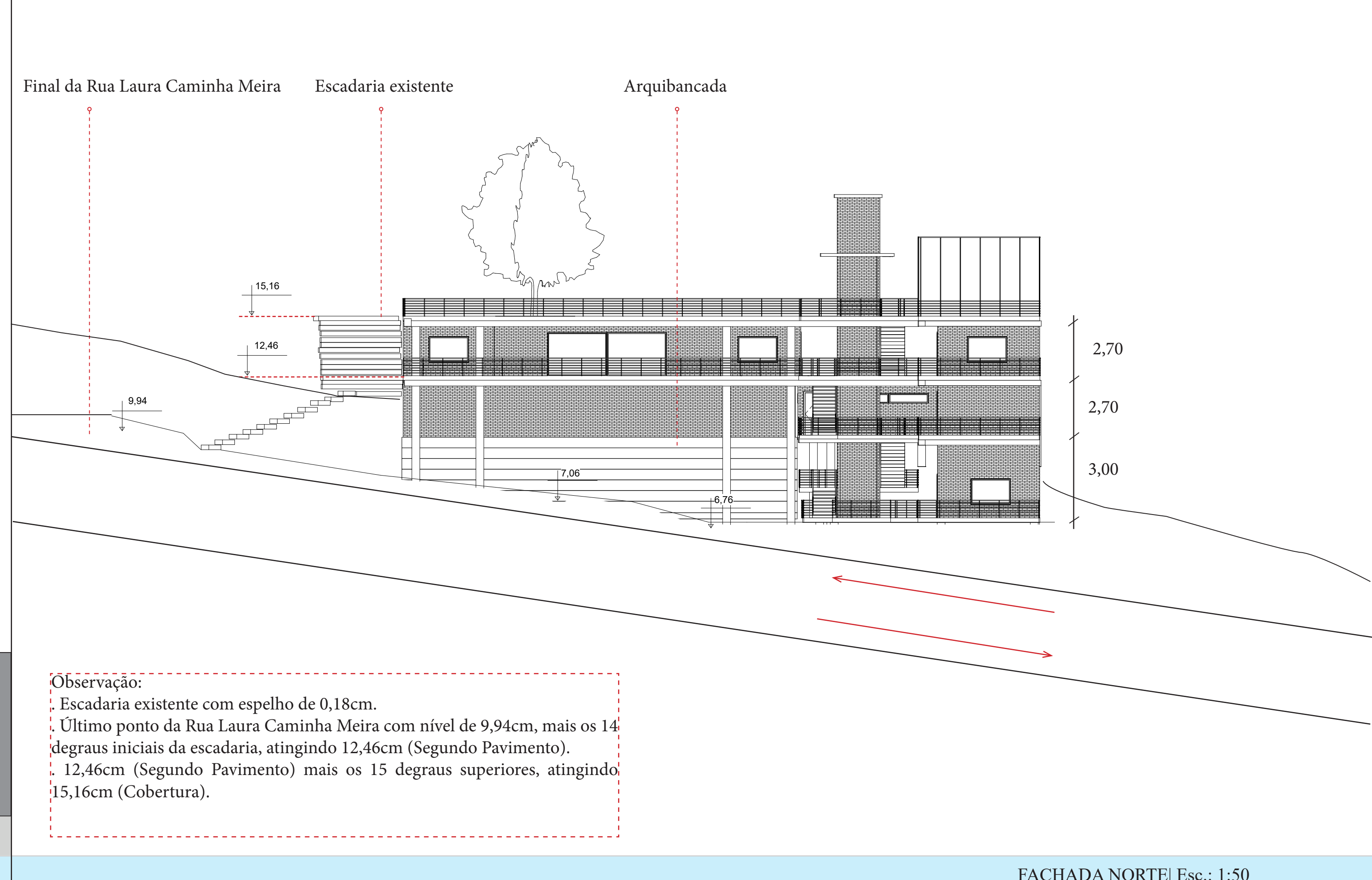


CORTE DD | Esc.: 1:50

87



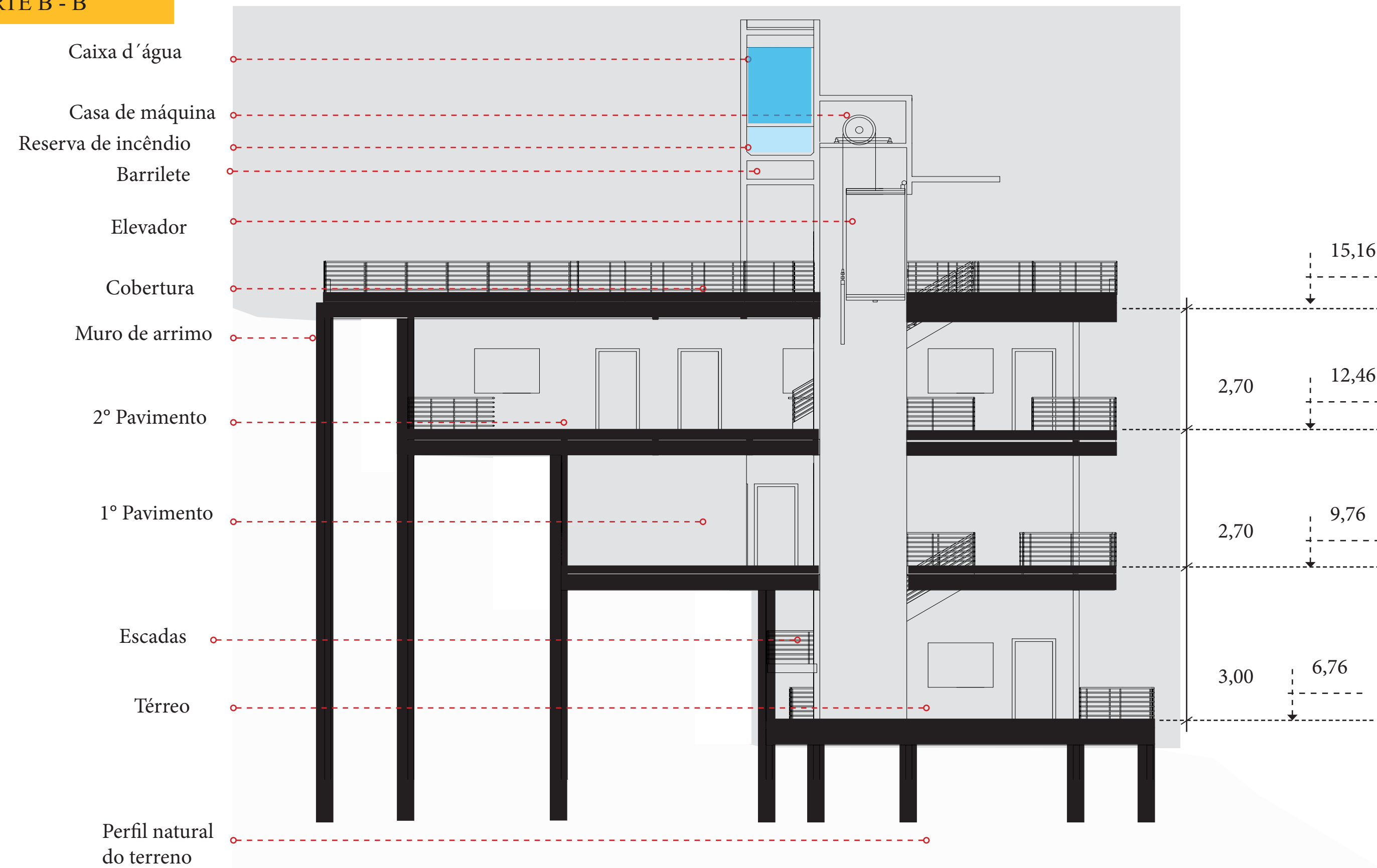
CORTE EE | Esc.: 1:50



Observação:
 Escadaria existente com espelho de 0,18cm.
 Último ponto da Rua Laura Caminha Meira com nível de 9,94cm, mais os 14 degraus iniciais da escadaria, atingindo 12,46cm (Segundo Pavimento).
 12,46cm (Segundo Pavimento) mais os 15 degraus superiores, atingindo 15,16cm (Cobertura).

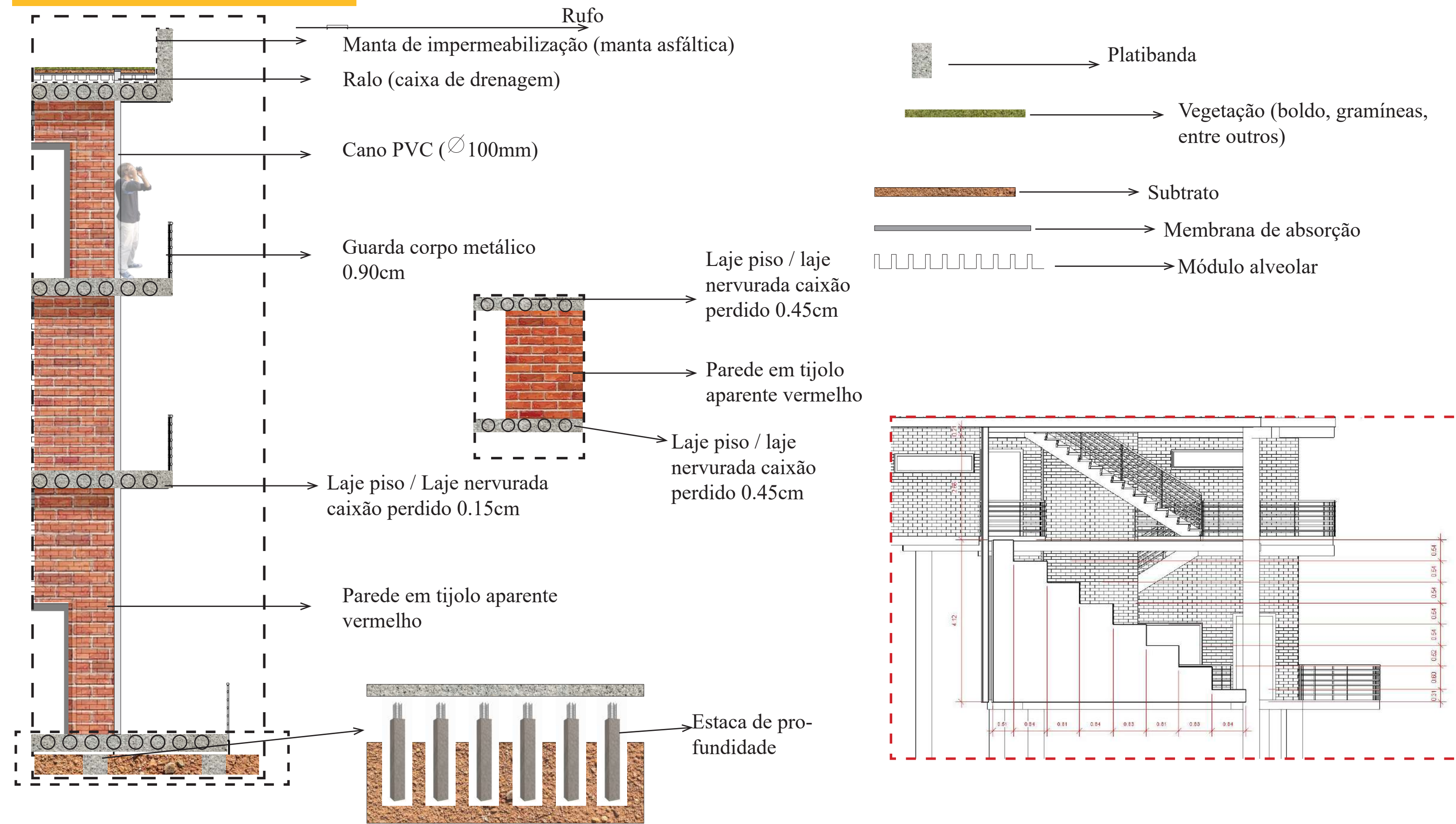
FACHADA NORTE | Esc.: 1:50

10.30 CORTE B - B



CORTEBB | Esc.: 1:50

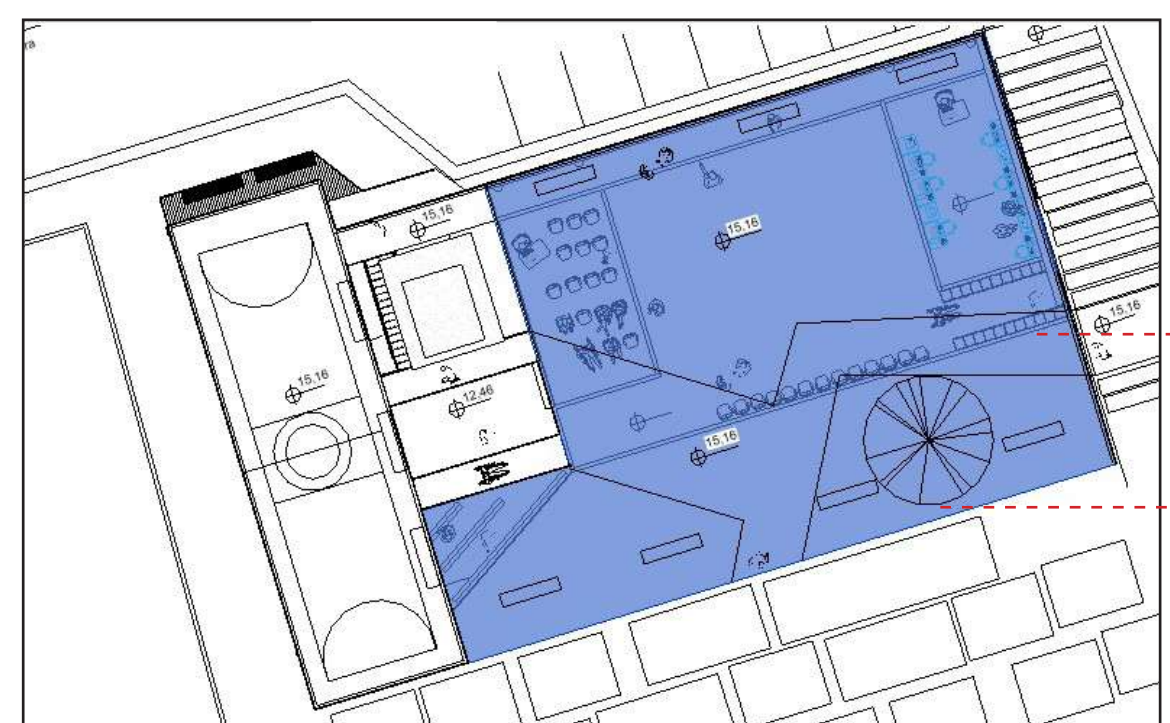
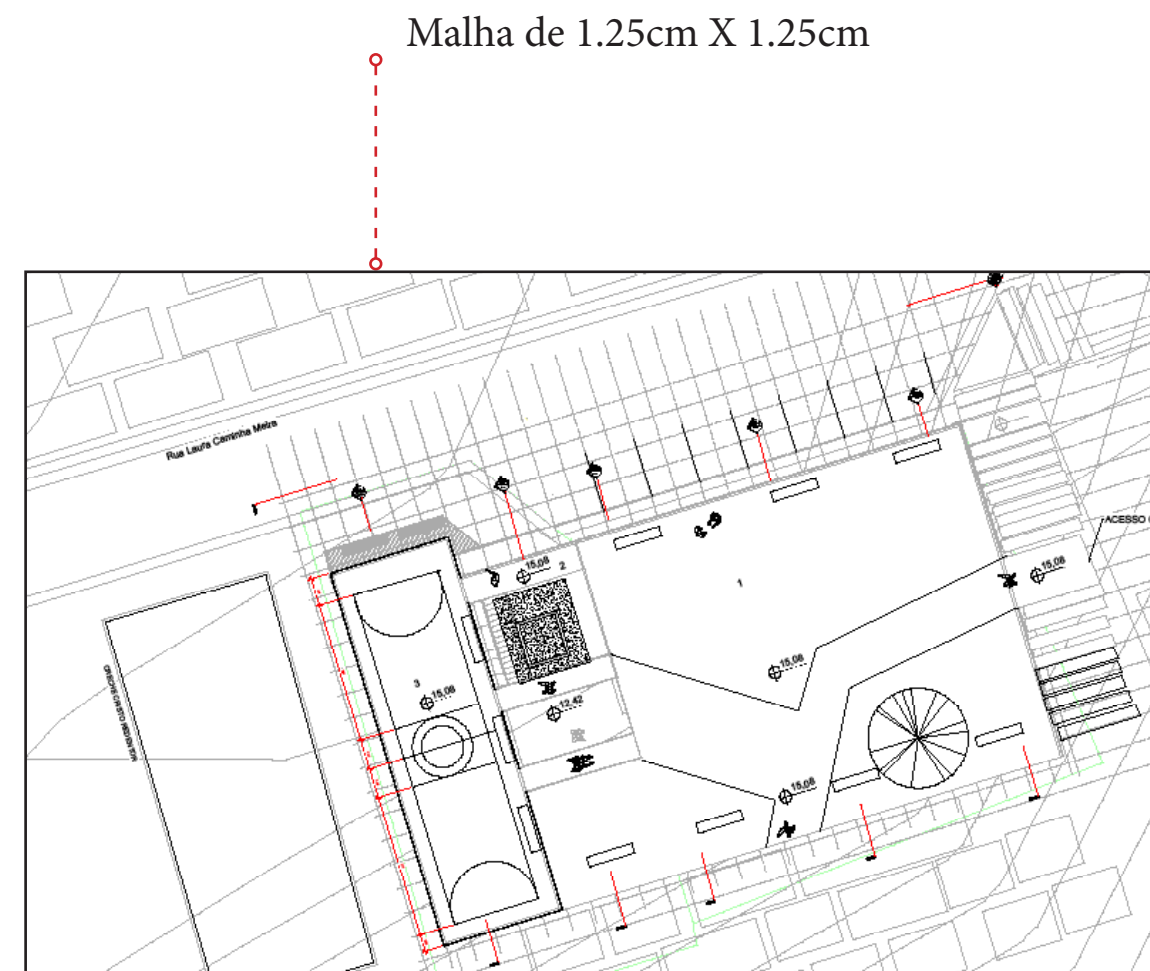
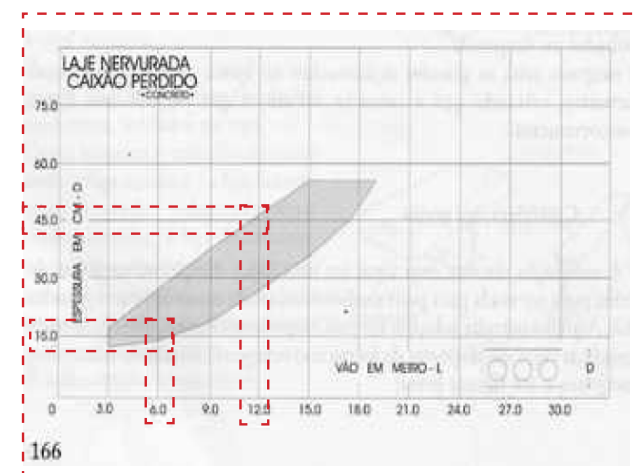
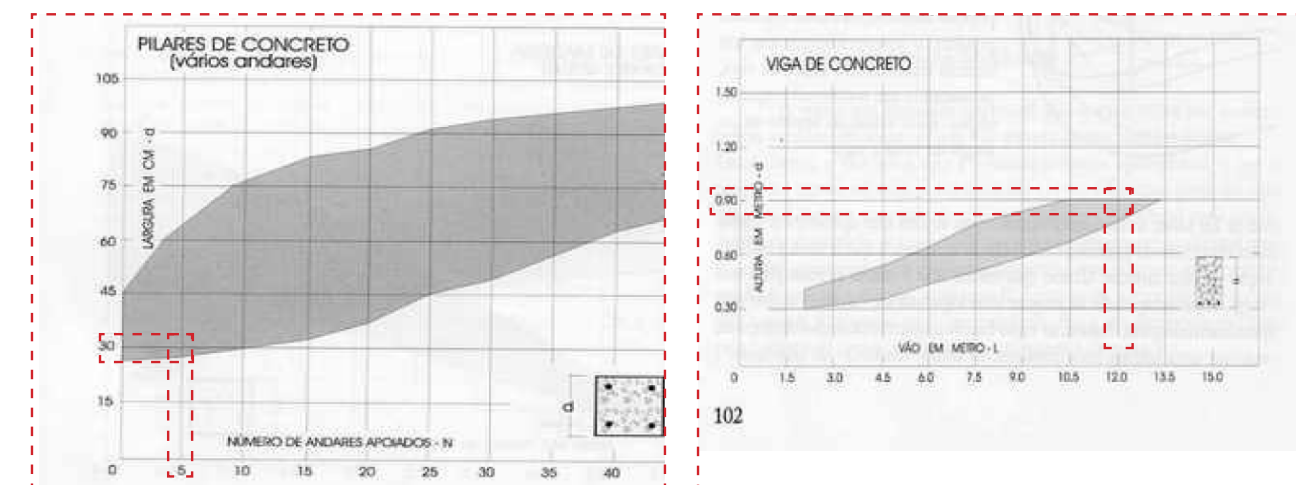
10.31 CORTE SETORIAL



10.32 SISTEMA ESTRUTURAL

Para o sistema estrutural do CCMM, uma malha de 1.25 x 1.25 metros, pilares, vigas e lajes foram desenvolvidos com auxílio do livro A concepção estrutural e a arquitetura Yopanan Rebello. Abaixo um gráfico com detalhamento estrutural.

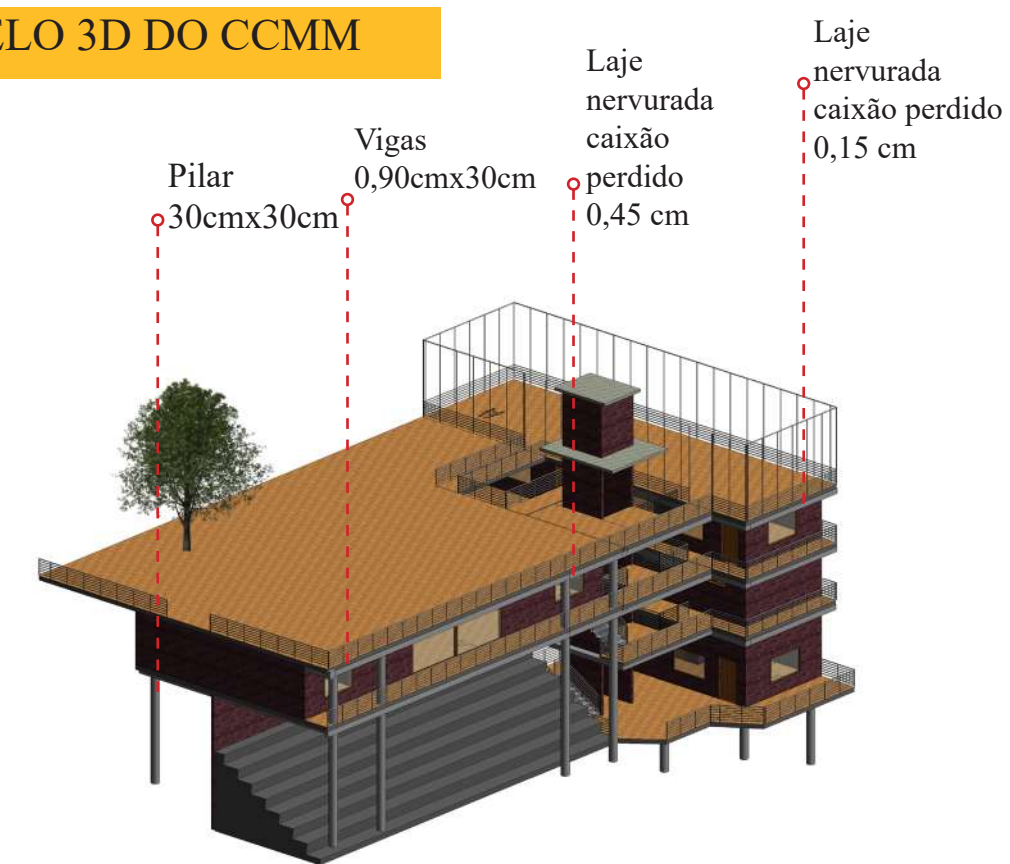
Estacas de profundidade com dimensão de 30cm x 30cm, vigas com altura de 0.90cm, dois tipos de lajes no edifício. Lajes nervuradas caixão perdido de 0.15cm e 0.45cm.



Muro recuado servindo como muro de arrimo.

Terra preservando a raiz da árvore existente.

10.33 MODELO 3D DO CCMM



Fachada norte



Fachada leste



Fachada oeste



Fachada sul



Figura 38: Perspectiva arquibancada e rua Laura Caminha Meira
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.

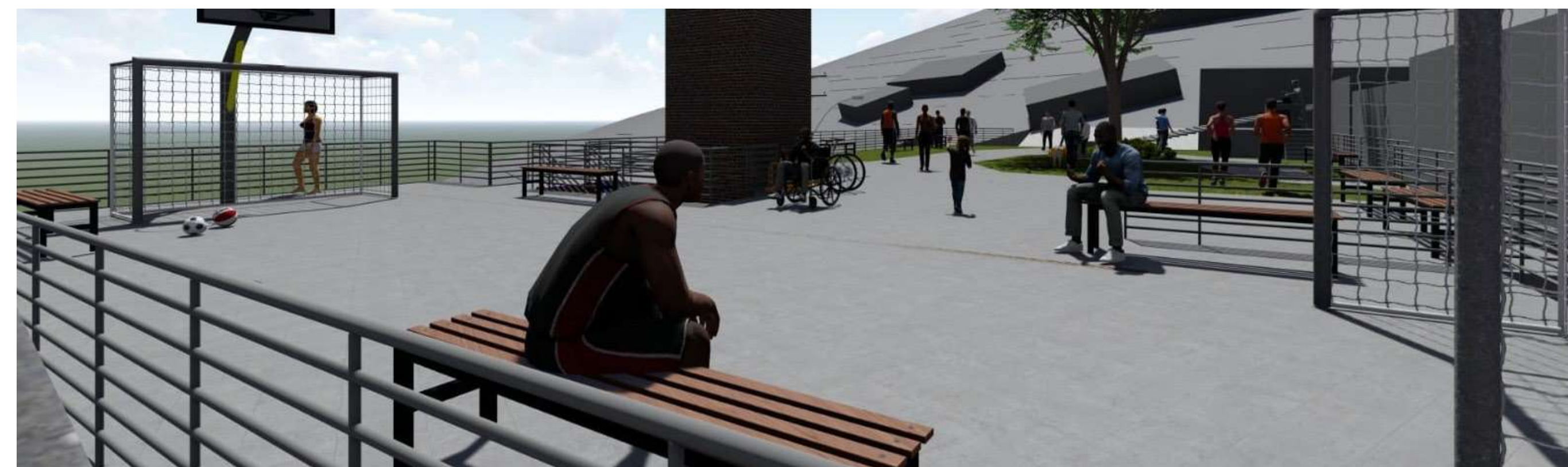


Figura 39: Perspectiva praça do CCMM
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.



Figura 40: Perspectiva corredor do CCMM
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.



Figura 41: Perspectiva corredor do CCMM
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.



Figura 42: Perspectiva cozinha
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.



Figura 43: Perspectiva horta comunitária
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.



Figura 44: Perspectiva refeitório
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.



Figura 45: Perspectiva sala de informática
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.



Figura 46: Perspectiva sala compartilhada
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.

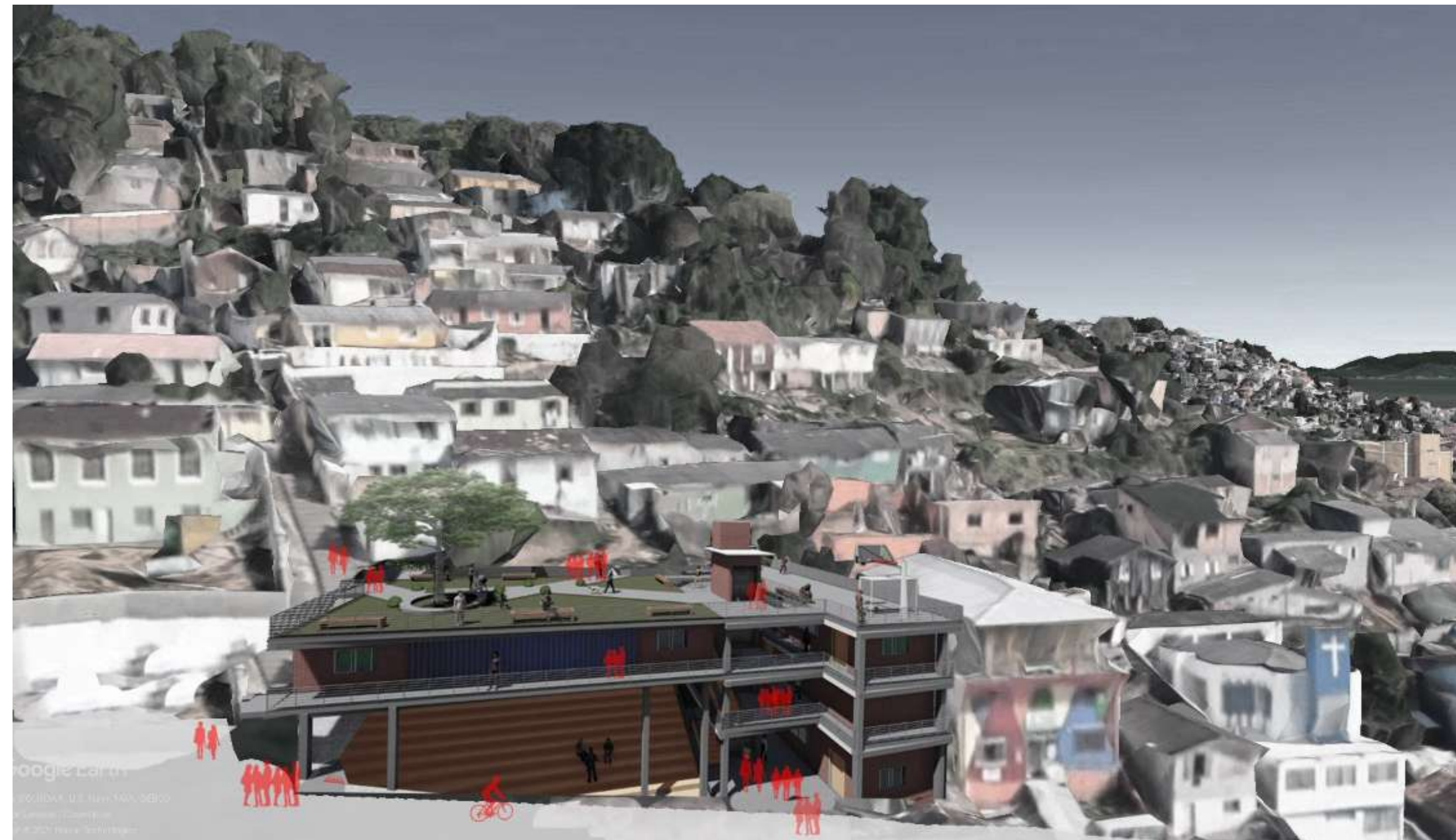


Figura 47: Perspectiva do CCMM
Fote: Acervo pessoal e edição pelo autor.

Primeiramente a Deus, por sempre me dar forças para cada dia levantar e continuar na minha trajetória na vida acadêmica, pessoal e futuramente profissional.

Aos meus pais Solange da Silva Batista e Têlio Edmilson Batista, que nunca pouparam esforços e nem tempo e que me incentivaram nos momentos difíceis, compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

A minha esposa Ana Paula Gozalo por sempre acreditar em mim, me apoiando com paciência nas horas difíceis de estudo e concepção do meu trabalho final. Uma companheira, auxiliadora, forte e perseverante, que me apoia em todas as minhas decisões.

Aos meus irmãos Guilherme da Silva Batista e Leandro da Silva Batista que me incentivaram a chegar até aqui.

Aos amigos: Wellington Augusto Azzi, Anderson Henrique Rosa, Nathan Mattes Schafer, Willian Marques, Jhonatan Andrade, Sanders Salomon e Jonas Hnynya. Por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

Aos meus orientadores Lucas Sabino Dias e Ayrton Portilho Bueno pelo conhecimento, parceria e confiança no meu trabalho, que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de graduação.

E a todos que de alguma forma fizeram parte da minha caminhada para eu chegar até aqui.

MARICATO, Ermínia. Globalização e Política Urbana na Periferia do Capitalismo. *Veracidade*, Salvador, v. 4, n. 4, p. 1-25, mar. 2009.

LONARDONI, Fernanda Maria. Aluguel, informalidade e Pobreza: O acesso à moradia em Florianópolis. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade.

MARICATO, Ermínia. *Metrópole na Periferia do Capitalismo: Ilegalidade, desigualdade e violência*. São Paulo: Hucitec, 1996. 50 p.

A Concepção Estrutural e a Arquitetura Yopanan Rabello.

Santos, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993. 157 p.

VILLAÇA, Flávio. *O que todo Cidadão Precisa Saber Sobre Habitação*. São Paulo: Global Editora, 1986. 55P.

PIMENTA, Luís Fugazzika; PIMENTA, Margareth C. A. Final de Século e Novos Espaços da Pobreza. Os morros de Florianópolis. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2004, Caxambu-M, Pobreza, Desigualdade e Exclusão Social. Campinas:ABEP, 2004.